

O Presidente da República
esta manhã em Cortegaça:

Celebramos o 25 de Novembro recordando o 25 de Abril

O papel das Forças Armadas como garante da soberania popular, a sua subordinação à vontade expressa pelo voto. «sem tentarem interpretar a vontade dos portugueses ou substituir-se à expressão livre dessa vontade que se afirma pelos modos e nos termos legalmente previstos» e a ligação entre o 25 de Novembro e o 25 de Abril — foram sublinhados esta manhã em Cortegaça pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, que presidiu naquela base aérea às cerimónias comemorativas do 25 de Novembro.

Estiveram presentes entre os numerosos convidados e além de altas patentes militares, os conselheiros da Revolução, generais Garcia dos Santos e Franco Charais, os tenentes-coronéis Vítor Alves e Costa Neves, o capitão Marques Júnior e o comandante Almeida e Costa; Vasco da Gama Fernandes, Maria de Lourdes Pintasilgo, Nobre da Costa e Teófilo Carvalho dos Santos. O ex-primeiro-ministro Mota Pinto não compareceu nem se fez representar.

A cerimónia teve a participação dos três Ramos das Forças Armadas e, ainda, da PSP, da GNR e da Guarda Fiscal.

Mas seria sobre o curto discurso do Presidente da República que se centrariam as atenções gerais. Eanes começou por lembrar que haviam passado cinco anos desde que as Forças Armadas se tinham «comprometido a assegurar a transição estável e sem desvios do Movimento Militar do 25 de Abril, para a íntegra e incondicional devolução do poder político aos legítimos representantes dos portugueses escolhidos em eleições livres».

Disse depois que «foram cinco anos em que as Forças Armadas souberam cumprir a responsabilidade democrática dos homens que fizeram o 25 de Abril». O Presidente sublinhou ainda que «podemos olhar com segurança para o futuro, para o trabalho de modernização e desenvolvimento».

Continua na pág. 20

Presidenciais

Págs. 4 a 6

Novo abalo sísmico ao fim da manhã em Nápoles



Laviano, Itália: pais junto do filho de 16 anos morto no abalo sísmico de anteontem à noite. Um padre improvisa um serviço fúnebre. Atrás do grupo, a casa destruída. (Telefoto UPI/Anop/«DL»)

Já são mais de três mil os mortos “oficiais”

Um novo abalo de certa importância, voltou a lançar ao fim da manhã de hoje o pânico na cidade de Nápoles e arredores. Entretanto o balanço final do sismo de anteontem continua a ser impossível de estabelecer. Diferentes departamentos oficiais envolvidos nas operações de salvamento, forneciam esta

manhã números provisórios divergentes. Tudo indica contudo que a nossa manchete de ontem se confirma. Os últimos números do comando militar referem-se a 3132 mortos. O Commissariato Especial do Governo para as regiões sinistradas aponta por sua vez para 1750 mortos, 750 desaparecidos e 1879 feridos. Infor-

mações fornecidas pelas agências noticiosas permitem, contudo, afirmar que grande número de vítimas está ainda por descobrir. Segundo a France Presse, «a contagem dos vivos» efectuada ontem à tarde, na aldeia de Sant'angelo Dei Lombardi, a 100 quilómetros de Nápoles, permitiu estabelecer que

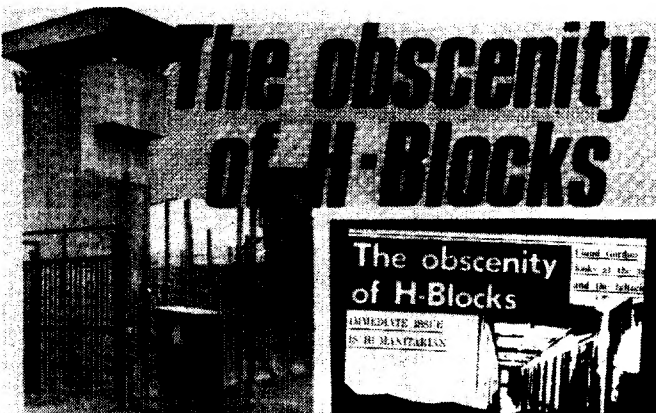
apenas se conhecia o paradeiro de três mil dos cinco mil habitantes inscritos nos cadernos do recenseamento populacional.

Conforme escrevemos na página 13 as equipas de socorro encontram grandes dificuldades em chegar a algumas localidades sinistradas.

Primeiros indícios na Guiné-Bissau de reprivatização do Armazém do Povo

Em Bissau começou o inquérito aos Armazéns do Povo, para esclarecer os casos de corrupção. Da comissão de inquérito faz parte o principal comerciante privado o que, junto às informações de mudanças económicas no sentido da liberalização, aponta para o início do desmantelamento desta empresa pública e a sua reprivatização.

Enquanto isso Luís Cabral continua detido, só se aguardando a sua libertação depois de ter sido desacreditado aos olhos da opinião pública. Rafael Barbosa, porém, saiu da prisão e o «DL» publica hoje (na pág. 3) um estudo exhaustivo sobre a trajetória desse agente duplo. Mais informações sobre a situação na Guiné-Bissau na página 12.



“Homens nus” a caminho da morte

Irlanda do Norte a caminho do confronto

A imagem não mostra a torre de vigia de um campo de concentração nazi. Trata-se da prisão política de Long Kesh, na Irlanda do Norte. Quatrocentos «homens nus» vivem há vários

anos no interior das suas celas no meio das mais degradantes e inimagináveis condições de vida. Sete deles caminham para a morte, por meio de uma greve de fome de protesto. Os outros es-

peram a sua vez para substituir os que caíam. A Irlanda do Norte abeira-se de graves e violentos confrontos. Nas páginas centrais um dossier sobre esse território administrado pela Inglaterra.

EXCLUSIVO

A Inglaterra vai mudar?

Hoje há «Exclusivo»

O novo líder do Partido Trabalhista britânico, o problema da sucessão do general Figueiredo no Brasil e o que Santiago Carrillo disse e ouviu na sua visita à China são alguns dos assuntos tratados no «Exclusivo» de hoje. O nosso suplemento dedicado à vida internacional inclui ainda uma entrevista com Ben Bella e artigos sobre a Polónia, El Salvador e Turquemenia, bem como o início de um estudo de J.M. Théolier sobre o neonazismo em França.

“Informação 2” volta à TV Candidatos às Presidenciais todos com 20 minutos nos debates não diários

O bloco noticioso do Canal 2 da Radiotelevisão, também designado por «Informação 2», reapareceu ontem, após um mês de suspensão ordenada pela administração da empresa, com debates não diários de 20 minutos para todos os candidatos à presidência da República.

Transmitida desde 16 de Outubro de 1976, como programa autónomo e de alternativa ao bloco noticioso do Canal 1, «Informação 2» viria a ser suspensa, em 20 de Outubro passado, pelo presidente da Comissão Administrativa da RTP.

Proença de Carvalho, presidente da CA, justificou então a suspensão com a necessidade de uma «reestruturação global», mas, na realidade, «Informação

2» reaparece agora com a mesma equipa, pois nenhum dos respectivos redactores foi transferido.

O único elemento novo em matéria de pessoal é a deslocação de Amaral Pais, do primeiro para o segundo canal, onde vai chefiar a secção nacional de «Informação 2». Barata Feio mantém-se no cargo de director e são chefes de Redacção Carlos Pintos Coelho para os programas não diários, e Amaral Marques para a agenda do dia, incluindo portanto o bloco noticioso propriamente dito.

Além dos 20 minutos não diários, os candidatos à PR terão todos também 2 minutos nos telegiornais.

Casa da Imprensa

A assembleia geral ordinária da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa) reúne-se no próximo dia 2 de Dezembro, pelas 17 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciação do orçamento para o próximo ano; e eleição dos

corpos gerentes para o exercício do biénio 1981/82.

Não havendo número suficiente de sócios, a assembleia efectua-se, em segunda convocação, no dia 10, à mesma hora, com qualquer número de presenças.

Um satélite para Portugal na próxima década

Vantagens

A principal vantagem para Portugal reside no facto de vir a dispor de comunicações de qualidade e directas com um grande número de países europeus, sem utilizar meios intermédios estrangeiros.

O sistema «Eutelsat» facilitará ainda a distribuição de programas da Eurovisão, além que o satélite «ECS» permite efectuar doze mil chamadas telefónicas e transmitir dois canais de televisão simultaneamente.

A maior parte das ligações telefónicas de Portugal com a Europa são hoje feitas por intermédio de via terrestre ou cabo submarino.

A «Eutelsat», organização surgida a partir da Conferência Europeia das Administrações dos Correios e Telecomunicações (CEPT), tomará conta dos satélites quando estes forem colocados em órbita pela agência

espacial europeia.

A agência fornecerá, durante dez anos, as instalações para o lançamento de um total de cinco satélites, que se irão juntar aos milhares de aparelhos que giram actualmente à volta da Terra — cerca de onze mil, sem se contar com os restos de aparelhos já destruídos, destroços à deriva, ou com objectos tão diferentes como uma luva e uma máquina fotográfica perdidas durante missões espaciais norte-americanas.

Independência em relação aos EUA

Alguns observadores notam que o projecto «Eutelsat» expressa o desejo da Europa de se tornar independente dos Estados Unidos em matéria de telecomunicações por satélite, depois de ter construído o seu foguetão de transporte.

O foguetão europeu, «Ariane», lançou o seu primeiro

satélite em Dezembro de 1979, a partir da Guiana Francesa e reanunciou os seus lançamentos operacionais em 1981.

A construção do «Ariane» foi patrocinada pela França, Alemanha Federal, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Holanda, Itália, Grã-Bretanha, Irlanda, Suécia e Suíça. O seu custo foi de 1 milhão e 600 mil dólares.

Desde 1974 que Portugal utiliza outro sistema de comunicações via satélite, este de âmbito mundial, o «Intelsat», que reúne mais de 100 países e para o qual montou estações terrestres em Sintra, S. Miguel (Açores) e em dois países africanos de expressão portuguesa — Angola e Moçambique.

Este sistema proporciona ligações directas com esses países africanos e com a África do Sul, Estados Unidos, Canadá, Brasil e Venezuela — e funciona também para a transmissão diária de serviços da Radiotelevisão para os Açores.

“The Times”: começou emissão de notas de despedimento

«The Times», «The Sunday Times» e os seus três suplementos começaram a emitir as notas de despedimento para os seus 4200 empregados, depois de terem anunciado que as publicações fecharão em Março se não

houver comprador.

Todas as notas de despedimento serão entregues até ao fim desta semana — segundo um porta-voz da empresa.

A menos que seja encontrado um comprador «conveniente»,

«The Times», publicar-se-á pela última vez em 14 de Março do próximo ano, «The Sunday Times» acabará no dia 8 do mesmo mês e os suplementos literário, de educação e educação superior no dia 13.

Há entretanto, um «grande interesse» pela licitação dos títulos, que, segundo o mesmo porta-voz, deverá estar concretizada em fins de Dezembro. Um dos interessados é Robert Maxwell, antigo parlamentar e proprietário do «Pergamon Press».

Caminhos de Ferro Portugueses

LISBOA - ALGARVE - LISBOA

COMBOIO “SOTAVENTO”

Informamos os Srs. Passageiros de que desde o dia 27 de Outubro de 1980 e até aviso em contrário, o comboio «Sotavento» passa a prestar serviço de 1.ª e 2.ª classe.

**ALUGUER
DE TELEVISÃO A CORES
PROCESSO UNIVERSAL**
NÓS EXISTIMOS COMO
UNICA EMPRESA CAPAZ DE
SOLUCIONAR DE IMEDIATO
ESSE PROBLEMA
DIRIJA-SE

**TV
NEWCOLOR
NOVA CÔR**

AV. ALVARES CABRAL, 60
TELEF. 682128
BREVEMENTE NOVAS INSTALAÇÕES
AV. ALMIRANTE REIS, 94-B
TELEF. 841792/840439

PUB.



**SINDICATO NACIONAL
DOS TRABALHADORES
DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL**

Direcção Regional de Lisboa

MOÇÃO

**DISCRIMINAÇÃO DO SECTOR
EDUCATIVO DO M.A.I.**

O sector educativo dependente do M.A.I. (Educadoras de Infância e Auxiliares de Educação) em funções nas autarquias vê a sua situação profissional marginalizada.

Depois de uma reestruturação para a Administração Local (D.L. 466/79 de 7/12) que manteve este sector na mesma, saiu 20 dias depois o Decreto-Lei 513 M/79 que promove estas categorias a partir de 1/1/80.

Por razões meramente burocráticas, na maioria das autarquias não foi aplicado o referido decreto.

Em 6/10/80, pelo Decreto-Lei 485/80 é abrangido todo o sector educativo do M.E.C. e M.A.S. com a respectiva retroactividade mas não se verificando a sua extensão ao M.A.I. — PORQUÊ?

Incompetência do M.A.I.?

Gosto pela burocracia?

A Direcção Regional de Lisboa do S.T.A.L. denuncia a marginalização que de um modo geral os trabalhadores das autarquias são alvo, sendo este apenas mais um caso a juntar a tantos outros e exige a saída imediata do respectivo diploma, a fim de acabar com esta injustiça.

— Pela aplicação do 513 M/79 ao Sector Educativo da Administração Local

— Pela aplicação da Constituição, trabalho igual — salário igual

Loures, 19 de Novembro de 1980

P'a Direcção Regional
(assinatura ilegível)

**Requintado na precisão
rigoroso na elegância**



SEIKO Com Célula Solar

**O companheiro certo
palpitando ao ritmo da vida moderna**

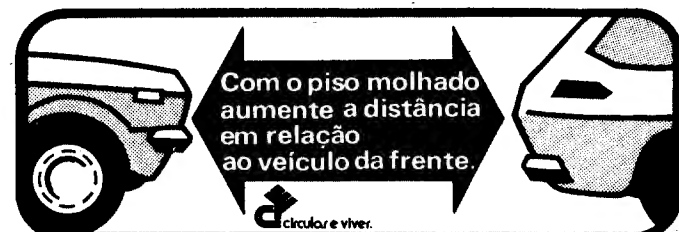
REPRESENTANTE
EM PORTUGAL

MOTOPÊÇAS

R. António Enes 25 C. 1000 Lisboa. Tel. 519620 559667 560556

AGENTES

Patrão Joaquina R. Serpa Pinto 51 Tomar
R. Visconde da Luz 104 Coimbra
Rosa Joaquina R. Henrique Sales 7-A Caldas da Rainha
Pr. do Bocage 120 Setúbal
Moisés Joaquina Av. Heróis de Angola 13 Leiria
Oliveira S. Francisco
Oliveira Relojoaria
Oliveira Relojoaria
R. Sa. Nicolau 71 Santarém



ponto a ponto



● O Presidente Ramalho Eanes, ao tomar conhecimento do grave sismo que atingiu a Itália, endereçou um telegrama ao presidente italiano, Sandro Pertini, em que exprime em seu nome pessoal e no do povo português «a mais sincera solidariedade nesta hora de luto para o povo amigo de Itália».

● O Movimento Democrático de Mulheres (MDM) denunciou a acção das forças policiais americanas sobre uma manifestação de mulheres que exigiam em Washington, no passado dia 18, o fim da corrida aos armamentos. «No país que se diz defender os direitos humanos, estas mulheres que se manifestavam pacificamente e por um objectivo justo, humano e necessário, foram brutalmente reprimidas, tendo sido 150 mulheres presas, 34 condenadas e 60 perseguidas» — afirma-se no comunicado do MDM.



● Numa iniciativa do Banco Português do Atlântico, começou ontem no Hotel Estoril-Sol o X Seminário para Banqueiros Estrangeiros. A sessão inaugural foi presidida pelo presidente do BPA, eng. Jardim Gonçalves, sendo a mesa constituída pelo prof. Jacinto Nunes (governador do Banco de Portugal), prof. Erik Lundberg, dr. Valentim Xavier Pintado dr. José Silva Lopes, dr. Raul Capela (gestor do BPA) e dr. José Palla e Carmo (director do BPA).



● A convite do Partido Socialista Francês, Mário Soares deslocar-se-á a Valencay, no Loire, a fim de participar num colóquio sobre o tema «Biologia e Desenvolvimento», a decorrer nos dias 4 a 6 do próximo mês. Entretanto, o dirigente socialista enviou ao presidente eleito do município da Mealhada um telegrama de felicitações.



● Os trabalhadores do «Diário de Lisboa» acabam de ser contemplados com uma oferta de vinte pacotes de café, gentileza que fica a dever-se ao ministro da Agricultura da República Popular de Angola, Manuel Pedro Pacavira. Sensibilizados com o gesto amável do dirigente angolano, aqui deixamos expresso o nosso bem haja, com votos fraternos de muitas felicidades para o povo amigo de Angola.

Libertado pelo golpe de Estado de Bissau

Rafael Barbosa: perfeita história do agente duplo

Figura sistematicamente presente, na luz e na sombra dos últimos trinta anos da política guineense, Rafael Barbosa foi libertado pelos golpistas de 14 de Novembro, quando aguardava a leitura da sentença em segundo processo, sob a acusação de conspirar contra o PAIGC.

Já tinha sido condenado à morte em 1977, vindo a sua pena comutada em 15 anos de prisão por decisão de Luís Cabral. A libertação anunciada pelos autores do golpe, mas ao que parece ainda não concretizada totalmente (diz-se que o seu processo seria revisto mas que ele ficaria em liberdade) foi entendida por muita gente como um sinal claro da natureza direita para que pende o novo regime, por influência de alguns dos seus mentores. É que Rafael Barbosa, como o prova o texto, que publicamos, era informador e colaborador da PIDE.

Um desses mentores, o assessor do Conselho da Revolução para os assuntos jurídicos é, exactamente o ex-procurador Geral da República, dr. Cruz Pinto. O defensor oficioso de Rafael Barbosa, acusou-o em processo de ter apadrinhado e fomentado algumas irregularidades processuais contrastando com a liberdade que lhe foi consentida pela Polícia para preparar a

defesa e dar um carácter sério ao julgamento. Cruz Pinto foi o homem que mais se bateu pela condenação de Rafael à morte, pena de que aliás é um notório e conhecido defensor.

Ainda há meia dúzia de meses apenas ele próprio mandou seguir um Tribunal para a ilha de Carache, já acompanhado do pelotão de fuzilamento, para julgar e eliminar seis presos de delito comum que tinham tentado fugir. Sabido isto, soam a falso certos pruridos manifestados, agora, para acusar Luís Cabral, com o mais evidente oportunismo.

Quanto a Rafael Barbosa, parece-nos oportuno no momento em que o novo poder em Bissau se vai definindo, traçar-lhe o retrato completo e relatar a sua trajectória de agente duplo que tanto fornecia informações à PIDE, para isso sendo remunerado, por vezes, como prestava serviços importantes na luta clandestina do PAIGC.

Os dados recolhidos para este «retrato» resultaram de testemunhos de participantes no processo e personalidades com acesso aos autos, e de pesquisas nos arquivos tendo sido comprovados, inclusive, durante o primeiro julgamento público.

Daniel Reis

Período 1950/59:

Rafael de Paulo Gomes Barbosa, casado, nascido em 3 de Março de 1927, natural de Bissau e descendente de caboverdianos, dede o início da década de cinquenta tenta organizar a resistência anticolonial criando em Bissau diversos grupos políticos clandestinos.

Em 1959 reúne-se com Amílcar Cabral para a integração desses grupos, que ele dirigia, no PAIGC, o que Rafael Barbosa aceita passando a fazer parte do Partido. Relativamente a essa reunião, Amílcar Cabral disse, no Seminário de Quadros realizado em 1969, em Conakry, que «foi nessa altura, também, que o PAIGC conseguiu integrar no seu seio alguns pequenos grupos formados em Bissau e que estavam ligados, como vos disse, a Rafael Barbosa».

Nessa altura, data da reunião com Rafael em que estiveram presentes Aristides Pereira e Fernando Fortes, entre outros, Rafael passou a ocupar o cargo de secretário de Controlo.

Segundo Cabral essa reunião «foi decisiva para tudo quanto aconteceu posteriormente na luta pela independência». Rafael Barbosa começa a trabalhar, activamente, para o PAIGC, indo para o mato mobilizar pessoas para a luta de libertação. E esse trabalho em prol do Partido, nesta fase decisiva, que faz com que Rafael Barbosa passe a ser admirado por todos os militantes do PAIGC.

Período 1962/64:

Em 1962, depois de um trabalho intenso, Rafael é preso pela PIDE nos arredores de Bissau, onde se encontrava em trabalho clandestino. Torturado, é libertado em 1963 para em 64 ser de novo preso. E nessa situação que se encontra até 1969.

Durante esses anos de cativeiro Rafael Barbosa, mesmo na prisão, desenvolve intenso trabalho de mobilização pois conseguiu contactos com o exterior que lhe permitiram continuar a orientar os trabalhos clandestinos. Relativamente a esse trabalho desenvolvido dentro das prisões da PIDE, Cabral dá-nos notícia no Seminário de Quadros dizendo que «nalgumas cidades, durante muito tempo, mesmo em Bissau, a nossa organização trabalhou regularmente, mesmo com Rafael na cadeia. Tínhamos sempre ligações e ainda temos. No calabouço ele fez também algum trabalho».

Durante todo esse período de 1960 a 69 Rafael Barbosa fez passar para o Partido dezenas de militantes alguns dos quais ocupam hoje postos dos mais elevados no PAIGC.

Período 1969/74:

Em 1969, Spínola libertou algumas dezenas de presos políticos entre eles Rafael Barbosa. Na altura da libertação e na cerimónia propagandística então realizada, Rafael Barbosa fez um discurso em que a acção de

Spínola era elogiada.

Gozando de liberdade vigiada, Rafael Barbosa continua a trabalhar para o Partido como responsável da Zona de Bissau, conhecida por Zona Zero. Entretanto, a PIDE tinha infiltrado agentes seus na rede clandestina de Bissau. Rafael, que desde a primeira hora tinha sido aliciado para colaborar com a PIDE, nomeadamente através dos inspectores major Carvalho Teixeira e Costa Pereira, começa a dar colaboração à PIDE ou, pelo menos, a facilitar-lhe certas informações. No entanto, continuou a coordenar o grupo de Bissau, mantendo contacto com a direcção do Partido, nomeadamente com Amílcar Cabral, por intermédio, entre outros, de Adulay Djari, que era da PIDE, desde 23 de Novembro de 1971.

No seio do sector clandestino há uma certa conspiração contra Rafael Barbosa — luta pela chefia — também fomentada por elementos da PIDE infiltrados na rede, tais como Malam Daramé, da ANP e Duarte Raimundo Cabral, entre outros.

No quadro da colaboração que teve com Spínola, Rafael acompanhou este general a Caboxanque e nessa operação fez um discurso. Isto em Março de 73.

Spínola ordenou ao Batalhão de Engenharia do Exército para conceder seis mil escudos em material de construção para Rafael Barbosa concluir uma pequena casa que tinha construído em Bissau. Posteriormente, ele próprio perguntou à PIDE quais eram as condições de amortização pois tinha intenção de pagar esse dinheiro. Rafael também assistiu ao chamado Congresso do Povo organizado por Spínola em 24 de Maio de 73.

Muitas missões que Rafael destinava a certos militantes na clandestinidade eram do conhecimento da PIDE mas curiosamente essas missões só eram levadas ao conhecimento da PIDE quando realizadas por agentes da PIDE infiltrados na rede clandestina. Assim aconteceu, nomeadamente com missões confiadas a Duarte Raimundo Cabral e Adulay Djari.

Colaboração directa com a PIDE

Todas as reuniões feitas por Rafael Barbosa com militantes clandestinos, ou a maior parte delas, chegam ao conhecimento da PIDE por intermédio de informações de António Filipe (Filósofo) e Artur Leão (Arus). Alguns militantes presos denunciavam sistematicamente Rafael Barbosa, enquanto que a PIDE dizia a todos os militantes presos para não colaborarem com Rafael porque ele era agente da PIDE.

Entretanto houve colaboração de Rafael com a PIDE na pesquisa de certas informações e um dos agentes utilizados por ambas as partes era Duarte Raimundo Cabral.

Contudo, a PIDE, essencialmente através de um informador



de pseudónimo António, conseguiu conhecer alguns planos de fuga preparados por Rafael, pois esse informador fora destacado pela PIDE, para o controlo das relações de Rafael com a juventude. Foi esse informador que denunciou e levou à prisão por exemplo, o então furriel miliciano Castro Fernandes que fazia parte da rede clandestina.

Por intermédio do informador Fava, a PIDE conhece o conteúdo das reuniões de Rafael Barbosa com os militantes e por intermédio do informador Pato a PIDE sabe que certos militantes pretendiam pôr bombas na sua delegação em Bissau. Entre estes militantes, que foram denunciados, estão Aliu Djari Djaló e José Carlos Schwartz, este último acusado de ter transportado bombas para Bissau. Isto provoca a prisão dos dois militantes clandestinos do PAIGC.

Devido à entrada das bombas em Bissau Rafael voltou a ser preso e entregou alguns desses engenhos. Toda esta acção da PIDE no seio da rede clandestina nos anos 71, 72, e 73, permite a esta polícia a detenção do grosso dos activistas dessa rede, que vai sendo desmontada, e que em 73/74 leva de novo Rafael Barbosa à prisão com toda a sua família, incluindo uma filha de 11 anos de idade.

Contudo, Rafael sabe que há elementos da PIDE no seio da rede e tende a jogar com isso fornecendo informações à PIDE, que já estavam na posse dos elementos infiltrados ou que era muito provável que estes já conhecessem por participarem nas reuniões ou em missões concretas.

De facto, por algumas destas actividades, Rafael era compensado com auxílios financeiros da PIDE.

Mas na rede clandestina notava-se a formação de uma nova direcção para afastar Rafael Barbosa com o fundamento de que a rede anterior já estava descoberta. Nessa luta, não é estranha a influência de Momo Touré, que viria a matar Amílcar Cabral.

Suspeitas de participação na morte de Cabral

Quanto à questão da morte de Cabral, não há provas seguras

da participação de Rafael mas devido a essa «entourage» suspeita-se da sua participação sem que nada tenha ficado claro. Por isso, dadas as implicações desse facto, no seio do Partido, esta questão acabou por ser, apenas, aflorada na acusação contra Rafael, no primeiro julgamento. Não foi discutida, em tribunal: somente abordada nos termos da acusação.

Há de facto, algumas ligações entre Rafael Barbosa, Momo Touré, e Aristides Barbosa (estes dois últimos agentes directos da morte de Cabral) durante a clandestinidade e antes destes partirem para as zonas libertadas. Só que não é claro se o processo de fuga destes dois tem a participação de Rafael, assim como não se sabe se este último aprovou, ou não, a saída de Aristides e Momo para Conakry. Não se conhece, claramente, o conteúdo, dos contactos entre eles, depois dos primeiros terem partido.

Rafael Barbosa na sua actividade clandestina infiltrou militantes no seio dos comandos africanos e deles tirou informações de planos militares, que transmite ao PAIGC.

São militantes nos comandos o furriel miliciano Saeg (irmão de um criminoso de guerra do mesmo nome), Zamora Barbosa e outros.

Rafael chega a avisar o PAIGC de uma conta aberta em Nova Iorque pelo governo colonial, numa altura em que Cabral ia à ONU. Fez o aviso por suspeitar que essa conta seria para pagar agentes destinados a liquidar Cabral. Para além dessa informação há outras também importantes, nomeadamente a presença em Bissau de militares dissidentes do regime de Conakry.

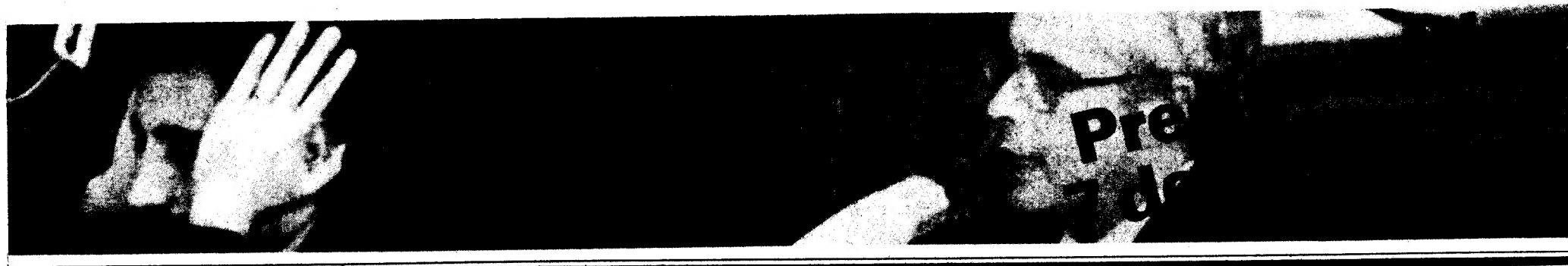
Foi para Morés, com a intenção de ali arranjar algumas bombas, no seio dos guerrilheiros e regressar com elas a Bissau para as entregar à PIDE e assim obter a libertação da sua família. Nessa altura, é preso em Morés pelo PAIGC e desde então, data recente esteve sempre preso à Ordem da Segurança Nacional e Ordem Pública.

Antes disso faz-se notar que todos os contactos de Rafael em Bissau eram vigiados estreitamente pela PIDE. Deu também antes do 25 de Abril, e antes de ser preso, em Morés, uma entrevista filmada a um jornalista francês, entrevista preparada pelos serviços de acção psicológica do Exército e na qual esteve acompanhado por um oficial português.

Nessa entrevista, apesar da ambiguidade das declarações Rafael Barbosa criticava o PAIGC.

Preso em 1974, como disse-mos em Morés e depois da entrada da Direcção do PAIGC em Bissau, é levado para Bolama onde fica instalado numa casa guardada por soldados do

Continuação da página



Otelo
Saraiva
de Carvalho



À procura do entusiasmo de 76

GUIMARAES, 25 — Pouco passava das 22 horas quando Otelo Saraiva de Carvalho entrou ontem no Cinema S. Mamede. Ar cansado, voz rouca: muitos quilómetros tinham ficado para trás, Vila Real, Cachão, Mirandela, Braga. Na banda do cassaco, um cravo daqueles bem vermelhos que a sua arma fez desabrochar, há anos. Quantos? A sua entrada não há palmas. Lá dentro Fausto e Vitorino animavam a sala que estava cheia.

Quando Otelo começava a contar ao «DL» os falhanços que tem havido por razões de ordem técnica nas primeiras horas da campanha — três furos num domingo é de mais — chamavam-no ao palco. Era a hora do comício. E ainda ressoavam os últimos versos da canção: «... Uns vão bem outros mal/E assim se faz Portugal».

Apresentando-se como candidato da Unidade Popular, Otelo começou por recordar a grande votação que obteve em 1976 e considerou que hoje estão criadas as condições para que haja «um apoio ainda maior». Definiu três objectivos fundamentais da sua candidatura: vencer, apesar dos pres-

ságios dos velhos do Restelo; revitalizar o movimento popular, «apesar de se ter perdido a coragem de muitos camaradas que estiveram connosco em 1976»; fazer com que a esquerda possa repensar-se a si própria, fazer a autocrítica e reencontrar os caminhos de Abril, na redescoberta dos caminhos da unidade.

Segundo este candidato a «solução popular» para a crise que se vive no nosso país assenta em três princípios: mobilização política dos trabalhadores; o País deve contar com as suas próprias forças; a luta pela independência nacional tem que ser maior do que antes do 25 de Abril. «O nosso país está hoje muito mais dependente do imperialismo do que estava antes do 25 de Abril» — frisou.

Abordando ainda este aspecto, Otelo Saraiva de Carvalho apontou que pela primeira vez depois do 25 de Abril se criou em Portugal uma brigada mecanizada no âmbito da NATO. Com base no facto de há pouco tempo tropas portuguesas terem participado em manobras militares em Itália, Otelo traça um horizonte sombrio: «Isto significa

que depois de 13 anos de guerra colonial, as mulheres portuguesas se devem preparar para, num futuro próximo, os seus maridos, noivos e filhos virem estropiados ou em caixões de pinho de possíveis guerras internacionais.»

Estratégia militar

Posto isto, Otelo passou à análise dos outros candidatos. «Soares Carneiro é um candidato que, na boa linha geral dos Antónios, se chama António Soares Carneiro»; Eanes «foi sempre contra os principais interesses dos trabalhadores»; Aires Rodrigues defende «um projecto irrealista»; Carlos Brito é «uma candidatura envergonhada»; Galvão de Melo e Pires Veloso não contam.

«Quem domina o pólo do imperialismo é Sá Carneiro e não Soares Carneiro» — diria a seguir Otelo, considerando Soares Carneiro «um fantoche, um títere de Sá Carneiro». E por isso «a luta dentro do capitalismo não é entre Soares Carneiro e Eanes, mas entre Sá Carneiro e Eanes».

Relativamente a ataques que lhe são feitos, designadamente

dizendo que ele anda a brincar Soares Carneiro, Otelo contrapõe o facto de a sua campanha estar a ser desenvolvida segundo uma estratégia militar, com base neste princípio: vencer inimigos intermédios, para ganhar a guerra. Porque a batalha decisiva é a 2.ª volta. Di-lo o estratega de Abril, sem ponta de hesitação, antevendo-se talvez já com Soares Carneiro a disputar o segundo «round».

Ao apontar-se como o único candidato da esquerda, Otelo teve oportunidade de autocriticar-se. «Apesar dos erros, das hesitações ao longo do processo, estive sempre ao lado dos trabalhadores». E acabou por reafirmar a sua intenção de dissolver o Parlamento caso venha a ser eleito, recordando que Alente não teve a coragem de fazer o mesmo e por isso foi morto por aqueles que poupava.

Algum calor, ainda longe, no entanto, do entusiasmo de 1976, fez com que o ânimo de Otelo se reacendesse. As palmas de mais de mil pessoas vivificavam esperanças até então de verde desbotado.

L.H.M.

Em duas palavras

● Realizou-se ontem à noite o primeiro ensaio do escrutínio de 7 de Dezembro.

Cerca de duas mil mensagens foram trocadas entre o Centro de Informática do Ministério da Justiça e todos os governos civis. Funcionários do STAPE e do Instituto Nacional de Estatística participaram no ensaio.

O segundo ensaio do escrutínio efectua-se no próximo dia 4 de Dezembro, segundo revelou uma fonte do STAPE.

Os boletins de voto destinados aos distritos abrangidos pelas regiões militares dos Açores, Madeira e Norte, foram distribuídos na passada sexta-feira. E os que vão ser utilizados nas regiões Centro e Sul seguirão para os seus destinos «dentro de dias».

● Num comício promovido pela candidatura de Soares Carneiro em Bragança, o dirigente social-democrata Carlos Macedo declarou que «existe um acordo secreto entre o general Ramalho Eanes e o Partido Comunista» celebrado nas vésperas do anúncio oficial da candidatura do actual Presidente da República.

O acordo secreto entre o PCP e Eanes, disse Carlos Macedo, prevê a manutenção dos comunistas nos postos que ainda ocupam na administração do Estado, bem como a manutenção do «statu quo» no Alentejo, em caso de uma vitória eleitoral de Eanes.

Em contrapartida destes compromissos, o PCP asseguraria a votação em Eanes.

● O Presidente da República, general Ramalho Eanes, que esta manhã presidiu em Cortegaça às cerimónias comemorativas do 25 de Novembro, tendo em seguida visitado várias localidades, estará presente às 18 e 25, em Bragança, num comício promovido pela sua candidatura. Nesse comício usarão da palavra, além de Eanes, os drs. Luís Carvalho, Cunha Leal e António Arnaut.

As 21 e 30 haverá outro comício em Chaves, em que serão oradores o candidato Ramalho Eanes, o prof. António Aguiar e os drs. António Arnaut e António Reis.

● O general Soares Carneiro participa amanhã em três comícios na região de Lisboa: às 19 e 30 na Praça do Marcado em Odivelas, onde serão oradores Rui Machete, Amaro da Costa e o candidato apoiado pela AD; às 22 horas, no Pavilhão Académico da Amadora, onde usarão também da palavra Sousa Brito e Basílio Horta; dirigindo-se depois ao comício que, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, se inicia às 21 e 30, com a participação de Raul Rosado Fernandes, Carlos Macedo e Nuno Abecassis.

Da parte da tarde, Soares Carneiro, a partir das 15 horas percorrerá a pé algumas artérias de Lisboa. Irá do Largo Camões ao Rossio, e às 16 e 30 deslocar-se-á de metropolitano até à Avenida de Roma, percorrendo depois a pé o caminho até à Praça de Londres.



Pires Veloso

Soares Carneiro

quer mandar na AD?

Pires Veloso que hoje visitou o Vale do Jorão seguindo depois para os Açores foi surpreendido ontem, no Cartaxo por uma manifestação de apoiantes. Numa jornada sem história do Algarve até ao Ribatejo aquela pequena concentração agradeceu sobremaneira ao candidato que resolveu permanecer mais algum tempo na localidade.

Pires Veloso continua a acusar falta de recursos financeiros e publicamente interroga-se sobre as origens dos fundos de que dispõe outros candidatos.

Alenquer, Vila Franca de Xira, Montijo, Setúbal, Cascais foram outras localidades visitadas ontem por Pires Veloso que se prepara agora para penetrar no centro e norte do País onde espera uma recepção condigna com o título que em tempos lhe foi atribuído, o de «vice-rei do Norte». Para já, entretanto, espera-o os Açores.

Em guerra com a AD

O Movimento de Apoio à Candidatura de Pires Veloso (MAVE) contestou ontem um comunicado da comissão distrital do Porto da candidatura de Soares Carneiro.

O MAVE diz não caber «a Pires Veloso a responsabilidade pela rejeição da maioria das bases da AD em relação à figura desconhecida de Soares Carneiro».

A posição do MAVE numa nota, pretende ser uma resposta

a um comunicado da direcção distrital do Porto da candidatura de Soares Carneiro, «que se espraia sobre as alegadas razões do não apoio oficial da AD à candidatura de Pires Veloso».

«Que se saiba — lê-se no comunicado do MAVE — os órgãos dirigentes da AD não mandaram a direcção distrital do Porto de Soares Carneiro para falar em seu nome. Daí, uma primeira e significativa dúvida — é o general Soares Carneiro, por interpostas pessoas, que quer mandar na AD?»

O texto do MAVE recorda que Pires Veloso se recusou «a encabeçar listas de deputados da AD em 1979, precisamente para não ser instrumentalizado por quaisquer partidos».

O MAVE diz ainda que, se a distrital do Porto de apoio a Soares Carneiro «não está mandada para falar em nome da AD, muito menos o está para falar em nome das Forças Armadas, ou arvorar-se na consciência moral do «prestígio do Exército».

Pergunta mesmo se «haverá candidato mais militarista do que o general Soares Carneiro».

O texto do MAVE lembra que «não são os partidos que elegem o Presidente, embora possam apoiar quem lhes pareça o melhor que se identifica com o seu projecto político. Ora — prossegue —, o projecto político de Pires Veloso, sem se esgotar nos partidos da AD, identifica-se perfeitamente com o modelo de sociedade proposto pela Aliança Democrática».

Carlos Brito



Unidade antifascistas

em torno das presidenciais

O candidato do PCP, Carlos Brito, faz hoje uma pausa na sua campanha — irá preparar intervenções na TV e Rádio e os próximos dias de campanha. Hoje, 25 de Novembro. Pura coincidência?

De qualquer modo o candidato comunista, conhecido pela forma serena e dialogante com que enfrenta as situações, tem conseguido ultrapassar, sem problemas, algumas críticas que por vezes surgem nas sessões de esclarecimento em que participa.

Foi o caso ontem, em Sines, quando alguém levantou dúvidas quanto à eventualidade do voto em Ramalho Eanes.

No caso de irmos a indicar o voto em Eanes não o faremos com alegria, aos pulinhos de contentamento, mas com a convicção de que apesar de tudo defendemos o que é essencial para o povo — respondeu Brito.

E pouco depois a maioria da assistência aplaudiria quando informou que, caso venha a desistir, seguramente será a favor do actual Presidente da República, o mais bem colocado para derrotar Soares Carneiro.

Carlos Brito falava na altura para cerca de quinhentas pessoas reunidas no Salão do Povo de Sines, numa sessão dedicada aos trabalhadores do complexo industrial e portuário. A sessão

culminava uma jornada pelo distrito de Setúbal que o levava até aos operários da Qumigal, a uma sessão com cerca de mil reformados e a diversos mini-comícios de rua, em Palhais e Santo António, que contaram com elevada presença de mulheres.

A jornada correu bem — sobretudo o encontro com reformados que excedeu as expectativas. Porém, o ponto mais importante da jornada, terá surgido em Sines, no discurso de Carlos Brito designadamente quando este afirmou: **Há muito tempo que não se caminhava para a unidade de toda a família democrata e antifascista de maneira tão clara como agora sucede com as eleições presidenciais.** Uma síntese feliz.

Na Qumigal almoçou carne guisada com ervilhas num refeitório da empresa. Saudando os operários como **uma das fontes de onde jorra a energia proletária do Partido Comunista**, frisaria: **Encontro-me com as origens do PCP.**

Aqui novos e contundentes ataques a Soares Carneiro, o inimigo principal do regime democrático português.

Ficaremos mais fortes para defender a democracia — disse — deixando aberta a possibilidade de consolidar as conquistas do 25 de Abril.

Galvão de Melo

Ainda a contestação do 7 de Dezembro

Galvão de Melo — que como ontem noticiávamos afirma recusar o «sistema eleitoral» — continua recolhido no seu «quartel-general», a sua casa, preparando intervenções na TV e Rádio. Provavelmente só amanhã será conhecido o seu programa de deslocações a realizar até 5 de Dezembro.

Ontem, no «Q. G. familiar», reuniu com a sua comissão de apoio. Do encontro surgiu um requerimento já entregue na Assembleia da República onde volta a considerar ilegal a marcação das eleições para 7 de Dezembro. Galvão de Melo recusou no entanto entregar o documento a qualquer dos grupos parlamentares tendo-o depositado na secretaria da AR acompanhado por um parecer do prof. Afonso Rodrigues Queiró, da Faculdade de Direito de Coimbra.

No tempo de antena de que dispôs na Rádio, Galvão de Melo, divulgou esta sua iniciativa e explicou-a por um ambiente alegadamente não democrático, não honesto, não consentâneo ao bem comum que estará a rodear a campanha eleitoral em curso.

O candidato da conciliação,

como se apresenta ao eleitorado, acusou o general Ramalho Eanes de ter cometido ilegalidades que permitiram aquele estado de coisas e a AD e o seu candidato, general Soares Carneiro, de as não haverem apon-tado.

Galvão de Melo condenou também a AD por ter falseado a regra-base da democracia e ao apresentar um candidato desconhecido ao eleitorado, impedindo-o de fazer uma escolha consciente.

A propósito da cobertura da campanha eleitoral por certos órgãos de Comunicação Social, falou em suborno e em **traição ao povo e à Constituição**, que atribuiu aos responsáveis da AD.

Neste contexto, nomeou Proença de Carvalho, que, segundo ele, foi colocado na presidência da RTP por Sá Carneiro para servir a eleição do candidato da coligação governamental.

Nas suas críticas ao Primeiro-Ministro e à AD, Galvão de Melo referiu também a passagem por Portugal de Henry Kissinger, interrogando-se sobre se não traduzirá uma iniciativa intervencionista dos Estados Unidos.



Ramalho Eanes



Em duas palavras

● Clima de terror na zona das Antas — ontem à noite quando faltavam 15 minutos para as zero horas, um grupo de jovens da AD Invadiu o Café Itália, situado no Largo Joaquim Pires de Lima, às Antas, no Porto, e agrediu três outros jovens progressistas.

Foi feita queixa na 6.ª Esquadra das Antas, tendo a PSP identificado alguns dos agressores. Segundo informação de uma testemunha dos acontecimentos ao «DL», estas agressões são a concretização de um clima de intimidação que tem vindo a ser implantado na zona.

● Manifestaram o seu apoio à candidatura do general Soares Carneiro, um grupo de trabalhadores sociais-democratas e alunos da Universidade Livre de Lisboa e da Universidade Católica Portuguesa.

Os trabalhadores sociais-democratas aprovaram uma moção durante um encontro nacional realizado no Vimeiro, de apoio e confiança «na vitória do general Soares Carneiro» nas eleições de 7 de Dezembro. Quanto aos alunos da Universidade Livre, divulgaram um manifesto de apoio em que sublinham: «O projecto de sociedade da AD só terá viabilidade se ao nível do poder político do Estado se estabelecer uma harmonia institucional que permita a concretização das reformas de fundo de que a sociedade portuguesa está carecida». O grupo de alunos da Universidade Católica Portuguesa manifestou o seu apoio a Soares Carneiro através de um abaixo-assinado em que se afirma que «precisamos de não ver frustrada a esperança que temos no futuro de Portugal».

● Relativamente a uma notícia publicada pelo «DL» na sua edição de 19 do corrente, sob o título «Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora apela ao voto em Ramalho Eanes», a direcção daquela organização sindical enviou-nos uma nota em que afirma não ter aquele sindicato feito «o apelo ao voto em Ramalho Eanes».

Não obstante, recordamos a parte final do comunicado do referido sindicato:

«Se quisermos dar continuidade ao 25 de Abril e à democracia temos que votar com mais boa ou mais má vontade no candidato que tem condições para derrubar Soares Carneiro e neste momento tudo indica ser o actual Presidente da República».

POUPE ELECTRICIDADE

Direcção Geral de Energia
Campanha de poupança de energia

Uma viagem de Abril em Novembro

MOSCAVIDE, 25 — Milhares de pessoas aguardavam Ramalho Eanes no Atlético Clube de Moscavide. Passava da meia-noite. Estávamos já a 25 de Novembro de 1980. Razão tinha Maria Velho da Costa, quando a propósito desta data, escreveu o poema «este dia não». «O 25 de Novembro não é para celebrar», dizia ela. E não foi. O silêncio de Rio Maior, mesmo uma certa hostilidade (a paragem em Rio Maior foi cancelada na madrugada de ontem) revela que a direita é ingrata: Eanes foi o «homem do 25 de Novembro». Mas a maioria da população do distrito de Leiria preferiu saudar o «homem do 25 de Abril».

E, no fundo, citando esta escritora neste dia especial, a mensagem de Ramalho Eanes pode-se resumir ainda a uma passagem desse texto. Eanes propõe a «esta Assembleia de povos»... «a fala portuguesa sem ódios».

A partir de hoje começará o teste final para avaliar dos resultados eleitorais de 7 de Dezembro. O candidato Ramalho Eanes «interna-se» por terras da Aliança Democrática: o Norte e o interior. Mas quanto ao distrito de Leiria (e como detesto adjectivos) terei de classificá-la de muito positiva. Mais de 400 quilómetros apenas num dia, todo o distrito de Leiria percorrido quase se poderá dizer milímetro a milímetro. De Leiria a Alcobaca, do Cadaval a Vila Franca, terminando em Moscavide. Uma primeira impressão do apoio da «cintura industrial».

O apoio foi «em crescendo». Na Nazaré os pescadores atrasaram a ida para mar, à espera de Ramalho Eanes. Mas foi em Peniche que Eanes teria uma recepção impressionante. Uma população na rua, sem qualquer exagero.

No Bombarral (a Câmara é da AD) Eanes falou para a gente que o aguardava... às escuras. Um acidente ou uma «provocaçãozinha»? O certo é que Ramalho Eanes discursou e não deixou de se referir às «luzes da democracia». Torres Vedras, Cadaval, chego a Vila Franca de



Comício em Moscavide: um teste vencido na preferida lisboeta

Xira já depois das 21. Milhares de pessoas aguardavam Eanes, nas ruas. Sigo para Moscavide, afastada da caravana.

Sem desgaste

Poder-se-à dizer, pelo menos até agora, que a figura de Ramalho Eanes não sofreu qualquer desgaste nestes quatro anos. Se é um facto que o seu eleitorado se deslocou, ou foi colocado mais à esquerda, não é menos verdade que a AD, pelos vistos, não está a conseguir disciplinar o seu eleitorado. Porque: 1.º — Eanes não governou, não lhe podem ser atribuídas responsa-

biliades directas nas medidas económicas que mais ou menos afectaram a população. Isso foi com Mário Soares ou qualquer outro Primeiro-Ministro.

2.º — Os ataques da AD de «projectos pessoais» de «blocos centrais», não sensibilizam o eleitorado da província. São «coisas» que ficam em Lisboa.

3.º — A manipulação dos órgãos de comunicação não chegou para impor o general Soares Carneiro. E que Eanes já aparece nos «écrans» há quatro anos.

4.º — E, finalmente, Ramalho Eanes está a transmitir ao eleitorado a mensagem de uma democracia que não seja de «fachada». Refere-se às viúvas,

aos reformados, etc. etc.

Estas algumas das razões que terão criado condições para que Ramalho Eanes mantenha este nível de apoio do eleitorado.

As Majorias

Quem apoia enfim o general Ramalho Eanes? Entre a Maioria de Esquerda e a Maioria de Direita, talvez a imagem correcta fosse dizer que Eanes, por convicção de uns e necessidade de outros, terá a adesão de uma Maioria Democrática. Abrange uma «fatia» de qualquer destas Majorias. «O candidato do regime», como é um dos «slogans» da campanha.

Nos seus discursos de «paragem», Ramalho Eanes mantém a tónica: «o Poder é vosso, está nas vossas mãos». Não deixa de se referir à necessidade de melhorar o nível económico do povo português. Como fez na Lourinhã ou na Marinha Grande.

Já, em Moscavide, perante um grande comício, Ramalho Eanes aprofundaria mais algumas questões. «Não sou inimigo de ninguém», sublinhava, referindo-se naturalmente a dirigentes políticos partidários... da AD. A Maioria ganhou, deve governar — acrescentou.

O verdadeiro discurso

Mas seria Jorge Sampaio, dirigente nacional do Partido Socialista, a proferir o verdadeiro e único discurso político, que ouvi

25 de Novembro

Ironias do destino, as comemorações do 25 de Novembro, caem este ano em plena campanha eleitoral. E o chefe militar dos vencedores de então, procura hoje assegurar um novo mandato em Belém, para o que lhe será necessário recolher os votos de muitos dos que, em 1975, se sentiram, ou foram derrotados.

Feito em nome de um discursivo conceito de democracia, foi ainda pela democracia que alguns, não todos, dos militares «novembristas» se bateram. São eles responsáveis por arbitrariedades depois praticadas. Mas outros houve, é preciso reconhe-

-lo, que lhes abriram caminho, cometendo erros que hoje reconhecem e lamentam.

Por isso, ao general Eanes ninguém pede nestas eleições de 1980, que renegue o empenhamento, porventura sincero e honesto, do 25 de Novembro. Apenas se lhe exige que seja fiel à democracia. E isso Eanes tem garantido ao longo deste princípio de campanha eleitoral. Na madrugada de hoje, em Moscavide, à hora em que há cinco anos as armas estavam prontas para tudo, Eanes avisou: «Não tente este Governo retirar o poder das vossas mãos, porque eu nunca o

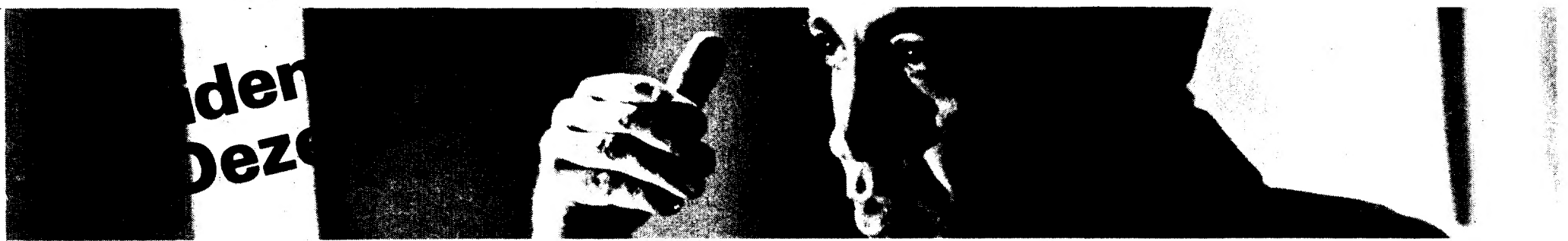
permitirei».

E, na Nazaré, assegurou que a Constituição «tem que ser modificada pela maioria dos portugueses e não por uma metade contra a outra metade».

Eleito Eanes garante «muita firmeza na defesa da liberdade e da democracia». Eanes Presidente tem opositor como Soares Carneiro, ou Otelio Saraiva de Carvalho (pesem embora as prisões em Santarém ou em Caxias e a passagem à reserva). Outro em Belém, o outro na Presidência da República, e poderíamos nem sequer ter eleições.

J. V.

Fernanda Mestrinho



Soares Carneiro

A sombra chinesa de Sá Carneiro

BRAGANÇA, 25 — Soares Carneiro ainda não existe. Não mostra passado porque lho escondem, nem futuro porque lho negam. Presta um serviço no presente ao Governo e em particular ao dr. Sá Carneiro. Retira dignidade à candidatura, qualquer que fosse a sua, mas sua, posição política assumida.

E revela fantasmas na câmara escura da memória. Acompanhado entre frieza, indiferença. Na campanha de Soares Carneiro, existe apenas Eanes. As populações não compreendem a sonolência repetitiva, nem que, ao terceiro dia, um candidato se apresente rouco e fisicamente abatido a falar da Constituição como um gestor e do País como uma fatalidade histórica condenada à grandeza inventada da nossa pequena real.

Já se disse que em Viseu o pavilhão estava cheio. Não é verdade. Passeava-se calmamente pelo fundo da sala. Sá Carneiro veio dar a mão, o tom. Não fala de Soares Carneiro, presidente para estar mas não para ser. O seu presidente é ele mesmo, fala de Ramalho Eanes quase sempre no reino do golpe baixo: **votar Eanes seria voltar ao passado gonçalvista.**

As pessoas não podem crer. Então o general aproxima-se dos microfones. Dezenas de assistentes começam a abandonar o pavilhão. O candidato repete as cinco palavras do seu discurso sem convicção. A noite é boa conselheira. Lembro-me da história do português que foi à França e encontrou um amigo: **avec, allora, par ici?** (Com que então por aqui?). O general So-



Soares Carneiro em Viseu

ares Carneiro traduz muito à letra a democracia. Não lhe capta é o espírito.

Régua: a linguagem do candidato

A Régua é o único concelho socialista do distrito de Vila Real. No campo de basquetebol que não chegou a encher, de uma escola oficial, Soares Carneiro foi vaiado. Nas grades da rua que davam para o recinto, grupos de jovens gritavam o nome de Eanes. Na escuridão do campo de basquetebol, junto à tribuna, um popular da Régua clamava: **Ramalho Eanes, Ramalho Eanes.** Elementos da segurança puxaram-no, correcta-

mente, sem violências. Depois encostaram-no a uma parede e enquanto um lhe segurava os braços, outro com um pontapé nas costas derrubava-o. O popular da Régua levantou-se, meteu a mão ao bolso e puxou de um fio plástico preto com um peso de chumbo na ponta. Com ele atingiu ainda um dos elementos da segurança. Foi de novo derrubado. Erguido, com populares da Régua, apoiantes de Soares Carneiro, a tentarem estabelecer a pacificação, iniciou-se um mínimo diálogo possível. Eis senão quando, sem que nada o fizesse adivinhar, um elemento da segurança investe de cabeçada. O homem cai e é de novo arrastado ao pontapé. Tudo se passou longe da escassa assistência. Não sabemos o que foi feito do homem da Régua que gritava

Ramalho Eanes junto à tribuna. Sei que as vaías do outro lado da rua não paravam.

Eram sobretudo jovens, ignorando o que se passava a um canto do recinto. Dos jornalistas só eu presenciei a cena. Soares Carneiro começou então a falar. Ouviram-se os gritos: **Abaixo a reacção, abaixo a reacção.** Soares Carneiro dizia: **Há 90 anos nasceu aqui a minha mãe.** Os gritos aumentavam. Soares Carneiro elevou a voz e prometeu um futuro em que a **arruaça seja substituída pela educação, pela tolerância, pela capacidade de realizar.** A contestação prolongava-se. Reinava o silêncio no escuro do recinto. **Não nos atemorizam os punhos erguidos ameaçadores, não nos atemorizam os gritos selvagens dos que não têm razão.** O candidato mudava de discurso e mostrava melhor a sua face. E dele: **Hão-de encontrar no seu esforço a possibilidade de um dia serem gente como os outros.** A linguagem já não permitia a tolerância, nem a harmonia. Soares Carneiro, que até então tinha recebido indiferença e esquecimento, poucas vezes expectativa, era agora contestado. **E pena que veja socialistas sérios unidos a comunistas fanáticos que não servem Portugal.**

A noite era cada vez mais escura...

De trás das cortinas de Belém, o olho...

A novidade do dia de ontem seria dada por Carlos Macedo

quando a si mesmo se chamou mentiroso, no Cine-Teatro de Bragança. Já a caravana chupara o sol da manhã em Mangualde, Fornos de Algodres e Celorico da Beira (zonas muito significativas a nível de qualidade e poder dos retornados), Trancoso e Meda. Pouca gente em algumas desculpas de Carlos Farinha (CDS), Presidente da Câmara local. **De qualquer modo a AD escolheu o general Soares Carneiro como candidato.** Era muito frio o ambiente. Pires Veloso pairava entre os assistentes.

Voltemos a Carlos Macedo. Escolheu Bragança para reflectir sobre cortinas e bastidores políticos. Repete-se a história de Pinóquio. Apresenta-se como **ex-assessor da Casa Civil de Eanes para assuntos político-sociais.** Eanes, segundo ele, pretendia a criação de uma zona central democrática. Ele, Carlos Macedo, achou que se tratava de uma **traição ao eleitorado.** Pede a demissão, através de uma carta (30 de Outubro de 1977), mas em que continua a conceder ao general Eanes o benefício da dúvida. Para Macedo sucedem-se golpes políticos e ele barafusta para os jornais. Como agora. Carlos Macedo é crível que estivesse a falar emoldurado pelos curiosos de Bragança, que ouviam em silêncio, ou repousavam nas cadeiras confortáveis. Macedo está desbragado, é frágil para campanhas tão duras, não resiste à indiferença. **Eanes é uma figura sinistra politicamente, não é um democrata.** Soares Carneiro não está naquela sala,

ainda que se mantenha à boca do palco, em plano avançado, hirtos, um projecto de silêncio, consubstanciado em carne e osso.

Carlos Macedo dissera que Eanes convidara Soares Carneiro para Primeiro-Ministro. Ontem, em Bragança, apenas o **convidou para fazer parte de um dos ministérios que iria criar.** Corrigiu a mão e tremeu-lhe a voz: **convidou-o ou pôs a hipótese de o general Soares Carneiro fazer parte de um Governo por ele formado.** Carlos Macedo é o seu melhor desmentido. Tudo não passou das dezenas de hipóteses a que ele teve acesso. O médico neurologista também já sofria da garganta. Mas, como corredor de pagoda fina ele sabia o que se passava entre Eanes e Alvaro Cunhal. O seu **walkie-talkie mental** comunicara-lhe os exactos termos de um secreto encontro. **Eu quase que me arrisco a dizer que o dr. Alvaro Cunhal, em vésperas do general Eanes se recandidatar, esteve na Presidência da República perto de duas horas e meia para fazer um acordo verbal com Eanes.** Daí a uma curta corrida das palavras, dava o facto como consumado.

A seguir o palco ficou deserto. O eco que até mim vinha carregava as tonalidades cinzentas de um discurso perdido no nevoeiro das palavras. Soares Carneiro não disse. Anda a tentar compreender as palavras que diz.

Rogério Rodrigues

A candidatura de Soares Carneiro

Povo prevenido vale democracia (2)

O candidato da Aliança Anti-Democrática (AD) à Presidência da República, general António da Silva Osório Soares Carneiro, é uma personagem praticamente desconhecida do povo português.

Essa situação não é casual. Nem é simplesmente fruto do carácter sumido da personalidade do candidato. Ela é muito mais o resultado de Soares Carneiro, nos últimos 20 anos do regime fascista, ter passado mais tempo, bem mais tempo, fora das fronteiras naturais do país do que em terra realmente portuguesa...

De 1953 a 1955, como tenente, foi voluntariamente comandante do Destacamento de Vila Luso, em Angola; de 1960 a 1962 (Junho) foi, já como capitão, comandante da 1.ª Companhia de Caçadores Especiais, igualmente em Angola; de 1963 a 1966, ainda capitão, sai do teatro de operações militares, passando a chefe de Gabinete do Governador de Timor, e de-sempenhando também — prometidamente — por autonegação, as funções de presidente da Comissão de Censura à Imprensa; de 1966 a 1968, primeiro como capitão e depois major, 2.º comandante do Centro de Instrução de Comandos; de 1968 a 74, major e depois tenente-coronel, é abrigado em cargos políticos dos riscos da guerra co-

lonial, de que é fiel partidário: de 68 a 72 é governador do distrito da Lunda, onde prospera e domina a riquíssima companhia diamantífera Diamang; de fins de 72 a 74 é secretário-geral de Angola, ou seja, de facto, vice-governador de Angola.

Resumindo: nos 20 anos finais do fascismo, 15 anos fora do país. Em 13 anos de guerra colonial, apenas 3 anos próximo dela... Não está mal para um homem que hoje tanto invoca os seus serviços às Forças Armadas e tão pouco as suas responsabilidades políticas, fascistas e colonialistas!

Isso não quer dizer que Soares Carneiro não tivesse servido a guerra... Quer é simplesmente dizer que a serviu — e muito — mas a distância respeitável. Que a alimentou, designadamente aticando os «Flechas», organizando e animando a OPVDC (Organização Provincial de Voluntários para a Defesa Civil de Angola) e outras milícias brancas e negras, que ajuda a empurrar para a mortandade racista e colonialista em que as colónias portuguesas são sucessivamente mergulhadas, por uma cega e obstinada política salazarista.

Os «Flechas»

O que eram, por exemplo, os



«Flechas»? Veja-se a descrição, hoje bem clara, que deles faz, a 25.12.73, o insuspeito diário colonialista de Luanda, «Província de Angola»:

«A Direcção-Geral de Segurança» — (PIDE/DGS) — «tem há alguns anos ao seu serviço os seus «Flechas», verdadeiro corpo de elite, a cuja acção se

devem os mais substanciais êxitos conseguidos contra o inimigo, em zonas onde a sua acção se tem feito sentir. Pode dizer-se que a sua criação resulta do trabalho de um homem que, ao longo de uma notável carreira, tem prestado notáveis serviços ao Ultramar e especificamente a Angola, onde mais trabalhou. Trata-se do inspector

superior dr. Aníbal de São José Lopes, verdadeiramente o «pai dos Flechas da DGS».

Dos mesmos «Flechas», terroristas negros armados e preparados pela PIDE/DGS, dizia em 19.3.74 — 1 mês antes do 25 de Abril — o referido inspector da PIDE, na cerimónia de Caxito, em que o secretário-geral de Angola, tenente-coronel Soares Carneiro concedeu alguns dos seus elementos, conforme fotografia publicada no «DL», em 21 de Novembro:

«Foi há cerca de 8 anos que começaram os 'Flechas'. (...) Tem sido notável a acção dos 'Flechas' na luta contra os terroristas», (leia-se: os patriotas angolanos) «o que facilmente se conclui pelo número de armas capturadas, pelo número de terroristas abatidos».

Como o próprio tenente-coronel Soares Carneiro dirá, no decorrer duma festa dos «Flechas», em Novembro de 73, em Caxalombe:

«Estais hoje todos como numa festa. A festa grande terá de vir quando nós formos capazes, todos juntos, de voltar a ter nesta terra uma paz que possa significar riqueza, fartura e bem-estar para nós e nossas famílias. Que estes vossos esforços e que estes vossos sacrifícios, por todos conhecidos, nos façam distinguir como homens valen-

tes, como homens capazes de ir até ao fim».

Faria esta festa parte da construção da Pátria «multi-racial» a que Soares Carneiro se referia na entrevista à RTP, no passado dia 13 de Novembro?...

De qualquer forma, «Flechas», das milícias colonialistas, da guerra colonial, que pode explicar que ambos — o major Soares Carneiro e o Pide São José Lopes — tenham sido condecorados em Junho de 1973: o major Soares Carneiro a 10 de Junho, em Luanda, pelo governador-geral Fernando Santos e Castro, em representação de Américo Tomás, com a Comenda da Ordem do Império — o pido Dr. São José Lopes, quinze dias depois, em Lisboa, pelo ministro da Defesa Nacional, general Sá Viana Rebelo, com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos.

Ao ser condecorado, o major Soares Carneiro afirmou com toda a clareza «a determinação de prosseguir uma linha de conduta que não pode ser diferente, uma linha de empenhamento que não pode diminuir de ritmo (...)».

Será que hoje é muito diferente, mesmo com outra forma e outro ritmo, que os novos tempos lhe impõem?

Beja Santos
Pedro Ramos de Almeida

350 mil contos

Têxteis de Macau vendem-se bem na Suécia

Um novo acordo bilateral no domínio dos têxteis entre Macau e a Suécia foi ontem assinado naquele território chinês sob administração portuguesa.

Segundo este acordo, agora renegociado, e com a duração de dois anos, as quotas de exportação atribuídas a Macau sofrem ligeira redução de dois por cento, sem afectar sobremaneira o valor financeiro da venda dos referidos têxteis e que, em 1979, totalizou cerca de 350 mil contos.

Por sua vez, as importações feitas por Macau da Suécia (essencialmente papel, máquinas, colas, borrachas e aparelhos) não excederam os 25 mil contos.

Recorde-se que as exportações de têxteis de Portugal continental para o norte europeu têm vindo a sofrer restrições e designadamente para os países da CEE.

O acordo Macau-Suécia foi assinado respectivamente pelo adjunto da Coordenação Económica, Henrique de Jesus, e por uma delegação do Ministério dos Negócios Estrangeiros sueco.

Homenagem ao doutor Dias Amado

Como já noticiámos, amigos e admiradores do Doutor Luís Ernâni Dias Amado, vão promover, no sábado, dia 29 de Novembro, uma homenagem ao ilustre democrata que foi uma das figuras mais destacadas na resistência antifascista portuguesa. Da Frente Popular, ao Comité da qual pertenceu quando foi chamado a substituir o dr. Ramon Nonato de La Féria como representante do Grande Oriente Lusitano, ao Conselho Nacional de Unidade Antifascista do qual foi membro, à Junta Patriótica

de Salvação Nacional de que foi um dos fundadores, sempre o Doutor Dias Amado soube conciliar a sua competência como cientista, a sua qualidade moral como homem, a sua combatividade como cidadão consciente e progressista.

Compreende-se, portanto, que democratas de variados quadrantes se juntem aos seus numerosos amigos nessa homenagem à comissão promotora da qual aderiram: as dr.ªs Alcina Bastos, Maria Isabel Aboim Inglês, a

pintora Maria Keil, o escritor Urbano Tavares Rodrigues, os drs. Luís Manuel Monteiro Baptista, Ramon de La Féria, César Abel, Sérgio Carvalhão Duarte, o economista Joaquim Jacobetty Rosa, o professor Emídio Guerreiro, Fernando Piteira Santos, Amílcar Barros Queiroz, Manuel Alpedrinha, António Vasconcelos Lomelino, Marcelino Mesquita, Henrique Corte Real. E, também, o pintor Carlos Botelho, companheiro dos tempos do liceu de Dias Amado e de Bento de Jesus Caraça.

Impraticável tecnicamente a participação portuguesa no sistema monetário europeu

Noutra intervenção, realizada durante a tarde, no seminário para banqueiros estrangeiros, Álvaro Ramos Pereira, do Banco de Portugal, considerou impraticável, em termos técnicos, a participação portuguesa no sistema monetário europeu.

O orador, que abordou o tema «Implicações monetárias e financeiras da integração de Portugal na CEE», baseou, fundamentalmente, a sua posição — conforme relato da Anop — na actual política cambial, que consiste numa desvalorização deslizante do escudo. Disse, entretanto, ser defensável a inclusão da moeda portuguesa na defini-

ção da unidade de conta europeia (ECU).

Ramos Pereira defendeu também a necessidade de Portugal vir a participar no Banco Europeu de Investimentos (BEI) e de eventualmente vir a tomar títulos de obrigação emitidos por este banco.

Afirmou ser necessário um período de cinco a seis anos para adaptar o essencial do sector monetário e financeiro às condições das comunidades, para o que considerou fundamental a revisão global da legislação que enquadra o sistema monetário e financeiro e a que rege as actividades das instituições financeiras

estrangeiras em Portugal.

Considerou impossível Portugal aceitar uma imediata liberalização de exportação de capital nacional e defendeu a conveniência de não serem liberalizadas imediatamente certas operações de importação de capital estrangeiro, como seja investimentos directos em certos sectores.

Ramos Pereira salientou, ainda, a ausência de um verdadeiro mercado financeiro em Portugal, no sentido em que ele existe nos países industrializados da Europa, tanto nas operações de curto como nas de médio e longo prazo.

Rafael Barbosa

Continuação da pág. 3

PAIGC enquanto se faz a instrução do processo.

Procurador-geral apadrinha irregularidades

O processo começa a ser instruído e curiosamente, as principais peças que servem de base à acusação tinham sido fornecidas pelo próprio Rafael Barbosa ao PAIGC. Com efeito, Rafael enviava regularmente, havia muito tempo, vários documentos sobre a sua actividade incluindo um diário. Foi esse material, junto com depoimentos de militantes da rede clandestina que serviu de base à acusação.

Em Setembro de 76, começa o julgamento que dura até Fevereiro de 77 com algumas interrupções. O interesse pelo caso de Rafael Barbosa fez com que centenas de pessoas acompanhassem o julgamento público indo ao tribunal. No primeiro dia, um sábado, as pessoas não cabiam na sala e tiveram de ficar na rua à chuva. Foram distribuídos panfletos.

Depois passaram-se a fazer as audiências no cinema da base aérea, em Bissalanca, para onde se continuavam a deslocar algumas dezenas de pessoas.

Algumas testemunhas de Rafael Barbosa chegaram a ser presas pela Segurança antes de comparecerem em juízo, facto que foi denunciado pelo defensor oficioso, o advogado popular dr. Wladimir de Brito. Este, aliás, aceitara a defesa de Rafael Barbosa por lhe ter sido salientada a importância nacional de o acusado ter todas as garantias de defesa.

O defensor oficioso protestaria

até contra vícios vários e graves do julgamento, alguns dos quais foram da responsabilidade do procurador-geral da República, Cruz Pinto (hoje assessor civil do Conselho da Revolução, que libertou Rafael Barbosa) nomeadamente o desigual tratamento das testemunhas de acusação e defesa, sendo estas últimas muitas vezes presas no decurso do julgamento sem quaisquer fundamentos legais.

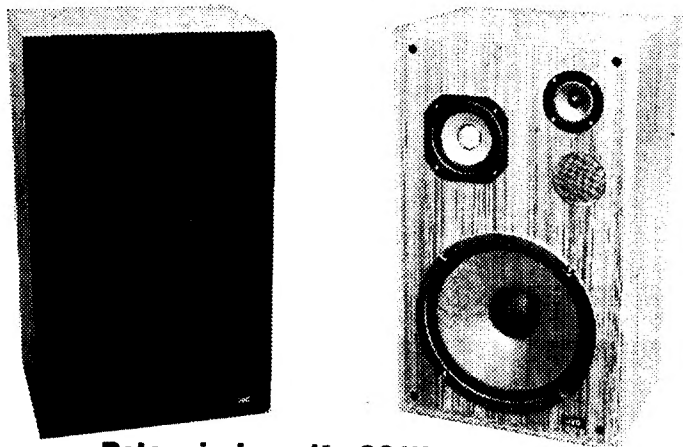
Rafael Barbosa foi julgado e condenado à morte. Pediu a graça do Presidente do Conselho de Estado e a sentença foi-lhe comutada para 15 anos de prisão. E de notar que nos termos da Lei de Justiça Militar na base da qual foi acusado e julgado a pena máxima de prisão é de 10 anos pelo que só por manifesto abuso do Poder e ilegalidade lhe são aplicados 15 anos de prisão, com pleno conhecimento e participação do procurador-geral.

Há a destacar, finalmente, o facto de Rafael Barbosa ter recebido diversas cartas de Amílcar Cabral, a última das quais datada de 18 de Janeiro de 73, portanto dois dias antes da sua morte, cartas de certo modo amistosas e contendo conselhos e directivas para a actividade clandestina.

Mesmo depois da morte de Amílcar Cabral, ainda recebeu uma carta de Luís Cabral, datada de 24 de Fevereiro de 73 na qual o ex-presidente o tratava por camarada, o que leva a crer que a Direcção do PAIGC não acreditava na versão segundo a qual Rafael Barbosa teria tido responsabilidades na morte de Cabral. Essas cartas foram juntas ao processo e lidas no julgamento.

FALSIFICAÇÃO E USO ILEGAL DA MARCA

JVC

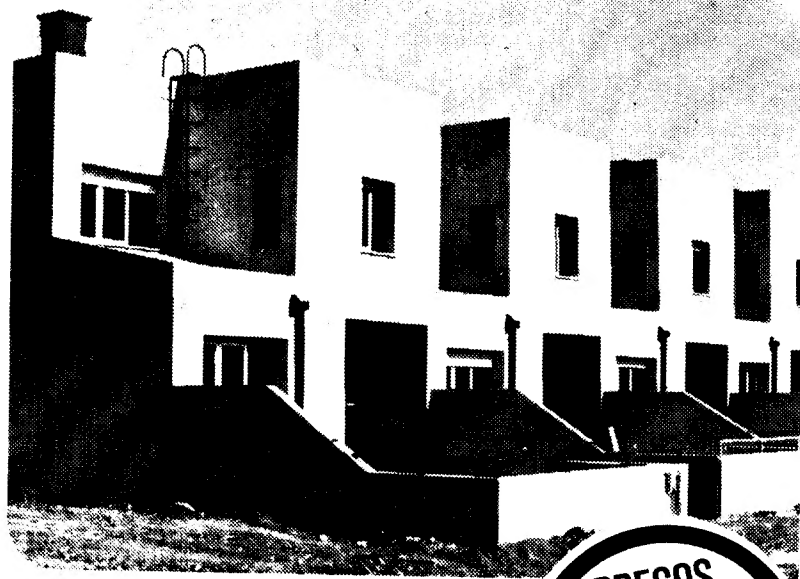


Potencia inscrita 80 Watts Peak

AVICTOR COMPANY OF JAPAN, LIMITED E OS SEUS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL **Sociedade de Representações SIDA-SUECA, Limitada**, AVISAM O PÚBLICO EM GERAL E OS COMERCIANTES DA ESPECIALIDADE, DE QUE UM FABRICANTE E ALGUNS DISTRIBUIDORES MENOS ESCRUPULOSOS, ESPALHARAM NO MERCADO COLUMAS DE SOM FEITAS EM PORTUGAL, OSTENTANDO ABUSIVAMENTE A MUNDIALMENTE CONSAGRADA MARCA **JVC**.

TRATA-SE DUMA GROSSEIRA FALSIFICAÇÃO, PELO QUE VÃO SER ACCIONADOS OS RESPECTIVOS MECANISMOS LEGAIS PARA PUNIÇÃO DOS RESPONSÁVEIS.

MORADIAS EM LISBOA



Até dia 3 de Dezembro está aberto concurso por proposta em carta fechada para venda de 10 moradias de 6 assoalhadas. Complexo urbanístico de Telheiras Sul junto à 2.ª Circular e à Av. Padre Cruz.

- Zonas Verdes
- Áreas Comerciais
- Conjuntos integrados com jardim de infância e unidades escolares.
- Piscina
- Cinema
- Anfiteatro ao ar livre.

Informe-se junto dos Serviços Comerciais da EPUL

Alameda das Linhas de Torres, n.º 198 — LISBOA



EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA

de ontem para hoje

Banco assaltado no Fogueteiro

Quatro jovens embuçados e armados de pistolas assaltaram ontem de manhã a agência do Banco Pinto de Sotto Mayor, no Fogueteiro (Inaugurada há apenas vinte dias), levando duzentos contos que se encontravam na caixa e não se preocupando em visitar o cofre forte. Na altura, encontravam-se no estabelecimento cerca de vinte clientes e um dos assaltantes, que parecia ser o chefe, limitou-se a dizer: «Fiquem quietos. Isto é um assalto». Os quatro desconhecidos afastaram-se do local num «Austin 1100» encarnado disparando antes um tiro para o ar. A GNR de Paio Pires, convocada pelo alarme do Banco, chegaria três minutos depois. Um pormenor inédito: ao volante do carro, e durante o período em que decorreu o golpe, não ficou nenhum dos assaltantes facto que não é normal em acções do género.

Na Rua do Arsenal: fumo em «eléctrico» gera pânico

Uma explosão gerada por um curto-circuito originou ontem à tarde em Lisboa, na Rua do Arsenal, pânico nos passageiros de um «eléctrico» da linha do Alto de São João. O incidente provocou bastante fumo, o que terá assustado alguns passageiros que se lançaram para a rua, não se registando no entanto danos pessoais. Um ex-bombeiro que passava no local apagou rapidamente o princípio de incêndio com o casaco, tendo o veículo sido rebocado pouco depois para as oficinas da carris em Alcântara.

A maior da Setenave: doca flutuante para a Alemanha Federal

A Setenave procedeu ontem, nos seus estaleiros em Setúbal, ao lançamento à água de uma doca flutuante de onze mil toneladas de elevação, que lhe fora encomendada em meados de 1979 por uma empresa da Alemanha Federal. A doca, que é a primeira do género construída pela Setenave, tem 165 metros de comprimento e será entregue ao destinatário em meados de Janeiro próximo.

No mar da Calheta: três crianças salvas por operários

Três crianças que se encontravam sobre o cais em construção, foram ontem levadas pelo mar alterado na freguesia da Calheta, a quarenta quilómetros do Funchal. As crianças foram salvas devido à acção decidida de dois operários (Manuel Gomes e Ernesto Camacho) que, de imediato, se atiraram à água.

Achados arqueológicos: castelo dos Templários para Museu de Longroiva

Em Longroiva, no concelho de Meda, irá ser criado um Museu histórico numa torre do antigo castelo medieval daquela localidade, construído pelos Templários. A construção do Museu permitirá proteger os achados arqueológicos da zona, criar um centro cultural e didáctico e conservar o património histórico de Longroiva.

Regressados a Portugal: «burlões» de Fafe em liberdade

Maria Isolete, Maria Osca-rina e Jorge Costa, os três funcionários da agência de Fafe da União de Bancos Por-

tugueses (UBP) e acusados pelo desvio de cem mil contos, regressaram a Portugal e apresentaram-se às autoridades, sendo postos em liberdade. Um caso portanto cada vez mais nebuloso, em que nada parece bater certo, e em que muitas individualidades «graúdas» parecem estar envolvidas. Um novo pormenor: os desvios já estariam a ser praticados há cerca de seis anos, logo muito antes do prospector Jorge Costa estar ao serviço da UBP.

Gargaleiro, Pomar e outros: José Escada homenageado em Paris

O pintor José Escada, falecido no último Verão, irá ser homenageado em Paris, através de uma exposição de artistas portugueses ali residentes. José Escada viveu na capital francesa durante dez anos, a partir de 1960, cidade onde privou com grande parte dos portugueses que a partir do próximo dia 26 exporão as suas obras na «Galerie D'Arte» da Rua Caumartin. A exposição tem o patrocínio da Embaixada Portuguesa em Paris, sendo integrada por obras de Gargaleiro, Pomar, Viana e Costa Camelo, entre outros.

Doença ainda é mistério: Estação Agronómica de Oeiras já funciona

Encontram-se já a funcionar os Serviços da Estação Agronómica de Oeiras, encerrados há cerca de duas semanas, após ter sido detectada, conforme temos vindo a noticiar, uma doença desconhecida em algumas das suas funcionárias. A doença foi localizada apenas na secção de corte da beterraba. Um comunicado do MAP, ontem divulgado, refere já estarem afastadas as hipóteses inicialmente levantadas sobre a origem da doença (radioactividade ou ingestão de um líquido que contivesse chumbo).

Desinfecção e não inundação: Biblioteca Nacional vai reabrir

A Biblioteca Nacional de Lisboa, encerrada há dias para desinfecção, reabrirá na próxima quinta-feira, segundo afirmou ontem um dos responsáveis. O encerramento da Biblioteca nada teve a ver com a inundação que ali se verificou no início da semana passada, tratando-se apenas de uma prática anual destinada a preservar os livros e outras publicações.

Tribunal de Polícia

Quando a Polícia de Trânsito se põe em movimento

Uma atmosfera de benevolente boa disposição (se assim se poderá dizer) passeava-se, ontem de manhã, pela sala de audiências do Tribunal de Polícia.

Quem sabe? Talvez o gesto e o trato amigável do juiz ou uma quase certeza de que o crime cometido poderia pesar na bolsa, mas sem outras consequências de maior, contribuísem para esse relativo «bem-estar». O facto é que ele existia.

Nove homens aguardavam julgamento. Um fim-de-semana activo da Polícia de Trânsito tinha-os «apanhado» a conduzir sem carta e aí estavam, à partida com a mesma acusação. As variantes vieram depois.

Nervoso, o primeiro homem levanta-se. Vendedor ambulante de profissão, várias vezes ouvido em tribunal, da sua história fazia já parte uma prisão. A

quase despreocupação que por lá andava não o tocou e a chorar encarava o juiz. Talvez não o tivesse ainda abandonado a sensação de jogos de azar e sorte que é aquela que se sente na espera de qual o juiz que nos toma.

Mas o juiz comenta: «Se o sr. não tem coragem para uma coisa destas, não fará nada na vida» e o homem lá se vai com 6500 escudos a pagar à Justiça.

E os réus sucedem-se. Com um certo espanto percebia que a maioria tinha carro próprio, oportunidades que surgem, ganâncias, o que é certo é que carro tinham, guiar também sabiam pois todos foram detectados em operações de rotina e não por anomalias de condução, mas carta não. Sabe-se lá porquê? Afinal a carta até sai mais barata que um carro.

Com condenação (em di-

nheiro) mínima de 5 contos e máxima de 25, o risco de conduzir sem carta, com tanta Polícia em movimento, não compensa. Mas a sorte parece que lhes bateu à porta e a maior parte dos réus saiu com cinco mil escudos a pagar.

Outros problemas surgem. «Sr. doutor juiz eu tenho carta.» Dois ex-emigrantes com carta de condução francesa, ambos sem documentos quando interceptados pela Polícia. A questão em tribunal é, no entanto, outra. Se residiam em Portugal há mais de dois anos a carta teria de já estar «naturalizada». Problemas de papelada com condenação mínima e suspensão de pena por dois anos.

E outro ainda: só que a carta não é francesa nem está na sua posse, ficou em Angola. Pronto! Lá se vai a neutralidade. O réu, primeiro ligeiramente agressivo,

em concordância absoluta (quem sabe o «acorde perfeito») com o juiz, quando este ironicamente diz: «O sr. sabe que as coisas lá não funcionam, como é que acredita que existam serviços que passem segundas vias. Ou acredita que eles têm um arquivo? Eu por mim não acredito.»

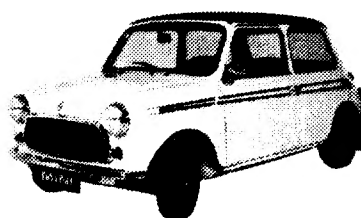
Os velhos termos irrompem. Ultramar para a frente, metrô-pole para trás, um relâmboro de geografia à antiga.

Os guardas sucedem-se a depor. Cordiais, compreensivos. Enquanto aguardava, no átrio, pelo início das audiências, pensei, ao vê-los em tão grande número faladores e risonhos, que se aí estivesse em miúda talvez chegasse a casa e dissesse para meus pais: «Sabem? Os polícias também riem.»

Clara Viana



É TÃO GIRO TER UM MINI...



CONSUMO
5,8l-90km/h

- A genial concepção do MINI conferiu-lhe uma personalidade cujo poder de atracção não desaparece.
- A facilidade de condução, a economia, a pioneira colocação transversal do motor e a segurança da tracção à frente fizeram escola.
- O MINI 1000 tem bancos reclináveis e duplo circuito de travagem. O MINI 1000 Special possui tejadilho forrado a "vinil", painel de instrumentos em madeira e tampões de rodas desportivas.

Austin Morris **Mini**

Mini - mais que ter automóvel: um modo de ter automóvel.



British Leyland de Portugal

Concessionários em todo o País.

Vontade de futuro

Funeral amanhã do tarrafalista Custódio da Costa

Efectua-se amanhã da casa mortuária do Hospital de S. José para o cemitério novo de Esqueira, em Aveiro, o funeral de Custódio da Costa, um dos sobreviventes do Tarrafal, ontem falecido com 78 anos após prolongado sofrimento.

Custódio da Costa foi militante anarco-sindicalista da velha CGT a partir dos 24 anos, tendo dedicado grande parte do seu esforço às lutas sindicais dos trabalhadores e mantendo uma posição militante na resistência ao período fascista.

Elemento activo na greve geral do «18 de Janeiro de 1934», foi por essa razão preso e deportado para o campo de concentração do Tarrafal, onde permaneceu durante mais de onze anos (1934/45) e donde saiu com a saúde fortemente abalada.

Após o 25 de Abril, Custódio da Costa não deixou de estar presente na defesa da autonomia sindical e da sua posição anarco-sindicalista, participando na publicação do jornal «A Batalha» e do Movimento Libertário.

Congresso no I.S.T. sobre «Universidade Portuguesa nos anos 80»

Levar a Universidade «a reflectir colectivamente sobre o seu futuro» é o objectivo de um Congresso que se realiza no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, de 2 a 5 de Dezembro.

O Congresso, intitulado «A Universidade portuguesa nos anos oitenta» insere-se no quadro das comemorações do cinquentenário da Universidade Técnica e foi anunciada segunda-feira pelo reitor desta instituição, Arantes e Oliveira.

No Congresso, em que serão «definidas metas» e estudadas as formas de as atingir, será também analisada a actual situação da Universidade portuguesa.

Simultaneamente ao Congresso, que inclui simpósios, conferências e mesas-redondas, realizam-se duas exposições, uma sobre a história da Universidade Técnica, na Fundação Gulbenkian, e outra sobre «A Universidade Técnica hoje e amanhã», no Instituto Superior Técnico.



A Associação Académica no edifício conquistado na Rua Larga

Coimbra 60 anos depois da tomada da Bastilha

Passam hoje em Coimbra, embora de forma bastante apagada, uma data e um acontecimento que constituíram um marco no movimento associativo académico em Coimbra e uma bandeira de luta para os estudantes portugueses durante os anos de fascismo — a **Tomada da Bastilha**. Um grupo de 40 estudantes de 1920, nesta cidade, veio a designar de Tomada da Bastilha a ocupação que fizeram do «Clube dos Lentes» para recuperarem totalmente o edifício onde este estava instalado para sede da Associação Académica. O objectivo de então — passamos hoje 60 anos — era instalar aí alguns dos Organismos académicos e actividades da então jovem associação.

A partir deste acto de justa rebeldia contra quem entrava a vontade e o direito dos estudantes de reunirem e se organizarem política, desportiva e culturalmente a Associação Académica ganhou um impulso decisivo. Daí só saíria para o Palácio dos Grelhos e, mais tarde, para as actuais instalações perto da Praça da República.

Foi precisamente este direito conquistado, mesmo contra a burocracia e as regras estabelecidas, que durante as décadas posteriores, servir de símbolo agitado pelos estudantes universitários portugueses para reclamar os seus direitos associa-

tivos básicos e, desde logo, o de se reunir na sua estrutura central organizativa que era a AAC.

Tendo tal acontecimento como pretexto a actual direcção-geral da AAC organizou durante o dia de ontem alguns actos comemorativos para os quais não contou, tal como vem sendo hábito, com nenhuma estrutura associativa de actuais estudantes (a actual direcção é afectada à JSD que vem governando a associação há cerca de dois anos). Do programa de ontem constavam, como iniciativas mais salientes, uma serenata na Sé Velha, uma acção de antigas orfeonistas e um magusto junto à Faculdade de Letras onde, tal como foi anunciado, se «forneçiam 300 kg de castanhas e 200 litros de vinhos à discreção (!) para todos os participantes nas comemorações». Entretanto, e mais uma vez a Tomada da Bastilha, um exemplo de acção na defesa dos interesses dos estudantes, não passou de uma efeméride afoguetada e avinhada onde os actuais problemas dos estudantes foram guardados para nova oportunidade, marcando um estilo que tem caracterizado toda a acção desta direcção-geral. Ao mesmo tempo que tais comemorações eram efectuadas era conhecida a decisão da secção de ginástica de cancelar todas as suas

actividades por não lhe ser concedida verba para contratar monitores; há algum tempo atrás consumou-se o encerramento arbitrário da secção Museu Académico sem sequer se consultar os seus membros e «varrendo» da sua sala o património preservado e outros materiais; os organismos autónomos, esses, vêm acrescidas as suas dificuldades para conviverem numa associação que deixou de ser sua e onde toda a espécie de dificuldades se colocam à sua acção.

Entretanto, as forças de esquerda da Academia, verdadeiras herdeiras das suas mais relevantes tradições de luta associativa (ao contrário da direita que, a exemplo de Lucas Pires, conta no seu seio com alguns dos mais conhecidos nomes que integraram comissões administrativas da AAC impostas pelo Estado fascista) nada programaram para esta data abandonando um terreno que lhes seria, à partida, favorável. Mas as verdadeiras batalhas estudantis aproximam-se no terreno eleitoral onde, depois das eleições para as AE's, se seguirá a própria AAC e aí provavelmente se jogarão, de novo, os trunfos restaurados das tradições e outros que a conjuntura política nacional provavelmente ditará.

AAB

Com unificação de sistemas dispersos

Governo prepara revisão da segurança social

Um «plano de bases sobre segurança social», para quatro anos, será em breve submetido à apreciação da Assembleia da República — informou o director do Planeamento da Segurança Social, Filipe da Mata.

O plano, que já se encontra concluído, contemplará a unificação dos sistemas de segurança social, actualmente dispersos por várias instituições como a Direcção-Geral da Previdência, Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais e Federações das Caixas de Previdência e Abono de Família. Uma revalorização das prestações de Segurança Social como pensões e abonos de família será efectuada através de medidas complementares do

montante de dinheiro, como o aumento de equipamentos que proporcionem o bem-estar nas instituições de assistência.

O mesmo projecto visa ainda desburocratizar e acelerar os processos de pagamento das prestações sociais bem como o apoio técnico e económico a iniciativas privadas de assistência social.

Sobre a situação da assistência social portuguesa, Filipe da Mata disse que ela se encontra «qualitativamente equiparada aos países da Comunidade Europeia mas quantitativamente inferior», salientando que as diferenças residem essencialmente no factor económico e demográfico.

Em Braga

Colóquio interdisciplinar sobre Marx

Encerra hoje, na Faculdade de Filosofia de Braga, o colóquio interdisciplinar sobre Karl Marx, promovido por aquele estabelecimento de ensino superior.

O colóquio, que dura dois dias, regista hoje as seguintes intervenções: «A crise da teoria económica», por Manuel Farto; «As teorias do valor na ciência económica», por António Mendonça; «O Capital», de Karl Marx, por Nelson Ribeiro e «Questões controversas de economia política», por Francisco Miguel Garcia.

Ontem, primeiro dia dos trabalhos, foram debatidos os seguin-

tes temas, em mesa-redonda: «Discussão actual sobre o perfil cultural de Marx», por Lúcio Carneiro; «Problemas metafísicos e psicológicos levantados pelo materialismo histórico e dialéctico», por Francisco Soares Gomes; «Implicações antropológicas do valor de troca, segundo Marx», por Roque Cabral; e «Do humanismo à teoria económica ou da teoria económica ao humanismo?», por José Gama.

O colóquio foi realizado com a colaboração da Equipa de Economia Política do Instituto Superior de Economia de Lisboa.

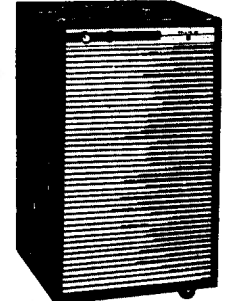
Professores de francês contestam alterações ao programa

Delegados e subdelegados dos professores de Francês de 18 escolas do distrito do Porto exigiram a suspensão das alterações aplicadas ao programa de Francês para o corrente ano lectivo.

Esta exigência, que será enviada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) vem na sequência do desconhecimento dos professores quanto ao programa de Francês que só após um mês do início das aulas foi apresentado.

O seu protesto baseia-se no facto de a alteração de programas seguir depois de os professores terem já planificado o seu trabalho para todo o ano lectivo e alguns alunos já terem adquirido os livros, que agora ficam sem utilidade.

Em comunicado elaborado no final da reunião, os delegados e subdelegados dos professores de Francês prontificaram-se a aguardar uma resposta do MEC para que se defina a situação sobre o problema que os docentes consideram inviável.



DESUMIDIFICADOR
GENERAL ELECTRIC
M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA



GALÊÃO
MARTINS & ROCHA, LDA.
PELES · MALAS · ARTIGOS DE VIAGEM
Rua Augusta, 190
Telefone 32 68 07

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA
VILA NOVA DE GAIA
ANUNCIO
2.ª Publicação

Faz-se saber que na execução sumária pendente na 2.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal Judicial da comarca de V.N. Gaia, movida pelo exequente Banco Pinto e Sotto Maior, E.P., com filial na Praça da Liberdade, 28, Porto, contra ADELINA MARIANA M. SEQUEIRA CORREIA, casada, residente que foi na Rua da Manhiça, Lote 465, 7.º Dt.º, Olivais Sul, Lisboa, actualmente ausente em parte incerta, e ainda contra o marido da mesma e outros, é esta executada citada para no prazo de cinco dias, finda que seja a dilação de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, pagar ao exequente, solidariamente com os demais executados, a quantia de 82.500\$00, dívida titulada por uma livrança, bem como os juros vencidos até à propositura da execução do montante de 4.665\$60, bem como os juros legais vencidos até afectivo pagamento; deduzir oposição à execução, ou nomear bens à penhora suficientes para garantia da quantia exequenda, juros vencidos e das custas da execução, sob pena de ser devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora, tudo conforme melhor consta da petição inicial cujo duplicado se encontra nesta Secretaria e lhe será entregue caso compareça a solicitá-lo.

V. N. Gaia, 15 de Outubro de 1980

O Juiz de Direito
JOSE FERREIRA DE SOUSA
O Escrivão de Direito
JOSE DIAS DE BARROS

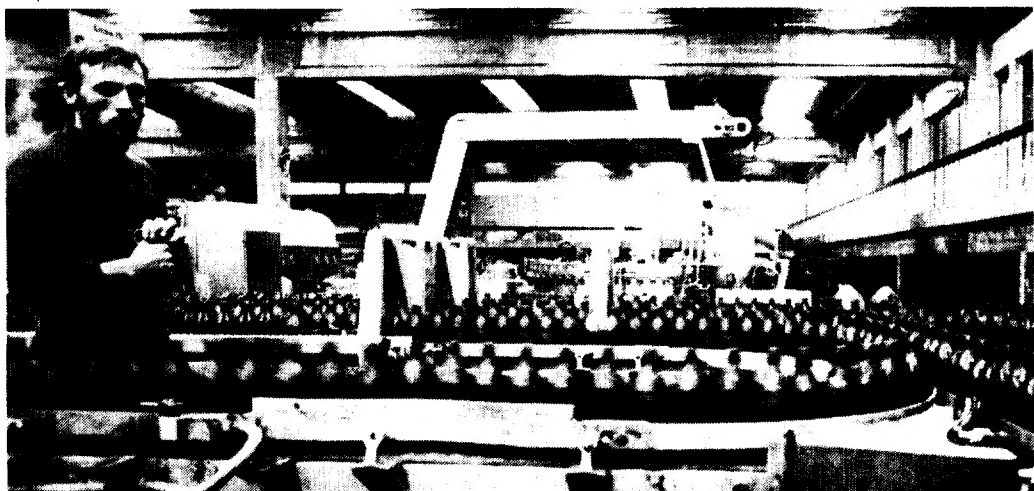
CASACOS DE ANTILOPE E CABEDAL

PREÇOS DE FÁBRICA
Com as ideias mais actuais da moda, apresentamos variadíssimo sortido em casacos de antilope e cabedal, sobretudo, blusões, camisetes, safaris, etc. Tanto para homem, senhora e jovens.

ÚNICA NO GÉNERO QUE EXECUTA POR MEDIDA, TRANSFORMA E LIMPA TODA A CONFECCÃO DE ANTILOPE E CABEDAL
NA VAMAR É FÁCIL COMPRAR

Exclusivos Vamar
CASA ESPECIALIZADA

LISBOA
RUA JOÃO DAS REGRAS, 3, 3.º ESO,
(à Praça da Figueira, antiga Rua do Amparo)
EM COIMBRA
RUA DA SOFIA, 111, 1.º



Salários motivam conflitos

Greve nos transportes e nas empresas cervejeiras

As empresas do sector cervejeiro estarão em greve durante 48 horas, a partir das 8 horas do dia 3 de Dezembro, como forma de superar o impasse criado em torno das negociações do respectivo Acordo Colectivo de Trabalho (ACT).

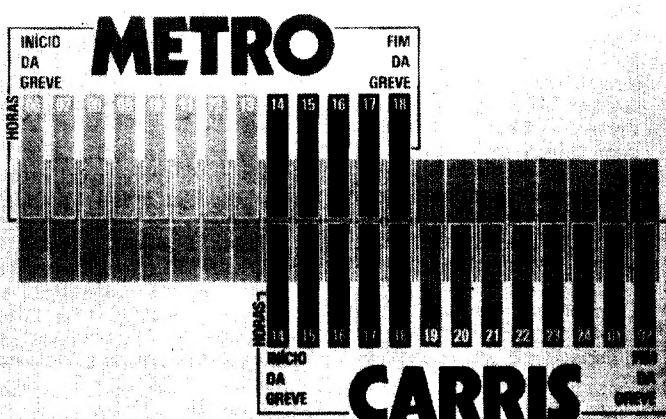
Entretanto, tudo aponta para a concretização na próxima sexta-feira da greve conjunta do pessoal da Carris e do Metropolitano de Lisboa.

Durante cinco horas consecutivas (entre as 14 e as 18) a capital ficará sem transportes colectivos — nem «metro», nem autocarros, nem tão-pouco eléctricos e elevadores. As paralisações, no entanto, ultrapassam esse período de convergência: no «metro» a greve inicia-se às 6 da manhã, prolongando-se até às 18 horas, enquanto na Carris ela terá início às 14, durando até às duas horas de sábado.

Em recente conferência de imprensa, as organizações sindicais dos trabalhadores do Metro e da Carris explicaram detalhadamente as razões desta greve. Num e noutro caso as negociações para revisão das tabelas salariais (em vigor há 17 meses) atingiram uma «situação de completo bloqueamento», pois o Governo e os gestores das duas empresas, «em completa violação do princípio da liberdade negocial das partes e à margem da lei da contratação colectiva, pretendem impor um tecto salarial».

Na Carris, os sindicatos reivindicam aumentos de 23 por cento, enquanto a comissão administrativa não ultrapassa os 18,5; no Metro, a proposta sindical é de 25,6 por cento, e a contraproposta do conselho de gerência de 19 por cento.

Para os sindicatos, a discrepância entre estes valores revela uma «política salarial avessa aos trabalhadores», que «afecta seriamente o poder de compra de quase dez mil trabalhadores». Segundo dados oficiais, só nos primeiros 12 meses de vigência das actuais tabelas salariais o custo de vida subiu 22,1 por cento...



As organizações sindicais negam que os aumentos salariais tenham repercussão significativa nas tarifas dos transportes. «Para que o aumento salarial influenciasse directamente em 20 por cento os custos na Carris, o aumento salarial teria que ser da ordem dos 32%; no Metro, o aumento salarial teria que ser da ordem dos 35 por cento» — afirmam as comissões sindicais negociadoras.

Cervejas: ACT demora

Entretanto, no sector cervejeiro estão em curso plénários de empresas, que muito provavelmente decidirão uma greve entre as 8 horas de 3 de Dezembro e as 8 horas do dia 5.

A negociação do ACT, que abrangerá as duas empresas públicas do sector (Centralcer e Unicer), «enclenhou nas tabelas salariais e nas regalias económicas. Os trabalhadores pretendem desbloquear esta situação, no momento em que as negociações, por iniciativa dos conselhos de gerência, transitam para a fase de conciliação.

A proposta sindical vai no sentido de aumentos salariais de 23 por cento (mais 5 a 6 por cento para a restante matéria pecuniária), enquanto os gestores se

ficam pelos 18 por cento (mais 1%).

«Agraute»: greve

Os trabalhadores do sector metalúrgico da «Agraute», uma das maiores empresas metalomecânicas da Guarda, efectuaram ontem uma paralisação de duas horas em defesa de reivindicações salariais.

Os trabalhadores pretendem um aumento de 15 por cento retroactivo a Outubro, e de 20 por cento a partir de Janeiro do próximo ano.

A administração acedeu a conceder 20 por cento de aumento no próximo ano, a dividir em duas fases (15 por cento em Janeiro e mais 5 por cento em Março), caso o balanço da empresa apresente lucros.

A reivindicação de aumentos retroactivos a Outubro não foi aceite, pelo que se goraram as negociações que desde a semana passada se efectuavam na delegação do Ministério do Trabalho na Guarda.

Caso não sejam satisfeitas as reivindicações, os trabalhadores metalúrgicos voltarão a paralisar no dia 26 por um período de três horas, aumentando progressivamente uma hora nos dias seguintes.

Segundo a CT

Inatel em má situação

A Comissão de Trabalhadores do Inatel alertou a opinião pública para a situação económica difícil que se vive na instituição.

Segundo a CT, as dificuldades económicas existentes «podem colocar em causa» as actividades do Inatel.

A par da crise económica que a curto prazo incidirá sobre as actividades desenvolvidas pelo Inatel, estão também em causa os direitos socioprofissionais dos trabalhadores do Instituto.

Entretanto, a CT tomou a iniciativa de pedir uma audiência aos responsáveis governamentais, no sentido de os sensibilizar para a urgência da resolução dos problemas que afectam o Inatel.

Para uso da CEE

Governo incrementa formação profissional

Em 1981 e 1982 vão ser criados em Portugal dez centros de formação profissional, no âmbito do programa de adesão à CEE, segundo revelou o ministro do Trabalho, Eusébio Marques de Carvalho.

Esta medida tem em vista proporcionar, a articulação dos meios produtivos portugueses e o projecto de acções comuns com a Comunidade Económica Europeia na área da formação profissional.

O ministro disse que o Governo «está ciente de que para se auferir salários europeus é necessário atingir níveis de produtividade europeus».

Marques de Carvalho fez estas afirmações na sessão de abertura de um colóquio sobre a integração de Portugal na CEE, que decorre na delegação do Porto do Ministério do Trabalho (MT) até quarta-feira.

Marques de Carvalho historiou as diferentes fases do processo de integração na CEE, cujos parâmetros definiu, e disse, a dado passo, que «o isolacionismo foi ultrapassado pela internacionalização e interdependência das economias».

A integração, disse o ministro, «é factor altamente positivo para a competitividade da nossa indústria pela implicação permanente de adaptação a novas tecnologias e a novos métodos de gestão e produção».

«Temos de procurar as áreas de intervenção dos nossos produtos, particularmente na agricultura e indústrias alimentares, pela especificidade das suas condições de produção, designadamente climáticas, cientes de que a preferência dos mercados externos se verifica tendencialmente para os produtos de mais difícil produção local», salientou ainda Marques de Carvalho.

Acordo resultou

Terminou a greve nos correios alemães

A greve dos correios da RFA terminou ontem, provisoriamente, pois os representantes do Ministério e do Sindicato do sector (DPG) chegaram a acordo.

Os 130.000 trabalhadores sindicalizados terão de se pronunciar em definitivo sobre o reinício do trabalho, na quinta e na sexta-feira.

Os trabalhadores dos correios tinham entrado em greve para obter uma melhoria das condições de trabalho por equipas.

O Sindicato dos Serviços Públicos e dos Transportes, associou-se a este acordo, de que devem beneficiar também 900.000 ferroviários.

Segundo estimativas oficiais, a aplicação do acordo provocará despesas orçamentais suplementares de cerca de 500 milhões de marcos. Os trabalhadores dos correios dispõem agora de 1 a 4 dias de recuperação suplementares. Nos serviços públicos (caminhos-de-ferro, hospitais, Polícia) os interessados obterão um número igual de dias de repouso anuais. O sindicato tinha pedido um máximo de 13 dias de repouso suplementares.

DOSSIER

Minúsculas celas cobertas de excrementos humanos, o solo transformado num lago de urina, duas tiras de espuma ensoopadas, no chão, a servir de colchão, uma manta nauseabunda em cima de cada letto, vermes de diferentes espécies movendo-se lentamente nas bostas das paredes, um penico entornado. Ao fundo das celas junto às grades da janela, de onde apenas se vislumbra o branco das murelhas da prisão, dois corpos nus. Em pé. Barbas e cabelos de palmo, corpos que não vêem água desde o banho forçado do último Natal, olhos que não vêem outras paredes desde cada domingo em que têm o privilégio de abandonar a cela, envolvidos nas suas imundas mantas, para meia hora de ofício religioso. Olhos que há anos não vêem uma letra, uma imagem, que não sejam as da Bíblia, único objecto que lhes é permitido possuir... além do penico.

Dois corpos fisicamente quase dois bichos. Moralmente, dois homens fortes. Quatrocentos na mesma prisão, nas mesmas circunstâncias. Capazes de se sujeitarem a tais condições, consideradas infra-humanas, pelo Cardeal O'Fiach, chefe da Igreja Católica da Irlanda (Norte e Sul), para não vergarem perante aqueles que consideram como os ocupantes britânicos. Para fazerem valer, apenas, o direito de serem reconhecidos como presos políticos. Sete de entre eles entram hoje no seu trigésimo dia de greve de fome até à morte, em defesa da dignidade humana. Por cada um que morra outro passará a recusar todo e qualquer alimento que não seja água ou sal. Por cada um que morra, a Irlanda do Norte dará mais um passo para a guerra.

A Irlanda em situação devida dos 400'

O que acima escrevemos não é uma descrição feita por um qualquer fugitivo dos campos de concentração da Alemanha nazi, ou do Chile de Pinochet, ou da África do Sul, ou do Camboja de Pol Pot. Também não se trata de um relato, exagerado e baseado em testemunhos por vezes pouco claros, de algum local de detenção de dissidentes soviéticos, como aqueles que se lêem quotidianamente na imprensa de direita. Trata-se, tão simplesmente, de um relato frio da situação que se vive actualmente na cadeia de Long Kesh, perto de Belfast, na Irlanda do Norte, país administrado pelo Governo de sua majestade, a rainha Isabel II de Inglaterra. Da Inglaterra, dos lordes e do chá das cinco, da Inglaterra, pioneira do parlamentarismo, e apregoado expoente da tolerância e da convivência democrática, da Inglaterra do diálogo, das minorias, dos direitos do homem, etc. Não se trata do Afeganistão nem de Cuba, trata-se de um país europeu ocidental, membro da CEE, no último quartel do século XX. E os testemunhos que conduzem a tal relato são inquestionáveis: cardeal O'Fiach, Amnistia Internacional, Sean Mc'Bride, prémio Nobel da Paz e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da República da Irlanda (Sul), documentos fotográficos obtidos clandestinamente, e alguns, há poucas semanas, através da BBC, antigos prisioneiros, seus familiares, e até funcionários ingleses encarregados de missões de inspecção prisional...

As condições infra-humanas a que se refere o Cardeal O'Fiach não são porém, exclusivas dos 400 homens de Long Kesh. Também na prisão de Crumlin Road, em Belfast, 160 presos vivem a mesma tragédia. Na cadeia de Armagh, são 40 mulheres, também prisioneiras políticas, que se encontram desde Fevereiro último em condições semelhantes. Até ao passado mês de Setembro, as numerosas manifestações populares, as múltiplas condenações



Richard Behal (à direita), acompanhado de objectivos britânicos é destruído a Irlanda

Greve da fome

internacionais, as tentativas de resolução do problema, propostas ao Governo inglês pelo Cardeal O'Fiach, e pelo Comité Nacional Bloc H (nome porque são conhecidas as diferentes unidades da prisão de Long Kesh), tudo, tudo se revelou vazio para fazer recuar as autoridades de Londres.

Greve da fome até à morte

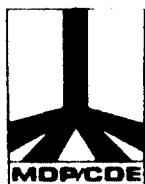
Face à intransigência britânica, e goradas todas as tentativas de mediação sete dos presos de Long Kesh anunciaram em 10 de Outubro que iniciariam em nome de todos os outros, em 26 desse mês, uma greve da fome, até à morte, caso até lá não fossem aceites as cinco exigências mínimas do Comité Nacional Bloco H, destinadas a restituir-lhes os direitos de presos políticos, que gozavam os

TEATRO VASCO SANTANA

4.ª-FEIRA, 26 NOVEMBRO, 21.30

DEBATE PÚBLICO

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E A DEFESA DO REGIME DEMOCRÁTICO



Introdução dos temas:

PITEIRA SANTOS
(Independente)
LUÍS AZEVEDO
HELENA CIDADE
MOURA

ORGANIZAÇÃO DA COMISSÃO DISTRITAL DE LISBOA DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS



Foto obtida clandestinamente numa das celas da cadeia de mulheres de Armagh. As paredes encontra-se cobertas pelos excrementos da prisioneira. Desde Fevereiro que as detidas não são autorizadas a ir à casa de banho, nem a procederem a qualquer limpeza dos seus corpos

nda do Norte ação explosiva o à situação "homens nus"



Enchado de Eileen M'Conville: «O vir psicologicamente a resistê-
ndesa»

esperam a sua vez para substituir cada um dos que caia. Enquanto isto, a Irlanda entra em ebulição. Desde 26 de Outubro as agências noticiosas fazem chegar às redacções dos jornais notícias dispersas sobre as manifestações que quase quotidianamente se desenrolam em toda a ilha em solidariedade com os presos políticos. Os responsáveis ingleses aperfeiçoam o seu aparelho repressivo e enviam secretamente tropas especiais para a parte Norte, da ilha. Por seu lado, os nacionalistas que defendem a unificação do Sul (República da Irlanda ou Eire, capital em Dublin) com o Norte (Irlanda do Norte ou Ulster, sob domínio inglês, e com capital em Belfast) preparam-se também para o confronto que dizem aproximar-se e de que desde já responsabilizam o governo Thatcher. Por enquanto, trata-se fundamentalmente de salvar os grevistas da morte e, ao mesmo tempo, de evitar o desencadear de mais um período de confronto armado.

E neste sentido que delega-

logo Noam Chomsky, numerosas organizações sindicais inglesas e irlandesas, o PCF, o PCE e o PSOE, assim como as Comisiones Obreras espanholas, são algumas dos milhares de conhecidas figuras e organizações que já assinaram a petição internacional de solidariedade que está a ser divulgada pelo Comité Nacional Bloco H. As exigências formuladas nesta petição, aceites pelos presos, e da satisfação das quais depende a cessação da greve da fome, são as seguintes: Direito ao porte de roupa civil; não obrigatoriedade do trabalho prisional; direito à livre associação com os outros presos políticos; direito a organizar actividades recreativas e educacionais, assim como a receber semanalmente uma visita, uma carta, e uma encomenda; restituição do direito à liberdade após o cumprimento de metade da pena.

Richard Behal, e Eileen M'Conville contaram em traços gerais ao «DL» as origens da actual crise. «Em 1972, na sequência dos graves incidentes

me ameaça a vida de numerosos presos políticos

seus camaradas presos antes de 1 de Março de 1976. Nesse espaço de tempo, de Londres chegaram mais manifestações de intolerância e desprezíveis declarações do Governo da senhora Thatcher afirmando que «se quisessem morrer, ninguém os impediria». Em 26 de Outubro a greve foi desencadeada.

Seis dos grevistas representam os seis condados ocupados da Irlanda do Norte e um representa a unificação do país, porque lutam, e simboliza «os motivos políticos que os levaram à prisão. A partir do próximo dia 6 de Dezembro, alguns começarão a morrer. É a história recente da Irlanda do Norte é fértil em casos de morte durante greves da fome nas prisões políticas.

Vegetando como animais nas suas celas, estes homens não cederão. Quatrocentos outros

ções do Comité Nacional Bloco H percorrem neste momento os EUA, o Canadá, a Austrália e a maior parte dos países da Europa, denunciando as atrocidades cometidas pelas autoridades inglesas na pessoa dos presos políticos nacionalistas da Irlanda do Norte. Em Portugal encontram-se Richard Behal e Eileen M'Conville (saída há 3 semanas da cadeia de Armagh), para contactar os partidos políticos, as organizações humanitárias e os meios de Comunicação Social. O referido comité, criado no passado ano, conta com o apoio de destacadas figuras políticas, sindicais e intelectuais da Irlanda, da Inglaterra e dos EUA. Sean McBride, Prémio Nobel da Paz, o cardeal O'Fiach, o bispo Collin da Namíbia, o líder da esquerda do partido trabalhista inglês, Tonny Benn, o economista americano Paul Sweezy, o soció-

desse ano, os presos republicanos (partidários da união do Norte com o Sul e da retirada dos ingleses do Norte) conseguiram através de uma greve da fome que lhes fosse reconhecido o estatuto de presos políticos».

«Em 1 Março de 1976 o Governo de Londres decidiu que não haveria mais presos políti-



Dois «homens nus» envolvidos nos seus cobertores tal como a BBC os filmou, sem lhes poder falar, no princípio deste mês



"H-Block is torture, and before long it will be murder"

— THE BLANKET-MEN
OCTOBER 1979

ISSUED BY THE REPUBLICAN MOVEMENT

Vista aérea da prisão de Long Kesh, onde estão detidos os quatrocentos «homens nus». Cada um dos diferentes H que se divisam constituem em si uma prisão de alta segurança no interior das muralhas exteriores

cos na Irlanda do Norte. Daí para o futuro, todos os republicanos detidos pelas autoridades ocupantes passariam a ser considerados como quaisquer vulgares criminosos. Era a criminalização da luta política. Isso traduziu-se na supressão de todos os direitos dos presos políticos e na tentativa de lhes impor o uniforme prisional. (ver «DL» de 14/2/80). Kieran Nugent foi o primeiro republicano a negar-se, em 14 de Setembro de 1976, a envergar o uniforme, após a sua condenação a três anos de prisão. Sendo-lhe retirada a sua roupa, Nugent viu-se obrigado a ficar nu, protegendo-se até ao fim da sua pena com o cobertor da cama. Nugent foi o primeiro dos «homens nus» da cadeia de Long Kesh. Actualmente eles são mais de quatrocentos. Alguns cumprem três penas de prisão perpétua ao mesmo tempo».

Entretanto, seguindo o exemplo de Kieran Nugent, cerca de quatrocentos novos presos foram-se recusando a envergar o uniforme prisional. Até Março de 1978, conta-nos Richard Behal, o protesto limitava-se a essa recusa. Os presos podiam servir-se das casas de banho exteriores às celas deslocando-se aí embrulhados nos seus cobertores. Nessa altura, os presos

se recusavam a despejar, ou então despejavam no chão das próprias celas. Foi esta situação que obrigou os presos a barrarem as paredes das suas celas com os seus próprios excrementos para que os guardas, que quotidianamente os agridem, não os entorem em cima dos colchões onde dormem. A urina, essa não têm outra solução senão deixá-la escorrer pelo chão. Como lhes é recusada a saída das celas, não se podem lavar, nem barbear, nem receber visitas. Está-lhes também proibido o acesso a tabaco, livros, jornais, rádio, encomendas dos familiares, correspondência, recreio. Vivem sozinhos 24 horas do dia entre as quatro paredes das celas, ou, nalguns casos, partilham-nas com um camarada. Regularmente são sujeitos a humilhantes e violentas inspecções intra-anais a pretexto de procurar canetas e outros objectos proibidos. As autoridades permitem-lhes que vão à missa meia hora por semana (foi durante a missa que combinaram a actual greve da fome), e obrigam-nos a mudar de cela todos os dois meses para que os riscos de epidemias não sejam demasiados.

Pela mesma razão mergulham-nos em água quase a ferver uma ou duas vezes por ano e misturam poderosos e intragáveis desinfectantes ao comer que os presos ingerem na promiscuidade dos seus leitões (já que nem mesa nem cadeira existem no interior das celas).

O testemunho de Eileen M'Conville

Vinte e três anos cansados e graves. Uma mulher loura que fala a medo. Saiu da cadeia de Armagh há três semanas, depois de lá ter passado dois anos por pertencer a uma organização de mulheres republicanas. Um seu irmão cumpre uma pena de cinco anos em Long Kesh, e é um dos 400 «homens dos cobertores».

Conta-nos assim: «Em 7 de Fevereiro deste ano, quando eu e as 39 outras presas republicanas de Armagh nos dirigimos para o refeitório da cadeia, fomos cercadas por cinquenta homens armados de cassetetes, guardas da prisão de Long Kesh e por 30 mulheres guardas de Armagh. Disseram-nos que

íamos ser revistadas, uma a uma, na sala de verificações. A primeira que para lá se dirigiu foi imediatamente agredida a murro e pontapé frente a nós todas. De seguida fomos todas violentamente agredidas durante mais de uma hora. As nossas celas foram entretanto passadas a pente fino e nós também. Retiraram-nos todos os objectos pessoais. A partir de então, fomos obrigadas a ficar 23 horas por dia nas celas, e as casas de banho foram seladas.

Já desde 1976 que não éramos consideradas presas políticas, mas até aí, por sermos mulheres concediam-nos alguns privilégios que há muito haviam retirado aos nossos camaradas de Long Kesh. Em 7 de Fevereiro, porém, os britânicos resolveram obrigá-los a trabalhar dentro da prisão e a aceitar outros símbolos da situação dos presos de delito comum. Nós recusámo-nos e foi essa a razão da sua mudança de atitude. De então para cá, temos um bacio na cela e quando ele está cheio somos obrigadas a espalhar os excrementos pelas paredes com pedaços de cobertor. De Fevereiro até Outubro nunca vi água a não ser a das refeições. Não entrei numa casa de banho, não fiz uma lavagem íntima. Por cada período menstrual recebi quatro pensos higiénicos da administração penitenciária que eram normalmente deitados pelas guardas para cima da urina e dos dejectos que cobriam o chão da cela. Lavaram-me a roupa três vezes. Nunca recebi uma encomenda da família.

Não li, não escrevi, não fumei. Algumas das minhas camaradas contraíram graves infecções intra-uterinas e não são objecto de qualquer tratamento que não sejam calmantes. Suspeita-se que muitas delas tenham ficado estéreis para toda a vida».

Europa, Irlanda do Norte, ano de 1980.

José António Cerejo

NOTA: A petição internacional de protesto contra a situação dos presos das cadeias de Long Kesh e de Armagh encontra-se disponível junto de Isabel Fernandes, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 102 r/c Dt. Lisboa Tel. 732752

Primeira receita do Fundo Monetário Internacional

“Armazéns do Povo” da Guiné-Bissau a caminho da reprivatização

Reformas na economia da Guiné-Bissau, tais como a liberalização do comércio, estão a ser estudadas pelas novas autoridades, confirmou o comandante Nino Vieira aos jornalistas, reforçando assim as interpretações que vêem, como objectivo último do golpe de Estado, uma inflexão da política económica para rumos mais liberais e capitalistas.

A liberalização do comércio passa na Guiné-Bissau pela destruição dos Armazéns do Povo que controlam 60 por cento do comércio interno e 80 por cento do comércio externo. Têm, aliás, o exclusivo das importações de produtos essenciais.

Esta destruição dos Armazéns do Povo esteve sempre no horizonte dos homens do Fundo Monetário Internacional que várias vezes estiveram em Bissau, sem

grande sucesso, diga-se, nas soluções que pretendiam ver consagradas.

Os Armazéns têm sido, aliás, abalados por vários casos de corrupção, a maior parte dos quais deram origem a inquéritos de resultados desconhecidos.

Por outro lado, era voz corrente que a empresa conheceu, sempre, uma gestão ruinosa e que só não era deficitária porque praticava margens de lucro exorbitantes.

Também se especulou sempre, e agora com maior intensidade, acerca de «negócios escuros» envolvendo responsáveis da empresa, nomeadamente por meio de sobrefacturações das importações.

O director dos Armazéns do Povo, Francisco Coutinho, é cunhado do antigo presidente Luís Cabral e chegou a estar detido

algum tempo após o golpe de Estado de 14 de Novembro.

A comissão de inquérito é constituída por peritos contabilistas, entre os quais um cooptante português do Ministério das Finanças, e um comerciante privado, Carlos Gomes.

A corrupção reinante nos Armazéns acaba assim por facilitar a vida aos que combatem a estatização do comércio e apostam a fundo na sua liberalização. Não é por acaso que um dos inquiridores é exactamente Carlos Gomes, o principal comerciante privado da Guiné-Bissau, inclusive Presidente da Associação Comercial e Industrial.

Relações com a União Soviética

O futuro das relações Guiné-Bissau com a União Soviética permanece incerto, mas surgem cada vez mais indícios de que as novas autoridades vão, pelo menos, reduzir a influência soviética no país.

Entre os novos dirigentes guineenses nenhum é considerado pró-soviético e alguns têm mesmo uma visão crítica do que eram as relações com a URSS.

Quando o golpe de Estado eclodiu, os conselheiros militares soviéticos foram imediatamente neutralizados e consta que têm até agora sido mantidos afastados dos quartéis.

A colónia civil soviética em Bissau, bastante numerosa, também é muito pouco vista nas ruas e sabe-se que alguns dos seus membros têm manifestado certa intranquilidade.

O embaixador soviético, por exemplo, circula agora de carro acompanhado dos seus presumíveis guarda-costas, quando antes andava sozinho.

Alguns observadores continuam a insistir em que os soviéticos, colocados nas Forças Armadas e na Segurança, foram um suporte do regime anterior, e esse papel não lhes permite agora enfrentar a nova situação de cara levantada.

França “preocupada” com o Chade

O Governo francês manifestou a sua «grave preocupação» com a presença de «importantes forças estrangeiras no Chade».

Embora a Líbia não seja citada, é óbvio que o comunicado se refere à alegada intervenção Líbia no conflito que opõe o presidente Goukouni Weddeye ao ministro da Defesa Hissene Habre.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros francês afirma, em comunicado, que «a chegada de numerosos elementos armados vindos de outros países dá uma nova dimensão à guerra civil, o que faz aumentar os riscos para o Chade, causa numerosas vítimas na população e ameaça a estabilidade da região».

«A França mantém contactos sobre este assunto com países africanos que também estão preocupados com o agravamento da situação e atribui particular importância às suas reac-

ções», diz ainda o comunicado.

Por outro lado, segundo informações atribuídas a refugiados chadianos recentemente chegados aos Camarões, as Forças Armadas Populares do Presidente Goukouni Weddeye estão a utilizar armas pesadas fornecidas pela Líbia, acusada, na semana passada, pelas forças de Hissene Habre, de ter enviado três mil soldados para auxiliarem as FAP.

Um ponto que merece atenção é o desmentido francês quanto à existência de um acordo secreto entre Paris e Trípoli, que concederia uma zona de influência à Líbia no norte do Chade, ficando o sul do país sob o controlo da França.

A denúncia da existência desse acordo teria sido feita por partidários de Hissene Habre, até hoje considerado como o «homem» dos franceses.

Más companhias

Uma das vítimas (que a história não regista) do caso Dreyfus foi Swann, íntimo do Eliseu, convivendo habitual das festas do príncipe de Gales, esteta que quase tornou o bom gosto numa ciência, judeu muito rico, Swann, conseguiu, pelos seus méritos, entrada nos salões mais herméticos de Saint Germain. Formou com os aristocratas uma associação: eles abriram-lhe as portas, «adoptaram-no» como seu, e ele, em troca, educou o sentido estético desses descendentes de velhas casas, que entendiam — e muito bem — que os refinamentos da civilização a que haviam ascendido só era completo se acompanhado por segura escolha artística.

Surgiu então o caso Dreyfus. E Swann, só porque era judeu, antes mesmo de alguém nele suspeitar um «dreyfusard» (que ele foi... por sentido estético), acabou expulso dos salões de Saint Germain. Essas portas, outrora tão avessas a receber gente estranha, escancararam-se subitamente de par em par, e deixaram-se invadir pela vaga de senhores e senhoras de La Chameau, La Chamelle e La Chamellerie (como dizia, desanimado e contrário, o velho barão de Charlus). A causa nacional, a «santa causa», uniram aristocratas e criaturas boçais numa associação, mas uma pandilha.

Três séculos antes, Paris assistira a uma coisa semelhante quando príncipes ambiciosos se uniram à escumalha mais irracional do território, criando uma célebre Liga do Bem Comum, uma espécie de antecipação gaulesa do caceteísmo miguealista português. Foi também uma pandilha, que deixou boquiabertos os espíritos solitários e cultos da época como um tal «Bourgeois de Paris», que, com nojo inventível, descrevia, no fundo do

seu gabinete, as cenas paradoxais da pandilha, em que andavam metidos no mesmo saco os espíritos mais requintados da aristocracia, subitamente colocados ao nível da ignorância alvar, só porque assim lhes parecia mais fácil conquistar o poder.

O espírito de pandilha instalou-se mesmo na corte de Luís XIV. Saint-Simon conta-nos, com um cepticismo quase copiado do Ecclésiastes, como testemunhou, escondido atrás de uns abustos, uma cena para ele altamente chocante e demonstrativa de que a corte, a França, o mundo, enfim, estavam perdidos: o Rei-Sol, apertado de dinheiros, prestou-se à ignomínia de pegar pelo braço no banqueiro Samuel Bernard e andou-lhe mostrando o jardim de Versalhes. Perante este gesto cortês de Luís XIV, o empréstimo que o banqueiro tanto tinha recusado foi logo ali garantido e aumentado. Uma associação de pandilha, está bem de ver.

E que diremos dos banquetes e festins em que um ilustre aristocrata francês (suponho que por via oblíqua e linha colateral relacionado ainda com Luís XIV) para mais Presidente da República, se juntava com um reconhecido antropófago a troco de valiosos presentes? Uma pandilha!

Tudo isto são cogitações que nos ocorrem quando lemos notícias sobre a Guiné-Bissau e vemos a imprensa fascista portuguesa falar da «segunda descolonização» da Guiné e vemos que em Bissau um indivíduo com ligações à PIDE sai da prisão e decide botar fala-dura. Que tipo de união pode haver entre isto e os guerreiros do PAIGC que hoje com essa escumalha se juntam? Uma aliança? Não uma pura e simples pandilha.

Alice Nicolau

Luís Cabral só deverá sair depois de desacreditado

O antigo presidente da Guiné-Bissau Luís Cabral, não deixará tão cedo o seu País, e, quando o fizer, a sua imagem poderá estar desacreditada — disseram à Anop personalidades do novo regime.

Nos primeiros dias após o golpe de Estado havia indícios claros de que no Conselho da Revolução havia chegado a um acordo no sentido de autorizar a partida imediata do Presidente deposto.

Mas, de um momento para o outro, começaram a avolumar-se indicações segundo as quais Luís Cabral só poderia partir depois de concluídos alguns inquéritos ao seu mandato.

O que explica esta mudança de atitude parece ter sido o propósito das novas autoridades de demonstrarem que Luís Cabral «não estava isento de erros graves», legitimando, com isso, o seu derrube.

A visita de diplomatas e jornalistas às valas comuns onde foram enterrados opositores executados por ordem de Luís Cabral, segundo afirma o novo Governo, comprova a intenção de incriminar o antigo presidente.

Entretanto, o dirigente guineense, Bernardo Vieira, não aceitou uma proposta de Aristides Pereira, para que o encontro entre ambos se realize na ilha do Sal.

O secretário-geral do PAIGC propôs a ilha do Sal numa mensagem em que respondeu positivamente ao convite de Bernardo Vieira para um encontro entre ambos.

Sabe-se que o dirigente guineense invocou razões ligadas com a situação no seu país para não aceitar o Sal e contrapor Bissau para local do encontro.

Esta iniciativa é geralmente interpretada como um passo destinado a pôr termo ao diferendo entre os dois países.

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS. ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.



- | | |
|---|---|
| ☐ COSTURA | ☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV |
| ☐ FOTOGRAFIA | ☐ DESENHO E PINTURA |
| ☐ RELAÇÕES PÚBLICAS | ☐ ELECTRICIDADE |
| ☐ VENDAS / MARKETING | ☐ INGLÊS |
| ☐ CULTURA, GERAL | ☐ SECRETARIADO |

Peço o envio de livrete colorido e ilustrado sobre o curso que quero com um

GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____



CEC - ALVARO TORRALBA * Radio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA Codex - Telef. 54 31 38

Ena
natal 80
1 casa de 1500 contos
um automóvel
milhares de valiosos prémios
em breve à venda

**DUAS RODAS
DUAS VEZES MAIS
ATENÇÃO!**

Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa.
Por ano morrem cerca de 500 pessoas vítimas desses acidentes.
Ao conduzir um 2 rodas tenha em atenção a estabilidade do veículo e mantenha uma distância segura em relação aos outros veículos.
Assinale com antecedência qualquer mudança de direcção.
Nunca circule aos zigzagues.

circular e viver.

**SINDICATO
DOS CONSTRUTORES CIVIS
CONVOCATORIA**

Nos termos do disposto no art.º 27.º, alínea c) e art.º 56.º do Estatuto, convoco a Assembleia Geral do Sindicato para reunir, em sessão ordinária, nas sedes Nacional e Regionais do Sindicato, pelas 21.00 horas do próximo dia 4 de Dezembro de 1980, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Apreciação e votação do orçamento para o ano de 1981

Lisboa, 12 de Novembro de 1980

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(Domingos Henrique Seice Dias)

N.B. — Segundo o art.º 31.º do Estatuto, as reuniões da Assembleia Geral têm início à hora marcada, com a presença de qualquer número de sócios.

Itália

Balanço do sismo já se eleva a mais de 3000 mortos

O Comando Militar das Operações de Socorro aos Sinistrados do Sismo que no domingo assolou o sul de Itália, anunciou ontem à noite que o número das vítimas se elevava já a 3132 mortos. Por seu lado, o Ministério do Interior indicou que mais de um milhar de cadáveres já foram retirados dos escombros.

Entretanto, na vasta região atingida, mais de cem mil desalojados passaram a sua segunda

noite ao relento, por entre as ruínas, enquanto se faziam sentir, ao longo da noite, mais dez réplicas de fraca intensidade.

Nas aldeias das montanhas, como em Laviano, San Mango e Bella, que ficaram totalmente destruídas, as equipas de socorro debatem-se com falta de meios, tendo os seus elementos que escavar a terra praticamente com as mãos.

As operações de socorro são

difíceis devido à extensão da região sinistrada (15 000 quilómetros quadrados), à dispersão das aldeias, a maior parte em região montanhosa, às ruínas que obstruem as estradas, já de si estreitas. Muitas aglomerações foram assadas «esquecidas» pelos salvadores nomeadamente perto de Ippinia e na proximidade do epicentro do terramoto o mais violento que a Itália conheceu nos últimos cinquenta anos (9

graus da Escala de Mercalli que conta doze).

Enquanto isto, soube-se ontem que uma das vítimas do terramoto foi o arcebispo de Frosinone, monsenhor Frederici. O prelado, de 70 anos, visitava uma moradia, perto de Potenza, que pretendia adquirir para aí instalar um asilo de velhos, quando o edifício se desmoronou, soterrando-o mais à sua comitiva.

O Papa João Paulo II tencionava deslocar-se hoje, de helicóptero, à região mais atingida, prevendo-se que visite as cidades de Nápoles e de Potenza e a aldeia de Balvano.

O Governo italiano decretou um dia de luto nacional e declarou «zonas de catástrofe» as províncias de Basilicata e Campania. O presidente Sandro Pertini visitou ontem as regiões mais atingidas pelo sismo.

Cimeira árabe em Amã sob o signo da divisão

Pela primeira vez a partir de hoje, em Amã, uma cimeira árabe de chefes de Estado, vai decorrer na ausência dos representantes do povo palestino, da Síria, da Argélia e do Líbano.

A Organização de Libertação da Palestina, OLP anunciou com efeito ontem, bem assim como os governos libanês e argelino, que se recusava a participar nesta décima primeira cimeira árabe. Estes três membros da Liga Árabe solidarizaram-se com a Síria que pedira o adiamento da reunião, para facilitar a resolução dos principais diferentes entre países árabes.

A ausência da Argélia e do Líbano, embora grave, pois acentua a cisão do mundo árabe não reveste no entanto a mesma importância da ausência da OLP ou da Síria, principais adversários militares de Israel. Com efeito a ordem do dia inclui precisamente uma estratégia de acção política e económica para fazer frente a Israel. Esta estratégia, que a OLP e os três outros estados já aprovaram em reuniões ministeriais preparatórias que precederam a cimeira, não tem sentido sem a presença da Síria e da OLP.

Os observadores pensam que questões como Jerusalém ou a criação de um comando militar árabe unificado contra o estado sionista, não poderão ser examinados cabalmente sem o acordo dos palestinos e da Síria.

Turquia: 97 mortos numa explosão de gás

Noventa e sete mulheres e crianças pereceram ontem no incêndio provocado pela explosão num depósito de gás butano que se encontrava na cozinha duma casa de aldeia, onde se celebrava um noivado, perto de Ankara.

O único sobrevivente é uma criança de seis anos que ficou ferida e foi internada num hospital.

Dois homens foram ligeiramente feridos quando tentavam socorrer as mulheres e as crianças que se encontravam atarralhadas numa sala de onde não conseguiram sair.

A partir de 15 de Dezembro

Petróleo poderá custar mais dois dólares por barril

A OPEP prepara-se para aumentar de novo os preços do petróleo, na sua reunião de 15 de Dezembro em Bali, Indonésia — revelou o semanário «The Gulf Times», que se publica no Qatar.

Segundo o jornal, esse aumento será de dois dólares por barril.

Citando «fontes fidedignas» daquele Emirato do Golfo Pérsico, o «Gulf Times» adianta como razões do aumento «as constantes subidas dos preços dos bens industriais e alimentares em todo o mundo» e a «assinalável alta dos preços das ramas no mercado livre».

Os preços da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) variam entre trinta dólares por barril para o petróleo leve

da Arábia Saudita e os 37 para o petróleo africano de melhor qualidade, enquanto no mercado livre, a primeira daquelas qualidades foi transaccionada na semana passada a quarenta dólares, nível bastante aproximado do recorde de 41 dólares verificado no ano passado.

Segundo os analistas, a subida dos preços no mercado livre deve-se ao receio de uma quebra de produção gerada pela guerra Iraque-Iráo.

Por sua vez o ministro da Energia da Indonésia declarou nos Emiratos Árabes Unidos que a recente subida do petróleo no mercado livre encorajará a OPEP a aumentar o preço do seu petróleo em 15 de Dezembro.

O ministro Subroto fez as decla-

rações à agência Wan, dos Emiratos, no final duma visita por quatro países do Golfo Pérsico: Arábia Saudita, Kwait, Qatar e Emiratos Árabes Unidos.

Subroto disse admitir a possibilidade do aumento também pelo facto de existir um desequilíbrio entre a oferta e a procura.

Segundo os observadores, a viagem de Subroto destinou-se a acordar com os dirigentes daqueles Estados o quantitativo do aumento a decidir na reunião de Bali, que um semanário árabe já adiantou ser de dois dólares por barril.

O ministro referiu, por outro lado, não ser possível ao seu país, «por razões técnicas», aumentar a sua produção de petróleo, para compensar os países

em vias de desenvolvimento da quebra da produção do Irão e do Iraque.

«No entanto — acrescentou — adiamos os planos de reduzir em 10 por cento o nível da produção».

Enquanto isto, a agência da OPEP (OPEPNA) informa que os directores das empresas petrolíferas nacionais dos treze países da OPEP iniciaram hoje a sua sexta reunião bianual.

Os dirigentes discutirão as possíveis formas de cooperação das suas empresas no que respeita à transferência de tecnologia na indústria petrolífera e farão uma análise da mão-de-obra no seio da organização, entre outras questões técnicas.

Três generais depõem hoje no julgamento de Pequim

Três generais chineses acusados de terem tentado assassinar Mão Tse Tung comparecerão hoje à tarde perante o tribunal especial constituído para julgar a sr.^a Jiang Qing, a viúva do presidente Mao, e os antigos dirigentes da Revolução Cultural, anuncia a agência «Nova China».

Trata-se dos generais Jiang Tengjiao, 61 anos, Huang Yongsheng, 70 anos, e Li Zuopeng, 66 anos.

Todos os três foram detidos em 1971 depois da sua participação numa tentativa de golpe de Estado organizado pelo marechal Lin Biao, então delfim de Mao e ministro da Defesa, morto misteriosamente num desastre aéreo, segundo a versão oficial, ao fracassar a sua acção.

Os três generais compareceram perante o «tribunal número dois», isto é, o órgão militar do tribunal especial do julgamento de Pequim iniciado na semana passada.

O tribunal militar já interrogou, no domingo, o general Wn Faxian, um outro dos colaboradores próximos de Lin Biao, que confessou ter entregue ao filho do ministro da Defesa a direcção da Força Aérea, uma das forças sobre as quais devia apoiar-se o golpe de Estado.

Contra Jiang Qing

O julgamento do «Bando dos Quatro» propriamente dito começou realmente ontem em Pequim, com a audição, pelo tribunal especial de dois dos seus membros, Wang Hongwen e Yao Wenynan, que depuseram con-

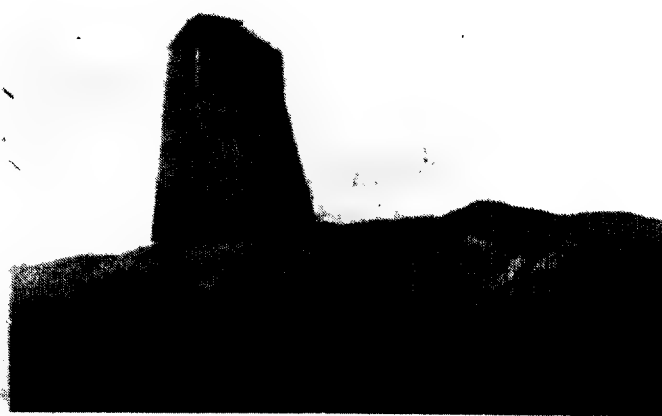


Foto histórica: pela primeira vez. Pequim divulgou a imagem dos destroços do avião no qual teria falecido, em 13 de Setembro de 1971, o marechal Lin Biao. (Telefoto UPI/Anop/DL)

tra o seu chefe, Jiang Qing, a viúva de Mao Tse Tung.

Durante uma reportagem radiofónica, os ouvintes puderam ouvir Wang Hongwen e Yao Wenynan responsabilizarem Jiang Qing pelas «calúnias» lançadas em 1974 contra Chu En Lai, então primeiro-ministro, e contra Deng Xiaoping.

Os dois co-reus de Jiang Qing estavam a ser interrogados sobre a «conspiração» fomen-

tada pela «clique contra-revolucionária de Jiang Qing» contra Chu En Lai e Deng Xiaoping, acusando-os perante Mao de procurarem «usurpar o poder dentro do Governo».

Apelo a favor de Maidana

A Comissão de Solidariedade aos Povos Latino-Americanos, em via de legalização no Brasil, emitiu um comunicado no qual denuncia o desaparecimento de Antônio Maidana, secretário-geral do Partido Comunista Paraguai, e dos líderes sindicais do Paraguai, Emilio Roa e

Alfredo Alcorta, os três sequestrados em 28 de Agosto passado na capital argentina.

Recordando que esse sequestro é mais uma prova da tática aliança contra a democracia que os regimes fascistas do Cone Sul entre si estabelece-

Polónia Ferroviários em greve

Os trabalhadores ferroviários de Varsóvia e Gdansk paralisaram ontem durante duas horas em protesto contra a forma como o Governo distribuiu o equivalente a trezentos milhões de escudos destinados a aumentos salariais.

No resto do país os comboios circularam normalmente, mas os ferroviários enfileiraram as locomotivas e as estações com bandeiras brancas e vermelhas, as cores tradicionais da Polónia.

Para hoje está prevista uma paralisação de quatro horas, caso até lá o Governo não reconsidere a sua posição.

Entretanto, uma parte dos trabalhadores da linha de montagem da fábrica polaca de tractores «Ursus» iniciaram ontem uma paralisação por tempo indeterminado como forma de exigirem a libertação de Jan Narozniak, um dirigente sindical preso desde quinta-feira.

Narozniak foi detido na sequência da descoberta, nas instalações sindicais, de um documento «secreto» proveniente do gabinete do Procurador-Geral da República. O sindicalista foi inculcado pelo desvio do referido documento.

ram, o Comité «exige dos governos paraguai e argentino que informem sobre o paradeiro de Maidana, Roa e Alcorta, vítimas da barbárie fascista» e mobiliza para esse objectivo «todas as camadas e sectores conscientes da Comunidade Nacional e Internacional».



● O GRANDE HOTEL NÃO ERA SEGURO — O grande

hotel MGM de Las Vegas, onde 84 pessoas morreram na sexta-feira passada, num dos incêndios mais mortíferos da história hoteleira, não respeitava totalmente as normas de segurança estipuladas pela legislação americana, segundo as primeiras conclusões do inquérito efectuado pelos bombeiros, cujo chefe recordou ter anteriormente aconselhado o arquitecto do hotel para dotar de «sprinklers» (sistema de extinção automático) todos os andares. Este respondera-lhe que a lei do Estado do Nevada não os tornava obrigatórios.

● O PREÇO DUM SILÊNCIO —

A Força Aérea americana concordou em pagar a quantia de 160 000 dólares (cerca de 8000 contos) a um antigo sargento que declarou publicamente em 1975 ser homossexual, para que desista do seu movimento a favor da integração dos homossexuais na Força Aérea, anuncia hoje o «Washington Post».

● MAIS DE MIL PRESOS EM

NOVA DELI — Mais de mil estudantes e jovens, simpatizantes, do Partido Comunista Indiano (PCI) foram presos, em Nova Deli, por terem organizado uma manifestação, apesar da proibição das autoridades. Os manifestantes entraram em choque com a Polícia diante do Parlamento. Os manifestantes apoiavam os protestos do PCI contra o desemprego.

● PÂNICO EM LIMA — Sete

mortos, 11 desaparecidos e 65 feridos é o primeiro balanço não oficial do incêndio, seguido de violentas explosões, registado segunda-feira numa fábrica dos arredores de Lima. Segundo a «Rádio Miraflores», muitas das janelas do Palácio do Governo ficaram estilhaçadas, devido às ondas de choque subsequentes às explosões, que provocaram manifestações de pânico em salas cinematográficas, edifícios públicos e casas particulares.

● AS ELEIÇÕES NO

UGANDA — Uma equipa de observadores de nove países da Comunidade Britânica chegou ao Uganda, para fiscalizar as eleições gerais de 10 de Dezembro. Sob direcção de um alto funcionário do Ghana, o grupo de enviados da Comunidade Britânica inclui representantes da Austrália, Canadá, Barbados, Botswana, Grã-Bretanha, Índia e Serra Leoa.

● JAVA: 26 MORTOS NUM

RITUAL — Pelo menos 26 pessoas morreram, domingo, na ilha de Java, na sequência de incidentes ocorridos numa ponte que conduzia a uma queda de água, durante o desenrolar da festa animista do «suro». Segundo as autoridades, cerca de 10 000 pessoas, persuadidas de que ficariam de boa saúde — como diz a tradição — se banhassem, no dia do «suro», precipitaram-se sobre a ponte para atingirem a cascata.

● VOLTA PENA DE MORTE —

Por 25 votos contra onze a Assembleia do Estado norte-americano de New Jersey decidiu-se, pela restauração da pena de morte neste Estado.

Desporto

Europeu de Juvenis

Portugal tem encontro marcado com a Espanha

O árbitro português Graça Oliva vai dirigir no dia 17 de Dezembro o jogo internacional de «esperanças» entre a Espanha e o Luxemburgo, a contar para o torneio europeu de futebol. Entretanto, a União Europeia das Associações de Futebol (UEFA) informou que no dia 23 de Dezembro a selecção portuguesa de juvenis defrontará a sua congénere espanhola, em jogo a contar para o torneio europeu de juvenis, sob a arbitragem do italiano Bergamo.

«Supertaça»

O Nottingham Forest, com o orgulho ferido por uma série de derrotas consecutivas, tem hoje a possibilidade de iniciar a recuperação ao defrontar o Valência de Espanha, na primeira mão da «Supertaça» de futebol.

Afastado da Taça dos Clubes Campeões Europeus pelo CSKA de Sofia, humilhado na Taça da Liga pelo modesto Watford, da 2.ª Divisão, e saindo de uma série de três derrotas consecutivas, o moral do Forest não é o mais indicado para o confronto anual entre os vencedores das duas principais taças europeias de futebol.

O Valência é detentor da Taça das Taças, enquanto o Forest venceu as duas últimas edições da Taça do Campeões.

Peter Taylor, treinador-adjunto do Forest, considera, porém, que a equipa necessita exactamente de um jogo contra um adversário de «verdadeira classe». «Temos que nos redimir contra os melhores» — disse Taylor.

«Será bom vencer o Valência, mas melhor seria se jogássemos bem» — acrescentou.

O Forest pode contar com o internacional irlandês Martin O'Neill, completamente recuperado de uma lesão num torneio.

zelo.

Provavelmente substituirá Ian Bowyer.

Por seu turno, o Valência ficou sem o concurso do centro-campista Daniel Solsona, punido com três jogos de suspensão pela UEFA.

Taça UEFA sem Portugal

O futebol alemão federal, que o ano passado, «deu» todos os semi-finalistas, volta a estar fortemente representado na taça UEFA com quatro clubes a disputarem amanhã a primeira mão dos oitavos de final.

O Eintrach de Francforte, actual detentor do título, recebe o Sochaux e tentará conseguir uma margem confortável de golos que lhe permita encarar com optimismo a segunda mão em França, a 10 de Dezembro. Os alemães federais venceram na eliminatória anterior o Utrecht, da Holanda, por um tangencial 4-3 no cômputo das duas mãos.

O Sochaux eliminou surpreendentemente o Boavista, vencendo no Estádio do Bessa por 1-0, depois de ter consentido um empate a dois golos em casa. Tarefa difícil cabe ao Hamburgo, vice-campeão europeu, que defronta o St. Etienne. Embora derrotado no sábado pelo Tours (2-1), o clube francês atravessa um bom momento.

O Hamburgo cilindrou os amadores do Rot Weiss (11-0) em encontro da Taça da Liga, no mesmo dia.

A Alemanha Federal tem já assegurado um lugar nos quartos de final da taça UEFA, pois o sorteio caprichou em acasalar Estugarda e Colónia, num confronto de desfecho imprevisível.

O AZ 67, guia invicto da liga holandesa esta temporada,

desloca-se pela segunda vez este ano à Europa de Leste, para defrontar desta feita o Radnicki, da Jugoslávia. Na eliminatória anterior eliminou o Levski Spartak, da Bulgária.

O Ipswich Town, segundo classificado do campeonato inglês, com uma única derrota, tem uma tarefa difícil frente ao Widzew Lodz, da Polónia, que na eliminatória anterior afastou da prova o Juventus de Turim.

Outros encontros de desfecho imprevisível, entre equipas de valor semelhante, são Grasshoppers de Zurique, (vencedor do FC Porto) contra o Torino de Itália, Standard de Liège (clube do português Norton de Matos), contra o Dinamo de Dresden, da RDA, e Lokeren da Bélgica contra o San Sebastian de Espanha.

Campeões da URSS

O Dinamo de Kiev é o titular soviético de futebol da 1.ª divisão, no campeonato que teve a sua última jornada no passado fim-de-semana.

O Dinamo de Kiev terminou com um confortável avanço de cinco pontos sobre o 2.º classificado, o Spartak de Moscovo (50 contra 45 pontos).

Em 3.º lugar ficou o Zenit de Leninegrado, e, em 4.º o Dinamo de Tbilisi, respectivamente com 42 e 39 pontos.

A classificação final do campeonato soviético foi a seguinte: Dinamo Kiev, 50 pontos; Spartak Moscovo, 45; Zenit Leninegrado, 42; Dinamo Tbilisi, 39; Clube Central do Exército, 36; Shakhter Donetsk, 35; Cheernomoretz Odessa, 35; Ararat Ereran, 32; Dinamo Minsk, 32; Torpedo Moscovo, 30; Kairat Alma-Ata, 30; Neftchi Baku, 29; Dinamo

Moscovo, 28; Kuban Krasnodar, 28; Pakhtakor Tashkent, 26; Karpati Lvov, 26; Locomotiv Moscovo, 25.

Kempes não interessa

Peter Taylor, treinador-adjunto do Nottingham Forest, desmentiu os rumores segundo os quais o seu clube estaria interessado na aquisição do «goleador» do Mundial-78, o argentino do FC Valência, Mário Kempes. «Kempes não nos interessa», declarou o adjunto de Brian Clough. «Em contrapartida, esforçamo-nos por conservar no nosso efectivo John Robertson, que é bem melhor que o argentino».

O extremo internacional escocês, de 27 anos de idade, que tem ainda 18 meses de contrato com o Nottingham Forest, está actualmente em desacordo com os seus dirigentes e pediu a sua transferência. Estes, por seu turno, propuseram ao jogador um novo contrato de três anos.

«Sportloto» favorece o desporto

Cerca de três milhões de soviéticos apostam semanalmente no Totobola da URSS, designado por «sportloto».

As apostas foram lançadas em Outubro de 1970 e mantêm o lema «ganha você e ganha o desporto», com prémios divididos igualmente entre os apostadores e a construção de instalações ginásio-desportivas.

Nos últimos anos, com os dinheiros do «Sportloto» foram edificadas instalações desportivas em Moscovo, Odessa, Zaporozh, Tcheliabinsk, Sverdlovsk, Riga, Rostov, Bratsk, Bacuriani, Khabarovsk, Petrozavodsk e Leninegrado.

Pela primeira vez em 46 anos...

Pela primeira vez em 46 anos, os Estados Unidos derrotaram o México em futebol, mas foram afastados da fase seguinte de apuramento para o mundial de 1982. Steve Moyers marcou os dois golos com que os norte-americanos derrotaram, por 2-1, os mexicanos, a contar para o torneio preliminar da Concacaf, que reuniu os países da América do Norte.

Perante duas mil pessoas, em Fort Lauderdale, no estado da Flórida, Moyers abriu o activo aos 31 minutos, mas o México Hugo Sanchez igualou nove minutos depois. Na segunda parte, o mesmo jogador norte-americano, aos 65 minutos marcou o tento da vitória, a primeira desde há 46 anos sobre o México.

O triunfo norte-americano, o único nesta fase preliminar do campeonato mundial, de nada serviu aos Estados Unidos; pois o México e o Canadá estavam já qualificados para a fase seguinte da prova.

No torneio preliminar disputado entre as três equipas, o Canadá terminou na primeira posição, com cinco pontos em quatro jogos (uma vitória e três empates). Classificou-se a seguir o México, com quatro pontos (uma vitória, dois empates e uma derrota), ficando os Estados Unidos em 3.º lugar (uma vitória, um empate e duas derrotas), com três pontos.

Canadá e México qualificaram-se para o torneio hexagonal que apurará as duas equipas dos continentes americanos que estarão na fase final do Campeonato do Mundo, em Espanha.



Estrela da Amadora: entre Matine e a juventude, a simbiose de um grupo com aspirações

“Xadrez de mestres” Hungria mantém liderança

Portugal perdeu por 2,5-1,5 com a Roménia, na quarta jornada das Olimpíadas de Xadrez, que decorrem em La Valletta, Malta. A equipa campeã olímpica, a húngara, mantém a liderança das Olimpíadas de Xadrez de 1980, depois de vencer por 2,5-1,5 pontos a equipa israelita, na quarta jornada da competição.

Os húngaros, com 13 pontos, são seguidos da União Soviética com 12 pontos e da Bulgária, Grã-Bretanha, EUA, Israel, Suécia e Finlândia, que têm 11,5 pontos. Os factos mais salientes da quarta jornada foram a estrondosa vitória (3,5-0,5) da Bulgária sobre a Islândia e o difícil triunfo dos norte-americanos sobre os cubanos (3-1). A União Soviética derrotou a Jugoslávia (2,5-1,5), enquanto a Grã-Bretanha venceu a Polónia (3-1). A Suécia venceu a Espanha (3-1), a Austrália bateu a equipa «A» de Malta (3-1) e a Nova Zelândia está com 2,5-0,5 (um jogo adiado) contra a Indonésia.

Outros resultados desta jornada: Escócia-Chile, 2-2, França-Dinamarca, 2,5-1,5, Checoslováquia-Suíça, 3-1, Finlândia-Argentina, 3-1, Filipinas-Colômbia, 2-1 (um jogo adiado).

Nos encontros Brasil-Mongólia e Índia-Alemanha Federal ficou adiado um jogo, quando no primeiro a Mongólia vence por

2,5-0,5 e no segundo as equipas estão empatadas.

A Noruega empatou com a Bélgica, o México com o Paraguai, Andorra com a equipa «B» de Malta e a Venezuela com o Egipto.

A Áustria venceu o País de Gales por 3-1.

Houve apenas três resultados de 4-0: a Holanda venceu o Paquistão, a República Dominicana o Zimbábue e Chipre o Uganda.

Porto Rico e Angola ganham por 2-1 os seus encontros com o Mónaco e o Quênia, com um jogo adiado.

Os resultados atrás indicados, proporcionaram alterações sensíveis na tabela classificativa, que ficou assim ordenada: 1. com treze pontos, Hungria; 2. com doze pontos, URSS; 3. com onze pontos e meio, Inglaterra, EUA, Israel, Suécia, Bulgária e Finlândia; 9. com onze pontos, Jugoslávia; 10. com dez pontos e meio, Holanda, Polónia e Filipinas; 13. com dez pontos, Checoslováquia, Cuba e Espanha.

Em 16.º (com nove pontos e meio) Portugal (uma adiada), Islândia (uma adiada), Colômbia (uma adiada), Chile, Indonésia (uma adiada), Escócia e Paraguai. Seguem-se mais sessenta equipas.

Simultaneamente, está a disputar-se a 9.ª edição das olimpíadas para senhoras com a par-

ticipação de 57 equipas. Aí sim, está a desenhar-se uma autêntica surpresa. A Hungria conseguiu até ao momento, uma excelente «performance» cedendo apenas um ponto em doze partidas.

TOTO BOLA jogue connosco

AC. VISEU-ACADEMICO1
MARITIMO-AMORA1
GUIMARAES-PORTIMONENSE1
SPORTING-BENFICAX
BELENENSES-BRAGA1
SETUBAL-VARZIM1
ESPINHO-BOAVISTA2
SALGUEIROS-RIO AVEX
FAMALICAO-FAFE1
PORTIMONENSE-U. LEIRIA X
U. SANTAREM-O. BAIRRO1
LUSITANO-MONTIJO2
AMADORA-ESTORIL1

O número de totalistas do concurso número catorze do Totobola eleva-se a 2422, sendo 46 de Moçambique. A cada «treze» caberá a quantia provisória de 6055 escudos e 30 centavos. Com doze resultados certos foram escrutinadas 38 458 apostas (780 de Moçambique) cabendo a cada uma a quantia provisória de 384 escudos e 50 centavos.

MICROSEPIO

Borg ausente

O campeão sueco Bjorn Borg desistiu do Torneio de Ténis de Milão devido a uma laringite, anunciaram os organizadores da prova.

Borg será substituído pelo norte-americano Gene Mayer no torneio, que decorrerá entre a próxima quinta-feira e domingo.

Borg já se vira obrigado a abandonar um torneio em Bolonha, na semana passada, devido a uma forte constipação.

O historial dos encontros Bjorn Borg-McEnroe

Desde 1978, ano do seu primeiro encontro Bjorn Borg e McEnroe defrontaram-se 10 vezes.

O historial dos encontros entre os dois campeões é o seguinte: 1978: (Estocolmo — 1/2 final): McEnroe-Borg, 6-3 — 6-4; 1979: (Richemont — 1/2 final): Borg-McEnroe, 4-6 — 7-6 — 6-3; 1979: (Nova Orleães — 1/2 final): McEnroe-Borg, 5-7 — 6-1 — 7-6; 1979: (Roterdão — final): Borg-McEnroe, 6-4 — 6-2; 1979: (Dallas — final): McEnroe-Borg, 7-5 — 4-6 — 6-2 — 7-6; 1979: (Toronto — final): Borg-McEnroe, 6-3 — 6-4; 1980: (Masters — 1/2 final): Borg-McEnroe, 6-7 — 6-3 — 7-6; 1980: (Wimbledon — final): Borg-McEnroe, 1-6 — 7-5 — 6-3 — 6-7 — 8-6; 1980: (Flushing Meadows — Final): McEnroe-Borg, 7-6 — 6-1 — 6-7 — 5-7 — 7-6; 1980: (Estocolmo — final): Borg-McEnroe, 6-3 — 6-4.



Júlio: em cima dele caem todos os contrários. Pudera: quem despreza o potencial de remate do jovem boavistense?

O primeiro português na final de corta-mato norte-americano

Pela primeira vez um atleta português estará presente na final do campeonato norte-americano de juniores de corta-mato, no dia 13 de Dezembro, em Cheyenne, Estado de Wyoming.

Vicente Coelho, de 17 anos, natural de Loulé, em representação do «Lar dos Leões» de Nova Jersey, ficou apurado nas meias-finais disputadas em Scarborough, Estado de Maine.

Coelho classificou-se em 4.º lugar, entre os 160 participantes que percorreram um terreno particularmente acidentado e coberto com uma espessura de cinco centímetros de neve.

Sete jovens portugueses, alinhando pelo «Lar dos Leões», participaram na meia-final, por equipas, classificando-se na quarta posição, o que significa a eliminação da final do campeonato de 1980.

Na classificação individual, Vicente Coelho foi apurado. Os restantes seis classificaram-se um em 21.º e os restantes entre o 42.º e 55.º lugares.

Cultura e espectáculos

Do Cabo da Roca à SPA...

Pedro Barroso ao "DL": "Vim ao mercado da cidade vender as minhas cantigas"

Em Camarnal, um lugarejo arredado de qualquer contacto com a civilização e a uma pedrada de Azóia, a aldeia mais ocidental da Europa, moram um homem e uma cadela, num dos dois únicos casebres ali existentes. O canidó abana o rabo quando o tratam por «Quip», o homem é **Pedro Barroso**, o autor/compositor/intérprete que se prepara para «descer à cidade» e oferecer, esta semana, ao público da capital, no auditório da Sociedade Portuguesa dos Autores, um LP e um recital de cantigas cujos temas preponderantes são o regresso às origens...

Muitos o conhecem, outros não, supomos. Para aqueles que não se encontram no segredo dos Deuses, levantemos um pouco o véu: em 13 anos de lides musicais gravou dez discos. Desses dez, três são LP's — «Lutas Velhas, Canto Novo», «Água Mole em Pedra Dura» e, o último dos últimos, «Quem Canta Seus Males Espanta». Quem não o conhece, dirá: «Dez discos? É um clássico!». Mas não é. Nunca bateu recordes de venda; raramente figurou nos «top's» ou nas páginas dos jornais. Nas ondas hertzianas, nem sombra da sua voz. «Então, não vale grande coisa!...» — conclui-se. Engano, dirão alguns, diremos nós. «Então, como é?...» — perguntar-se-á.

«De momento em reunião...»

E a resposta surge, célere, por intermédio do próprio Pedro Barroso: «Sou alguém que, apesar das minhas constantes idas ao estrangeiro e do agrado geral com que as minhas actuações têm sido ali acolhidas, não mereceu, sabe-se lá porquê, os favores dos senhores que têm nas suas mãos o poder de decidir se um cantor é bestial ou uma besta. Sou alguém que, por exemplo, e conforme o escrevo na capa de «Quem Canta Seus Males Espanta», deparou, por parte de certos tecnocratas do disco deste país, com uma série de recusas no que respeitava à publicação do meu trabalho. E

tudo isso por razões de ordem programática, social, económica e ideológica, ou por estarem de momento em reunião...»

Resposta breve, mas não satisfatória. Quem o conhece, quer saber a razão que levou a tornar-se subitamente «o homem mais ocidental» da Europa. Quem não o conhece, quer saber mais do seu passado. Os últimos são os primeiros. E nós, e não Pedro Barroso, damos a resposta em breves pinceladas:

Em 1970, edita o seu primeiro disco — «Trova-dor». Em 75, segue-se o segundo: um «single» com «1.º de Maio» e «Medicina Social» («fora com a pança doutoral, igualdade e justiça social...»). Depois, os discos vão saindo até «Quem Canta Seus Males Espanta», que estará à venda a partir do fim desta semana. Entretanto, refira-se, a carreira de Pedro Barroso também passou pelo teatro. Em 1970-71, no TEC e sob a direcção de Avilez, fez parte do elenco da peça «Breve Sumário da História de Deus», de Gil Vicente. 1972 encontra-o, também no TEC, como um dos actores da peça «Fuenteovejuna», de Lope de Vega. Dito isto, passemos às perguntas que se colocam àqueles que já o conhecem.

«Não me empurrem, se não caio ao mar...»

— Qual é a tua de abandonar a civilização, digamos assim, e optares pelo desterro

num lugarejo ermo ali pr'as bandas do Cabo da Roca?

— «Sabes, o cansaço devolve-nos à terra. Estou cansado. É evidente que existem outras razões, mas a que se prende com o cansaço é, sem dúvida, a principal. Nota, porém, que o meu isolamento não significa fuga, apenas reflexão existencial e artística, faina cogitativa, se quiseses. Em Camarnal, aprendi muito. Inclusive, a ser pedreiro, construindo a minha própria casa...»

— Mas não é dura essa situação de desafio à solidão?

— «Não só é duro como constitui um desafio monstro, do tamanho de uma falésia. Não impede — e apesar de daqui a um ano eu não estar convicto de poder responder pelo êxito da operação —, que é ali que eu quero e sinto necessidade de estar. Foi um pulmão novo que inventei. Deixei o resto da Europa aos seus habitantes e só quero aquela casinha na ponta do velho continente. Só espero que não me empurrem, senão caio ao mar...»

Um cultivador de cantigas

Sem electricidade, segundo nos diz, nenhuma comodidade própria à civilização de consumo em que uns se deleitam numa alienação consciente e outros vegetam sem hipótese de saída, Pedro Barroso, instado por nós, fala-nos do espectáculo-recital que vai levar a cabo esta semana, em Lisboa, e de «Quem Canta...»:

— «Penso ser um camponês, um cultivador de cantigas que, para sobreviver, tem de as vir vender ao mercado da cidade. Com o recital e com o disco, quero também provar que ainda estou vivo e ainda mexo. No recital que, por mero acaso, coincide com o lançamento do LP, incluo canções que correspondem, de certo modo, ao meu regresso às origens...»



— Ou à tua caminhada para o campo da ecologia...

— «Não nego. Se realmente sou militante seguro de alguma coisa nesta vida é bem da ecologia. Aliás, a minha evolução para esse campo não é de agora

«Lutas Velhas Canto Novo», «Água Mole em Pedra Dura» e o lançamento. há cerca de um ano e tal, de um «single» ecológico, constituíram em si uma abordagem ao mundo da ecologia. Daí que no disco e no recital se respire esse ambiente — canções da terra, coisas simples, as cego-nhas no campo, os dialectos, os costumes, o mundo laboral, o amor. E essa simplicidade, esse regresso às origens que caracterizam essas duas acções.

Nelas tento, a nível de mensagem e musical, abdicar de grandes tiradas, de grandes efeitos.

Ser simples, em suma...»

Já sabe, pois, leitor. A ecologia, as canções da terra, o amor estarão presentes no auditório da SPA nos próximos dias 26 (quarta), 27 (quinta), 28 (sexta) e 29 (sábado), pelas 21.30, quando do recital de Pedro Barroso. Entretanto, uma outra notícia.

Pedro Barroso decidiu convidar quatro artistas para participarem no recital. Assim, quarta-feira será o dia de José Fanha; quinta-feira, o convidado é Pitágoras Antunes; sexta-feira oferece a possibilidade de se ouvir o «grande» Zeca Afonso; sábado, último dia do recital, Francisco Fahnals lá estará...

Manuel Anta

A seguir
a Mae West

Morreu George Raft com 85 anos

Com oitenta e cinco anos, e dois dias depois de Mae West, morreu ontem, numa clínica de Los Angeles, o actor de cinema George Raft. Vitimado por uma leucemia, Raft havia sido hospitalizado na Primavera passada para tratamento a uma pneumonia e enfisema. Participou em 120 filmes ao longo da sua carreira, rodados na sua maioria nos anos 30 e 40, sendo a sua figura caracterizada pelo cabelo escorrido e penteado para trás, sorriso escarninho «à malandro» e vocabulário da «gíria», que aliás tinha naturalmente adquirido nos «galinheiros» habitacionais dos bairros pobres de Nova Iorque.

Nos últimos anos, somente surgiu em algumas séries televisivas, para cadeias comerciais e, como habitualmente, desempenhou papel de «gangster».

Mae West sepultada em Brooklyn

Mae West, a actriz que foi o símbolo do sexo nos anos vinte, ficará sepultada na sua terra natal, em Brooklyn, Nova Iorque.

Mae West faleceu com 87 anos, no sábado, no seu apartamento, três semanas depois de ter saído do hospital onde tinha estado internada durante três meses, recuperando de uma crise cardíaca.

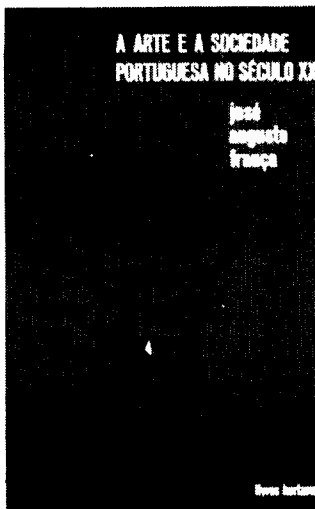
Será hoje rezado um ofício fúnebre, na igreja presbiteriana de Bevelly Hills, e posteriormente o cadáver será trasladado para Nova Iorque, para ser sepultado no cemitério de Brooklyn, perto do local onde ela nasceu.

A arte e a sociedade portuguesa no século XX por José-Augusto França

Abrangendo o período de 1910 a 1980, este volume «A Arte e a Sociedade Portuguesa» da autoria do professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa, Doutor José-Augusto França, é a 2.ª edição actualizada de uma obra publicada em 1972. Como na introdução o autor recorda esta sua obra é, praticamente, o resumo com eliminação do aparato crítico, das referências bibliográficas e dos quadros cronológicos da tese apresentada em 1963 à 6.ª secção (Ciências Sociais) da Ecole Pratique des Hautes Etudes, de Paris, com o título: *L'Art dans la Société Portugaise ou XX.º Siècle*.

Com esta tese, preparada, sob a orientação de Pierre Francastel, José-Augusto França obteve o diploma no curso de Sociologia da Arte.

Um dos membros do júri que apreciou a obra foi Roland Barthes, que, sobre o trabalho de José-Augusto França, escreveu um relatório francamente elogioso.



Além da «Introdução» e da «Conclusão» o livro compreende seis capítulos que tratam dos períodos: 1911-1918; 1918-1935; 1935-1945; 1945-1960; 1960-1974; 1974-1980. É um edição de LIVROS HORIZONTE.

Crítica de Cinema

JORGE LEITAO RAMOS

FICHA:

Título original: The human factor.

Realização e produção: Otto Preminger (GB-1980)

Argumento: Tom Stoppard, segundo a novela homónima de Graham Greene.

Fotografia: Mike Molloy.

Cenários: Ken Ryan.

Música: Richard e Gary Logan.

Montagem: Richard Trevor.

Interpretação: Nicol Williamson (Castle), Iman (Sarah), Richard Attenborough (Dr. Daintry), Robert Morley (Dr. Percival), Derek Jacobi (Davis), John Gielgud (Tomlinson), Joop Doderer (Muller), etc.

Distribuição em Portugal: Rank.

Cinema: S. Jorge.

Classificação: Interdito a menores de 13 anos.

Duração: 115 minutos.

É um pouco triste falar deste filme. Triste porque Preminger é,

“O Factor Humano” de Otto Preminger

para mim, a memória de **Laura, Rio sem regresso** ou **Anatomia de um crime**; triste porque, aos setenta e três anos de idade, Preminger não parece ter sabido parar a tempo e horas: ao contrário de Wilder ou Ford, que nos deram admiráveis filmes de velhice, Preminger, assina um filme que só o adjectivo senil parece definir cabalmente.

E claro que **O factor humano** tem uma feitura, um fabrico, mais ou menos escorreito; é claro que é um filme alinhado. Mas, mesmo de um ponto de vista meramente industrial, como explicar o erro crasso de distribuição que é a actriz Iman? Como explicar o superconvencionalismo ser-ródio de algumas cenas totalmente insustentáveis (como o encontro de Castle com os resistentes negros sul-africanos ou as incríveis cenas em Moscovo)? Como explicar que, com um naipe de actores fabuloso, a apresentação seja mortífera e sem garra (marasmo de que só Robert Morley, num cinico médico dos Serviços Secretos, consegue pontualmente sair)?

Pode dizer-se, por outro lado,



Nicol Williamson e Iman em «O Factor Humano»: trabalho de um Preminger em acelarada decadência

que a problemática católica de Greene (as invariáveis histórias de culpados e de castigos ou as ambiguidades morais que as provocam) está, também ela, em acentuado declínio. Apesar disso, com este argumento, podia-se fazer um filme interessante em torno das coordenadas da espionagem, dos agentes duplos e dos padrões éticos que as regem (ou não).

Só que Preminger não consegue mais que um filme atacado de caquexia congénita. Assim como está, **O factor humano** não é só um filme desinteressante e reacçãozinho: é a dolorosa verificação da decadência daquele que foi um dos grandes nomes do cinema americano e um dos autores que o marcaram. Good bye, Otto.

a barraca

PRETO NO BRANCO

DARIO FO - HEIDER COSTA

Sub. SEC

Tel: 68 63 00
R. Alexandra Herculano, 70
Folga 2.ª F. Dom. (8ª) 16 H

GH

GRUPO TEATRO HQJE

TEATRO DA GRAÇA

Tv. S. Vicente 11 —
Tel: 875626

HOJE ESPECTACULO AS 21.30

SLAG

DE DAVID HARE
2.ª Mês

Todos os dias às 21.30 h
Domingos só às 18.00 h
Folga às 2.ªs feiras

Subsidio-SEC
N/acons. a m/18 anos
Os socios da Voz do Operário
tem entrada gratuita

— ...Não faltaram gargalhadas no Teatro da Graça — D. Lisboa (C. Porto)

ULCERADOS SOFRE PORQUÊ?

Ainda não conhece o xarope COUVI-CUR?

Não hesite em experimentar, faça como milhares de doentes que disseram não à faca, comeram de tudo e em quatro semanas obtiveram a cura completa. Couvi-Cur, registado, é um produto de Laboratório Científico TONI, eficaz em todas as espécies de úlceras, mesmo crónicas. Não deixe adiantar mais o seu mal mesmo que o julgue incurável Prof. TONI, Dr. Técnico em Naturopatia. Cérebro iluminado, único que dispõe de conhecimentos científicos em todas as doenças psíquicas, mentais e fisiológicas.

Laboratório Científico TONI

Filiais e Consultórios:
Rua Elias Garcia, 1897/9
Travagem — ERMESINDE
e Avenida João de Deus
Caminha — Minho

Pedidos pelo telefone 9480365
PORTO

**NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS**

Depois do êxito nos "States" "Cartas portuguesas" no regresso a Lisboa

Uma mulher submetida ao seu desejo — mais do que uma freira enclausurada — estará no próximo fim-de-semana, no palco do Teatro de S. Luís, em Lisboa. E o regresso de uma digressão por Nova Iorque e S. Francisco, «um grande êxito», no dizer da única actriz Graça Lobo.

Quando ao director da peça «Cartas Portuguesas», atribuídas durante o século XVII a Mariana Alcoforado e actualmente a Gabriel Guilleragues, diz que a interpretação é «audaciosa e inovadora». Trata-se, o encenador, de Carlos Quevedo, um ar-

gentino de 28 anos, residente em Lisboa desde há três anos e que estudou psicologia e sociologia em Buenos Aires.

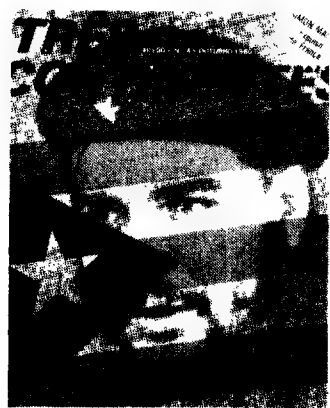
No regresso dos Estados Unidos, Graça Lobo manifestou-se «profundamente desgostosa» com a sua vida profissional em Lisboa, atendendo à «falta sistemática de apoio e de estímulo». Referindo-se à peça que agora representa, diz que Mariana Alcoforado a seduz «sobre tudo pelo conflito da mulher apaixonada e não por se tratar de uma freira».

«A voz que ali se revolta contra a impossibilidade de realizar o

seu amor é a de muitas mulheres de hoje» — acrescentou Graça Lobo. Quevedo remata que fez «um espectáculo pagão contra a religiosidade do próprio texto dramático».

Graça Lobo e Quevedo prepararam dois outros espectáculos, um baseado no «Cântico dos cânticos», de Salomão, e outro num excerto de «Ulisses», de James Joyce.

«Cartas portuguesas» estreou-se a 28 de Fevereiro no Teatro Nacional, efectuou cerca de quarenta representações e estará no S. Luís, na sexta, sábado e domingo próximos.



"Três Continents" — 3.º número

Dirigida por José Antunes Ribeiro, editada pela ULMEIRO, a revista TRÊS CONTINENTES publicou o seu 4.º número. Em editorial protesta contra a expulsão de França do jornalista Simon Malley, director-animador das conhecidas revistas «Afrique-Asie» e «L' Economiste du Tiers Monde». Uma página e In Memoriam dedicada a Che Guevara e nos «documentos» um texto em que se pede a liberdade de Nelson Mandela. Da variada colaboração destacam-se os artigos sobre Angola, sobre a situação conflitual no Médio Oriente, sobre o papel da OLP na questão palestina, sobre o MIR chileno. A revista TRÊS CONTINENTES inicia neste 4.º número a publicação de um estudo sobre: «A Dialéctica da dependência», da autoria de Ruy Mauro Marini.

Direitos do Homem

Manuel Oliveira vai ser homenageado em Estrasburgo

Manoel de Oliveira vai ser homenageado em Estrasburgo no decorrer do «Festival do Filme dos Direitos do Homem», que se realiza ainda este ano. O Festival, organizado pelo Instituto dos Direitos Humanos com sede em Estrasburgo, terá como tema «Os Refugiados e o Direito ao Asilo».

Embora a obra do realizador Manoel de Oliveira não se insira neste tema, a entidade organizadora resolveu promover durante oito dias uma retrospectiva dos filmes do cineasta português.

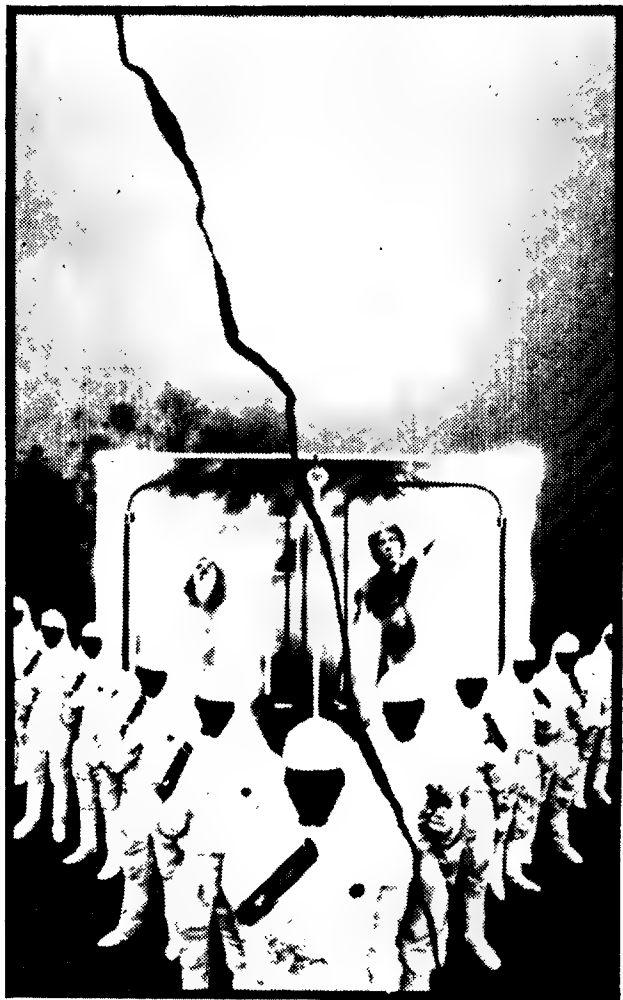
Durante o Festival, que se realiza anualmente e já regista oito edições, serão apresentados

filmes e realizadores exilados ou por qualquer forma impedidos de se exprimirem.

A situação dos refugiados da Ásia, dos militantes anarquistas espanhóis em França, dos judeus árabes em Israel e a oposição ao regime húngaro, são alguns dos temas do festival que apresenta, um total de onze películas inéditas.

"SUSPENSE"... EM CADEIA

**Alguém viu demais...
Alguém cometeu um erro...
Aquilo que era suposto
nunca acontecer já começou...
e dois apaixonados vão morrer**



PERIGO... REACÇÃO EM CADEIA

THE CHAIN REACTION Starring STEVE BISLEY · ARNA · MARIA WINCHESTER · ROSS THOMPSON
Featuring RALPH COTTERILL · HUGH KEAYS BYRNE · Written and Directed by IAN BARRY
Produced by DAVID ELPHICK · Associate Producers GEORGE MILLER and ROSS MATTHEWS

Distributed by Warner Bros. A Warner Communications Company

Hoje às 21.30 — ESTREIA

IMPERIO

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

RECITAL
E
C
I
T
A
L



PEDRO BARROSO

«QUEM CANTA SEUS
MALES ESPANTA —
Contos da terra, amor,
trabalho e homenagem»
(Distribuição)



MUSICOS: CARLOS AUGUSTO
e PEDRO WALLENSTEIN

CONVIDADOS: DIA 26 — JOSE FANHA
DIA 27 — PITACAS ANTUNES
DIA 28 — JOSE AFONSO
DIA 29 — FRANCISCO FANHAIS

AUDITORIO DA SPA

Dias 26, 27, 28, 29 — às 21.30

Na tradição de Bogart, Cagney e Garfield

Gloria

É tenaz...
É terna...
É um interno
de mulher...



Luta
contra
a mafia
no seu
próprio
terreno



COLUMBIA PICTURES Apresenta
Um Filme de JOHN CASSAVETES

GENA ROWLANDS GLORIA

Música de BILL CONTI · Produção de SAM SHAW
Argumento e Realização de JOHN CASSAVETES

SATELITE

3.ª SEMANA

XENON

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

PREIS

É UM GRUPO DE TÉCNICOS DE APOIO AOS INVESTIDORES
QUE EXECUTA NO MAIOR SIGILO ESTUDOS SOBRE:

- P ROJECTOS DE INVESTIMENTO
- R EVISÃO DE PREÇOS
- E STUDOS DE VIABILIDADE
- I MPLEMENTAÇÃO DE CONTABILIDADE ANALÍTICA
- S. I. I. I.

INFORMAÇÕES POR ESCRITO: RUA XABREGAS, 42-C-1.º ESQ. — 1900 LISBOA
RESPOSTA AO N.º 18116 DESTE JORNAL

a obra de MARGUERITE DURAS
num filme de PETER BROOK

JEANNE MOREAU

JEAN-PAUL BELMONDO



**MODERATO
CANTABILE**

RECUSA

TALMA FILMES
quarteto

ESTREIA AMANHÃ

ÀS 21.30 E 23.30

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

CANAL DA CRÍTICA

Mário Castrim

Viagem de Camões a Lorca, com paragens em Brook e em Raquel

Para um ser desgraçado como eu, sempre esfomeado de teatro, o dia de ontem foi em cheio. Como se costuma dizer: não há fome que não dê em fartura.

Primeiro foi aquela digressão-discussão pelo mundo do teatro, na companhia de Peter Brook. Serviu de medianeira Glória de Matos, recentemente devolvida do Canadá. Já a víamos há dias, pela televisão, na companhia de Henrique Mendes, durante a reportagem do *Telejornal* a uma palestra de Soares Carneiro. Digamos que uma bela e clara voz, embora desfigurada por um registo defeituoso para TV. Como hei-de dizer? E muita voz para as pequenas salas que são as das casas modernas.

A digressão de Peter Brook pelo mundo do seu teatro apenas, ou quase, terá de ficar aqui mencionada. Registe-se a confiança na vitalidade do teatro, registe-se aquele incentivo aos inventores, aos criadores teatrais, aquele apelo à coragem de fazer viver o teatro. A gente ouve, e acredita como se tocasse logo a maçã na árvore. Tal a força dos profetas. De súbito, eu sou quem sonha ser um que vai mas a sua representação aí para qualquer jardim, larguinho ou escadinha de Lisboa. E isto vai ser já amanhã. Vai, que vo-lo digo eu, à fé de quem sou!

Não vou. Caio em mim e já não posso levantar-me. Brook me da razão. Brook me tira. Ele diz que «no teatro a palavra é impor-

tante, mas não absolutamente essencial». Pouca sorte a minha! No meu teatro, que aprendi e herdei da Grécia, a palavra (aquilo que a palavra diz, aquilo que a palavra descobre, o quebra-silêncio da palavra) é mesmo absolutamente essencial. Eu não bailo, eu não mimo, eu não jogo a alma em pêlo. Pela palavra é que vou e é por aí que o homem teatral essencialmente vai à descoberta de si próprio. Não será material perfeito, mas foi o que melhor se conseguiu em humano.

Acabou Peter Brook, no cenário do Mosteiro de S. Bento, em Xabregas. Lá onde José Hermano Saraiva sonhou o museu para Camões. Lá — como ele escreveu no «Jornal do Fundão» em 1977 — «se cumpria o voto do poeta: ficaria recordada para sempre a longa história da-quele amor tão puro e verdadeiro».

Vamos agora o comentário do próprio José Hermano Saraiva naquele livro que é um dos mais empolgantes «romances» portugueses, a *Vida Ignorada de Camões: Passaram dois anos sem que nada se tivesse feito. No 3.º centenário da morte do poeta, os portugueses foram capazes de lhe erger o monumento que lhe deviam. Do 4.º não ficará vestígio duradouro. Não será ainda desta vez que saldaremos a nossa dívida de um museu para Camões*

Pois não. Lástima. Deixe, um dia será. Um dia, quando Camões pertencer a quem o ama.

Quanto a mim, mais modestamente, já desesperava de ouvir falar de Camões até ao fim do seu mandato. Ontem o silêncio quebrou-se. Com um belo espectáculo de televisão.

Veio Herlândier Peyroteo num talvez demasiado longo discurso explicativo da sua interpretação dos «Enfatiões». A mim me pareceu longa talvez por desnecessário. A engenhosa construção vertical o povo entende-a: os deuses sempre moraram em cima, nos espaços só recentemente desflorados pelas astrolavas. Também a discussão do bilinguismo passa longe das preocupações da audiência, da nossa audiência.

A mim pessoalmente me parece que o passado é por vezes um país distante e cuja linguagem «estrangeira», como a de qualquer país, deverá ser «traduzida». Os fins que Camões atingiria com o bilinguismo utilizado teriam razões puramente temporais, locais? Não sei. Sei que a tradução criaria um espaço mais inteligível para a audiência-hoje.

Brook tem razão: o essencial no teatro é a sua humanidade, possível de atingir com o máximo de despojamento. Mas o espectáculo, o jogo, a invenção dos espaços, a arquitectura (arquitectar não é próprio do Homem?) são elementos que podem jogar com a palavra — embora possam

também, é certo, lutar contra ela.

Vou na arquitectura de Peyroteo. Os olhos distraíram-se muito, mas às palavras foi dado sempre o primeiro plano. Ontem aconteceu televisão. Vamos recordar muitas cenas: a dos dois «sósias», exemplo do «falar trocado» em que Luís Vaz foi mestre insuperável.

Que esta festa de Camões perdure e se repita por muitos serões e bons. Ah, meus amigos, que poderosa arma cultural seria a televisão, se...

Pois, teatro. Um dia um cheio. Não apenas na TV. A tarde passeia-a toda no «Vasco Santana», com as «Bodas de Sangue» de Lorca, pelo *Teatro Estúdio*, de Cuba, dirigido por uma mulher de renome universal chamada Raquel Revuelta.

Amigos: é pecado ter possibilidade de ver esta obra e não o fazer. Momentos destes não acontecem muitas vezes na vida de qualquer esfomeado de teatro. Até quinta-feira, o *Teatro Estúdio* de Havana será a demonstração viva da unidade entre a palavra e o jogo.

Talvez a televisão não se lembre de lá ir para ficar ao menos com um documento. Talvez a televisão não se lembre de ir conhecer Raquel e Vicente Revuelta.

Talvez. Talvez todos fiquemos, por isso, um pouco mais pobres. Sendo certo que o meu alarme (nada «teatral») aqui fica. E o meu protesto antecipado.

J. MARQUES
IMPORT-EXPORT, L.D.
Reparação rápida e eficiente
em máquinas de lavar roupa.
Telef: 573559 - 577706

Hoje



Através da RTP-1 exibe-se esta noite o 6.º episódio da série «A Viagem de Charles Darwin»

RTP-1

- 18.27 **Sumário** — As primeiras notícias
- 18.30 **Tempo dos mais novos** — «Conversa e Poemas»
- 19.00 **Pais, Pais**
- 19.25 **Os jogos e os homens**
- 20.00 **Telejornal** — O principal bloco noticioso
- 20.30 **Campanha eleitoral para a Presidência da República** — Com Galvão de Melo, Pires Veloso e Ramalho Eanes
- 21.05 **Telenovela** — «Dona Xepa». Episódio n.º 73
- 21.35 **O Tempo**
- 21.40 **A Viagem de Chales Darwin** — (6.º episódio). Interpretes: Walcolm Stoddard, Andrew Burt e David Ashton
- 22.35 **Baryshnikov na Broadway** — Espectáculo de variedades como conhecido bailarino russo Mikjaik Baryshnikov e ainda os seus convidados. Nell Carter, Lizza Minelli e o elenco do «A Chorus Line»
- 23.35 **Vinte e quatro horas** — As últimas notícias

RTP-2

- 20.32 **Espaço Jazz** — Com o Quinteto de Manuel Guerreiro
- 21.30 **Informação/2** — O noticiário do País e do Estrangeiro
- 22.00 **Cineclube** — «A Marquesa do O». Datado de 1974 «Marquesa do O» é o primeiro filme de Rohmer depois de ter completado a série dos «Contos Morais» e o primeiro também em que Rohmer abandona a pintura da vida moderna para se dedicar a adaptar uma peça do dramaturgo alemão Von Kleist

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

RTP-1
Baryshnikov na Broadway
(22.35)

RTP-2
A Marquesa do O
(22.00)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

RTP-1

13.20: As 17.45: Ciclo Preparatório TV, 18.30: Tempo dos mais novos, 19.30: Pais, Pais, 19.20: Autores Portugueses, 20.00: Telejornal, 20.30: Campanha Eleitoral para a Presidência da República, 21.05: «Dona Xepa» episódio n.º 74, 21.45: O Tempo, 21.50: Vamos jogar no Totobola, 22.05: O filme «Prisão Maior», 23.45: 24 Horas

RTP-2

20.30: No grande Mundo do desporto, 21.30: Informação/2, 22.00: N.º 1, 22.30: Directo/2.

Que farei com este livro?
DE JOSE SARAMAGO
encenação de JOAQUIM BENITE cenários de JOÃO VIEIRA
com CANTO E CASTRO no papel de Luis de Camões

GRUPO DE CAMPOLIDE TEL. 215215 ACADEMIA ALMADENSE

VESTUÁRIO EM CABEDAL, ANTÍLOPE E PELE DE PORCO
CONFECCOES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68 - F E — LISBOA — TEL. 77 11 58

O seu filho confia em si.
Proteja-o, levando-o sempre no banco de trás.

circular e viver.

ADOQUE TEL. 97 44 76

CHICAL!
—Este é o Bom Governo da Portugal!

ATENÇÃO
2.ª e 3.ª feiras não haverá espectáculos por necessidade de ultimarmos a montagem do grande musical infantil «BRINCA, BRINCANDO...»

HORÁRIO
4.ª F. FOLGA
5.ª F. às 21.00
6.ª e Sábados 20.30 e 22.45
Domingos 16.00 e 21.30

COMUNA
teatro de pesquisa
APRESENTA O SEU 20.º ESPECTÁCULO
estreia 5.ª feira-dia 27 às 21.45 h

ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
MUSICA - BUENAVENTURA MELO

EM FRENTE DA PORTA

DO LADO DE FORA

diariamente às 21.45 h • domingo só às 16 h • 2.ª feira descanso •
PRACA DE ESPANHA • METRO PALHAVA • MARCAÇÕES PELO TEL. 76 26 24 • SUBSIDIO DA SEC

ROTEIRO CULTURAL

Teatro

A Casa da Comédia estreia no próximo dia 28 de Novembro «A Paixão Segundo Pier Paolo Pasolini», de René Kalisky — esta a notícia com que iniciamos este Roteiro. «A Paixão Segundo Pier Paolo Pasolini» terá encenação de Filipe La Féria, direcção musical de Luís Cília, e será interpretada por: Wladimir Franklin, Adelaide João, Rogério Samora, Teresa Roby, José Wallenstein, Miguel Martins, Paulo B., Fernando Gomes, São José Lapa, João d'Ávila, Rocha Santos e Fernando Heitor. Uma peça «obrigatoriamente a ver» porque com tema extremamente actual — o homem é muitas vezes joguete de interesses de matizes diferentes que se servem dele (homem) como mordalha ou como bandeira...

Enquanto o Grupo de Teatro «O Bando» prepara um novo espectáculo para a infância — «Cenas da vida d'El Rei Ramiro» —, «História da Estrela Escondida por trás da Montanha», do mesmo grupo, peça estreada em 13 de Maio passado, continua as suas representações. Assim: hoje, às 15 ho-

ras, a peça estará na Escola Primária da Pontinha; amanhã, à mesma hora, na Escola Primária de Patameiras (Odivelas); dia 27, às 17 horas, na Casa do Povo de Serpa; dia 28, às 10 horas, na Casa do Povo de Brinches (Serpa), e, às 17 horas, na Sala do Teatro de Pias (Serpa). Dia 29, a peça regressará a Lisboa para ser representada na Fima Lever.

«Zé do Telhado» pelo Teatro Construção. O Teatro Construção, de Joane (Famalicão) leva à cena no próximo dia 30, nas suas instalações, a peça «Zé do Telhado», de Hélder Costa. No início de Dezembro, o Teatro Construção vai estreiar a peça infantil «A Carraça» Man-Ki-Tó... na Ilha dos Sorrisos», de José Vaz.

A Companhia de Teatro de Lisboa vai apresentar nos dias 28, 29, e 30 de Novembro, no Teatro Municipal de São Luiz, o espectáculo «Cartas Portuguesas» que obteve um enorme êxito junto ao público e da crítica aquando da estreia em Fevereiro 1980 no Teatro Nacional D. Maria II. «Cartas Portuguesas» foi apresentado ao público norte-americano durante três semanas no Teatro «La Mama», de Nova Iorque e durante duas semanas no Festival Internacional de São Francisco. A crítica de Nova Iorque qualifica este espectáculo como sendo «fascinante» e «obrigatório», e o «San Francisco Chronicle», o jornal de maior tiragem desta cidade, seleccionou «Cartas Portuguesas» como o melhor espectáculo em cena em São Francisco. «Cartas Portu-



«A Paixão Segundo Pier Paolo Pasolini», a estreia da semana

guesas» são atribuídas a Sôror Mariana Alcoforado. A encenação é de Carlos Quevedo, em versão de Eugénio de Andrade. O espaço cénico é de Júlio Pomar, a banda sonora foi realizada por Vasco Pimentel sobre um trabalho de Giacometti e Lopes Graça. A interpretação é de Graça Lobo. «Cartas Portuguesas» apresentar-se-á em Lisboa em quatro únicos e últimos espectáculos. Sexta-feira 28 às 22 horas, sábado 29 às 16 e 22 horas, domingo 30 às 16 horas.

O Centro de Cultura Popular de Sintra promove Cultura e, nesse intuito, vai comemorar António Aleixo em Vila Real, Faro e Loulé. E de que modo? — pergunta-se. Simples: levando o Grupo de Teatro «Tentativa» ao Algarve com o seu novo traba-

lho — António Aleixo — Hoje e Sempre!.

Presença do Cinema Português no Porto. Organizada pela Cinequipa e em colaboração com a Cooperativa Arvore, do Porto, decorre nesta cooperativa uma retrospectiva do cinema português. Assim: hoje, às 21.30, «Perdido por Cem...», de António Pedro Vasconcelos; amanhã, à mesma hora, «O Cerco», de António Cunha Teles; depois de amanhã, ainda às 21.30, «As Ruínas do Interior», de Sá Caetano.

«O Caso Ipçress», de Sidney Furie é o filme programado para as 18.15 do próximo dia 28, no auditório da Sociedade Portuguesa de Autores, para integrar mais uma sessão «Ciclos de Cinema», iniciativa do Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da SPVA.

Conferências

A Poesia Simbolista e Saudosista e o Lirismo de António Patrício-Urbano Tavares Rodrigues, professor da Faculdade de Letras de Lisboa e autor de uma das mais dinâmicas e representativas obras dos últimos trinta anos de cultura portuguesa, realiza no próximo dia 28, 6.ª-feira, às 18.30 horas, na Sociedade de Língua Portuguesa (rua de S. José, 41-2.ª) com entrada livre, uma conferência sobre «A poesia simbolista e saudosista e o lirismo de António Patrício», e com o qual se abre o ciclo sobre poesia portuguesa programado por esta Sociedade. A segunda conferência do mesmo ciclo, que será proferida por Ana Hatherly no dia 9 de Janeiro,

6.ª-feira, às 18.30 horas, versará a «Sobrevivência do barroco na poesia portuguesa contemporânea».

Exposições

Integrada na exposição «A Suécia Ontem e Hoje», encontra-se patente nas Galerias do Casino Estoril uma mostra de «fotografia médica», a cores, de formato 98 x 68 com aspectos do interior do corpo humano relacionado com a diabetes «mellitus» e suas consequências. É autor destes trabalhos Lennart Nilsson, que nasceu na Suécia em 1923 e tem sido, nas últimas duas décadas, reconhecido internacionalmente como perito da foto técnica. Em colaboração com médicos, cientistas e técnicos, Nilsson desenvolveu novos métodos de fotografia e aplicou criativamente os seus talentos em diversos domínios. Esta exposição poderá ser visitada diariamente na Galeria do Casino Estoril, entre as 15.00 e as 24.00 horas até ao fim do mês.

Na Galeria Quadrum — R. Alberto de Oliveira — Coruchéus — Alvalade — é inaugurada hoje, pelas 22 horas, uma exposição do artista Artur Varela — Da Holanda até Lisboa — exposição do «Génio Português» colagens, fotos, desenhos sobre o fenómeno português. A mostra permanecerá patente ao público diariamente (excepto aos domingos) das 10 às 13 e das 15 às 19 e aos sábados das 15 às 19 horas. A exposição encerra a 13 de Dezembro.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)		51\$95	56\$95
ALEMANHA FED. (marco)		26\$95	28\$05
AUSTRIA (xelim)		3\$70	3\$90
BELGICA (franco)		1\$606	1\$706
BRASIL (cruzeiro)		\$653	\$903
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)		43\$15	45\$15
(notas de 5 a 1000)		43\$65	45\$65
DINAMARCA (coroa)		8\$75	9\$15
ESPAÑA (peseta)		\$634	\$734
EUA (dólar — notas de 1 e 2)		51\$35	53\$35
(notas de 5 a 1000)		51\$85	53\$85
FINLÂNDIA (marka)		13\$60	14\$20
FRANÇA (franco)		11\$60	12\$20
HOLANDA (florim)		24\$85	25\$85
INGLATERRA (libra)		122\$20	126\$20
IRLANDA (libra)		100\$70	104\$70
ITALIA (lira)		\$051	\$061
JAPÃO (iene)		\$220	\$250
NORUEGA (coroa)		10\$25	10\$75
SUECIA (coroa)		11\$95	12\$55
SUIÇA (franco)		29\$90	31\$00
VENEZUELA (bolívar)		10\$50	11\$50

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio palavras cruzadas

1.º Programa

17.00: Informação — «Velhos são os Trapos»; 17.30: «Sem Margem»; 18.00: Títulos do «Jornal da Noite»; 19.30: «Jornal da Noite» — «Espaço Musical»; 21.30: Folhetim: «Ana Karenina», de León Tolstói; 22.00: «Programa da Noite»; 23.30: Títulos do «Jornal da Meia-Noite»; 24.00: «Jornal da Meia-Noite».

2.º Programa

15.05: «Que Quer Ouvir?» — Concerto n.º 25, em dó maior, K. 503, de Mozart, Orquestra Sinfónica de Londres, dir. por Alceo Galliera; 17.20: Música de Câmara de Corelli e Boccherini; 18.00: Música portuguesa; 19.00: Terra viva, planeta azul, um programa sobre ecologia; 19.30: Música de Câmara de Mozart: «Quinteto n.º 5, em Ré Maior, K. 593, pelo Quarteto Dinamarquês e Serge Collot (2.ª violão); 20.00: Música Coral Sinfónica: «Requiem, op. 5, de Berlioz, pelo Coro do Conservatório de Nova Inglaterra e Orquestra Sinfónica de Boston; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio musical: «Festival de Bayreuth de 1980 — gravações cedidas pela Rádio da Baviera — 2.º acto do drama musical em 3 actos «Lohengrin», de Riccardo Wagner; 00.25: «Música aquática» — suite para orquestra, de Haendel, pela Orquestra Filarmónica de Berlim; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290 m)

17.03: Contacto; 17.40: Actualidade científica; 18.15: Actualidade científica; 18.40: Nuno Martins; 19.30: Actualidade científica; 19.45: Teatro trágico; 20.03: Quando o Telefone Toca (1.ª edição); 20.30: Desporto; 21.03: Novas de alegria; 21.17: Núcleo cristão; 21.30: Quando o Telefone Toca (2.ª edição); 22.03: Quando o Telefone Toca (3.ª edição); 22.30: Portugal e a CEE; 23.05: Ponto final.

RC.FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.05: Circulo em FM; 19.03: Em Órbita; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café Concerto.

Rádio Renascença

17.00: Jornal da Mulher; 18.15: Igreja em Notícia; 18.25: Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Programa da Lar; 20.00: 60 Minutos; 21.00: Pentagrama; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o Telefone Toca; 22.30: Dicionário de Economia; 22.50: Curso de Inglês; 23.00: Meta Final; 23.55: Fecho

Tiragem média diária do mês anterior: 46 563 exs.

HORIZONTAIS

- 1 Aquele que. Desgastado
- 2 Género de aves gatinhas do Brasil. Mediana. Lista
- 3 Clima. Abalo (pop). Boro (sq).
- 4 O mesmo que ion. Item. Erguer.
- 5 Pureia (pl). Sufixo que designa estado.
- 6 Tempo do verbo ser. Classes.
- 7 Simples. Plural.
- 8 Gosta muito de Leitos de viagem.
- 9 Estava. Pequeno simio do Brasil. Grande ribeira da Ásia Russa.
- 10 Deras pios. Cidade da Galileia.
- 11 Freguesia do concelho de Penafiel. Discretos.

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12789

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS

- 1 Pronome relativo. Miriari. Prasiódimo (sq).
- 2 Brame. Espalha (fig).
- 3 Pronome pessoal. Executaras.
- 4 Larva das feridas dos animais. Clima.
- 5 Chouriço de sangue. Actínio (sq).
- 6 Nascente. Atravessa.
- 7 Seguias. Pula.
- 8 Nesse lugar. Casta.
- 9 Aparência. Apanha. Preposição latina que designa movimento.
- 10 Enovelara o fio de uma meada. Inércia.
- 11 Perfume. Senhor. Conjugação.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8849

HORIZONTAIS

- 1 Um dos estados do Brasil. Acrescente.
- 2 Asilo de leprosos.
- 3 Preposição. Tunda. Letra grega.
- 4 Descobrir. Grande. Agora.
- 5 Celeste. Antepassado.
- 6 Companheiro e criado de Camões. Poente.
- 7 Carta de jogar. Avivaras o lume.
- 8 Pronome pessoal. Antes do meio dia.
- 9 Chalaça picante. Baú.
- 10 Cidade de Angola. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
- 11 A Tailândia. Cantiga.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS

- 1 Combater. Césio (sq).
- 2 Introduzas. Progenitor.
- 3 Prata (sq). Criminoso. Espécie de gato-bravo.
- 4 Chefe etíope. Choupo.
- 5 Repellido.
- 6 Rã (pop). Nome de mulher.
- 7 Rã. (pop). Vazia. Clima.
- 8 Claridade. Cal à cama.
- 9 Seguiu. Vila e concelho do distrito de Aveiro. Sorria.
- 10 Chão.
- 11 Combina. Ósmio (sq). Agência Telegráfica de Imprensa (ant)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12788

HORIZONTAIS:

- 1 Piada. Maças.
- 2 Artur. Anos.
- 3 Arma. Amo.
- 4 DURO Ms. Ela.
- 5 Ama. Moa.
- 6 Se. Caro. DE.
- 7 Carrada.
- 8 Omo. Così. Or.
- 9 Aaz. Orça.
- 10 Irem. Dosear.
- 11 Lesaria.

VERTICAIS:

- 1 Pardas. Oaio.
- 2 Ir. Ume. Mar.
- 3 Atara. COZER.
- 4 Duro. Ca.
- 5 Arm. Março.
- 6 Amoiro. DE.
- 7 Ma. Saras. Os.
- 8 Ana. Odiosa.
- 9 COMER. Rer.
- 10 Atol. Ocai.
- 11 Sé. Alerrara.

HORIZONTAIS:

- 1 Rande. Parca.
- 2 Atolar. Saos.
- 3 Loa. Uso. Asi.
- 4 Al. Ar. Va. Ca.
- 5 Sarna. Arrás.
- 6 Roa. Res.
- 7 Irá. Vis.
- 8 As. Os. Amora.
- 9 Ragu. Al.
- 10 Doais. Bivar.
- 11 Assar. Asara.

VERTICAIS:

- 1 Ralas. Sarda.
- 2 Atolar. Saos.
- 3 Noa. Rói. Gas.
- 4 Da. Anarquia.
- 5 Ura. As. Sr.
- 6 NS.
- 7 Ova. Vá. Ba.
- 8 Ar. Arrimaís.
- 9 Rea. Resolva.
- 10 Cascas. Ar.
- 11 Aliás. Parra.

Provérbo: DURO DE COZER DURO DE ROER

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões de Norte e pouco nublado a sul, o vento era fraco e havia nevoeiros ou neblinas em algumas regiões.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	8°
PORTO	11°
PENHAS DOURADAS	5°
COIMBRA	11°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	12°
ÉVORA	11°
SINES	15°
BEJA	11°
SAGRES	15°
FARO	13°
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
4.56 4,3 m	10.38 1,0 m
17.23 4,0 m	22.50 1,2 m
Dia 26	
5.42 4,1 m	11.25 1,2 m
18.11 3,8 m	23.36 1,4 m
Dia 27	
6.30 3,9 m	
19.02 3,6 m	12.18 1,5 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado nas regiões do norte com possibilidades de aguaceiros fracos; vento fraco variável fraco moderado de norte durante a noite, acentuado arrefecimento nocturno.

DIA 29	DIA 7	DIA 15	DIA 21

Lisboa

LISBOA
PERMANENTES

JOÃO XXI - Av. João XXI, 16-A (Tel. 886462); **SIMÕES PIRES** - Rua da Prata, 115 (Tel. 362350); **UNIÃO** - Est. Benfca, 592-594 (Tel. 700092); **COMBRO** - Cq. Combro, 78-82 (Tel. 32059); **DOURO** - Alm. Linhas Torres, 93-AB (Tel. 791131); **RONIL** - Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438); **DALVA** - Av. Duque d'Ávila, 125 (Tel. 545225); **LISBONENSE** - Rua Leão d'Oliveira, 2-B (Tel. 637020); **EUROPA** - Av. General Rôças, 27-AB (Tel. 843880); **CABRITA** - Parq. Resid. Miraflores, Lt. 12 (Tel. 2101486); **BRITO** - Rua do Colégio, Lt. 32-B (Tel. 993551); **MONSERRATE** - Rua Guil. Gomes Fernandes, 31-A (Tel. 911139).

REFORÇO

RIO DE JANEIRO - Av. Rio de Janeiro, 4-C (Tel. 881409); **SEPOL** - Cq. da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958); **ELMA** - Rua D. Maria Pia, 358-A (Tel. 666176); **ALIANÇA** - Av. Almirante Reis, 145-BC (Tel. 570487); **SANTA MARIA** - Av. 5 de Outubro, 283-A (Tel. 763016); **SÃO JOÃO** - Est. da Luz, 124-A (Tel. 783179); **BRANCO** - Av. Duque Loulé, 61-65 (Tel. 545048); **MARLUZ** - Cq. da Picheleira, 140-BC - Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, (Tel. 880703); **CONCEIÇÃO** - Cq. D. Gastão, 30-32 (Tel. 381289); **VAZ MAR-TINS** - Rua António Ferro, 6-A (Tel. 970660); **NOVA** - Rua Açores, 11-A (Tel. 910305); **PONTINHA** - Est. St. Elói, 4, Lt. SE (Tel. 990220); **MATOS** - Tv. Prioras (Viv. Morgadinho) (Tel. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHÉ** - Carvalho - B. João P. Corr. (Tel. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - R. D. Firmo Reb. (Tel. 2421015). Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central - R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **VILAR** - Av. M.ª Conce. (Tel. 2470777). Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 21 horas; **PAÇO** - Pargana - Av. Eng.º Bnneville Franco (Tel. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS** - Oeiras - L. Henriques Paiva Couceiro (Tel. 2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal - Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (Tel. 2478737). Até às 21 horas; **PARADE** - Grincho - Av. da República, 87 (Tel. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueira Mendes - Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Tels. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** - Lopes - R. Hangar, 3 (Tel. 260008). Até às 21 horas; **CASCAIS** - A. Costa - R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CORDEIRO** - Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - S. Jorge - R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira (Tel. 938703). Permanente; **Campos** - R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072). Até às 22 horas; **DAMAIA** - Damais - P. Alexandre

Gusmão, 9 (Tel. 978523). Permanente; **QUELUZ** - Simões Lopes - Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123); **CAMARATE** - Santos Silva - L. 25 de Abril, Lote 135-C (Tel. 2518669); **CACEM** - Guerra Rico - Entre Lotes, 6 e 7 - Freixo Capão (Tel. 2944002); **MEM MARTINS** - Quimila - Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012). Permanente; **AGUALVA** - CACEM - Mira Sintra - P. N - Torre, 310 - Até às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo - Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194). Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim - (Tel. 980456). Permanente; **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

Outra Banda

ALMADA - Magalhães 6 R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242); **COVA DA PIEDADE** - Morgado - R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356); **LARANJEIRO** - Almeida Araújo - R. D. Duarte, 7-B (Tel. 2493224); **COSTA DA CAPARICA** - Carlos - Av. do Mar, 34-A - Quinta de St.º António (Tel. 2401060); **SESIMBRA** - Leão - Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO** - Soares - Av. da República, 1 (Tel. 2073023); **AMORA** - Julieta Campos - R. Ribatejo, 2 - Cruz de Pau (Tel. 2211131); **SEIXAL** - Godinho - L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTJO** - Diogo - R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032); **MOITA** - União Moitense - Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS** - Gusmão - R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOHETE** - Gamelo - L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

MOSCAVIDE - Banha - Av. Mosca-vida, 22 (T. 2518518) Permanente. **SACAVEM** - Cortes - (T. 2519420) Até às 22 horas.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

COSTA CABRAL - Rua de Costa Cabral, 1832 (T. 480780); **FORTE DA MOIRA** - Rua de Tânger 1463 (T. 681444); **BARROS** - Rua do Bonjardim, 1292 (T. 487032); **FATIMA** - Rua de Oliveira Monteiro, 475, (T. 65406); **GARANTIA** - Rua de Fernandes Tomás, 696 (T. 24645); **SA** - Rua Vale Formoso, 181 (T. 480427); **SARABANDO** - Largo dos Lóios, 36 (T. 21701); **DINIZ** - Rua Matias de Albuquerque, 247.

(De dia e toda a noite)

BATALHA - Praça da Batalha, 26 (T. 29524); **CAMPO** - Praça da República, 118 (T. 25116); **INVICTA** - Rua do Bonfim, 330 (T. 51212); **MIRA PAULO** - Rua do Castelo de Numão, 37 (T. 64658).

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
RODRIGUES DA SILVA - Rua Ferreira Borges, 32 (T. 24348).

AGFAMATIC 3000

flash pocket

Uma ideia luminosa!



centro de cinema e teatro

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A
não acons. men. 13 anos
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
O SOLDADO DA RAINHA

SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
Int. men. 13 anos
«HAIR»

Realização de Milos Forman

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
para todos
SISSI
Jovem Imperatriz
com Romy Schneider, Harheinz Bohn
3.ª semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 15.00, 18.15, 21.30
Int. men. 13 anos
Natassja Kinski-Peter Firth, Leigh Lawson
em TESS
hoje às 00.30
Int. men. 13 anos
O CAMPEÃO

AVIS 547163

Av. Duque d'Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Para maiores de 6 anos
Os divertidos Les Charlots
numa alucinante comédia
OS MALUCOS DO ESTADIO
com Paul Preboit e Martine Kelly
2.ª semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
BEM VINDO, MISTER CHANCE
Um filme de Hal Ashby
Technicolor
5.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. men. 13 anos
James Caan, Jill Eikenberry, Roberto Vi-haro em
SEPARAÇÃO
Um filme de James Caan. Metrocolor

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30, 21.30
Int. men. 13 anos
Sylvia Kristel, Ruther Hauer
O VISITANTE MISTERIOSO
Ele veio perturbar a vida de várias mulheres

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)

às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
LAGOSTA AO PEQUENO ALMOÇO
Comédia com Claude Brasseur, Enrico Mon-
tensano
Às 23.45
Int. men. 13 anos
PIRANHA
Acção e terror

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
pornográfico - softcore
Uma análise burlesca sobre os problemas
do amor... a bordo!
AS MARINHEIRAS
Às 24.00 - Não acon. m. 18 anos
SANGUE, SUOR E PÓLVORA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
INDIA SONG
Não acons. men. 18 anos
Um filme genial de Marguerite Duras
Com Michel Lonsdale
Às 24 horas - Não ac. m. 13 anos
LAÇOS DE SANGUE
Um filme de Terence Young. Com Omar
Shariff, Gen Sazzana, Romy Schneider

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A LENDA DUM HERÓI
um filme de Singdoy Wang
com Li Shao, Lung Caryn White Betty Chen

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
Um filme de Eduardo Gueda
Seleccionado no Festival de Cannes
A SANTA ALIANÇA
Com Henrique Viana e Jo Apoloni

G. D.
LUA DE PAPEL
de Peter Bogdanovich

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés

Às 15.30, 18.30 e 21.30
A FURIA DO DRAGÃO II

D. JOÃO V 971794

Pr. Centro Comercial - Damais

Às 21.30 int. men. 18 anos
HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI
um filme de Sérgio Garrone
com Giorgio Cerioni e Paola Corazzi

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

às 14.30, 18 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
AS DUAS FACES DO AMOR
um filme de Yash Chopra - Colorido

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35

estrela às 21.30
Não acons. men. 18 anos
DIÁRIO DE UMA CRIADA DE QUARTO
o filme mais fascinante de Luis Bunuel
com Jeanne Moreau e Georges Geret

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
Ele veio perturbar a vida de várias mulheres
O VISITANTE MISTERIOSO
Baseado na obra de Knut Hamsun com
Sylvia Kristel, Ruther Hauer

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35

2 sessões: 15.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
AS MOTOS DA MORTE
a violência levada ao extremo!

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

estrela às 21.30 Int. men. 13 anos
PERIGO... REACÇÃO EM CADEIA
Numa pacífica manhã no Paraíso!
Alguém cometeu um erro e dois apaixonados
foram forçados a arriscar as suas vidas!

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 15.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
é uma explosão de amores e humores...
O SEDUTOR
(Le Cavaleur)
com Annie Girard e Jean Rochefort
6.ª semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
SHINING
De Stanley Kubrick
com: Jack Nicholson e Shelley Duval

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30, 21.30
CAN'T STOP THE MUSIC
(A música não pode parar)
Com: Village People, Valerie Perrine
Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A VIDA DE BRIAN
com os Monty Python, colorido
aviso ao público: cenas eventualmente
chocantes
2.ª semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 13.45, 16.15, 19.00 e 21.45
Interdito men. 18 anos
LA LUNA
Um filme de Bernardo Bertolucci
com Jill Clayburgh e Matthew Barry
o filme terá início logo após o começo
das sessões

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 Int. men. 18 anos
O MONGE VINGADOR
espectacular filme de Kung-Fu
3.ª semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons. men. 13 anos
AS DUAS FACES DO AMOR
Romance e belas canções

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
AGENTE N.º 1... O MAIOR
1Com Gareth Hunt, Nick Tate e Fiona Cur-
zon
2.ª semana

QUARTETO 771378

R. Flores Lima, 16

SALA 1 - 15.00, 17.30, 20.30 e 23
ALL THAT JAZZ

SALA 2 - 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24

ALL THAT JAZZ

SALA 3 - às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24

Não acons. men. 13 anos
MANHA SUBMERSA

SALA 4 - às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30

Int. men. 18 anos
A ARVORE DE GUERNICA

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Às 15.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um western fora de série!
O TESOURO DO LAGO DA PRATA
com Lex Barken, Herbert Lom e Karin Dor

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
a maior aventura de espionagem até hoje
vivida!
GUERRA DE ESPÍOES
com Michael York, David Niven, Barbara
Hershey
2.ª semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Int. men. 13 anos
AS DUAS ORFAS
col. com Mike Marshall e Valeria Ciangottini
2.ª semana

SAO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

Às 15.15, 18.15, 21.30
Int. men. 13 anos

Todo o homem apaixonado é um traidor em
potencial!

O FACTOR HUMANO

Um filme sensacional de Otto Preminger

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
GLÓRIA
de John Cassavetes
um filme com Gena Rowlands, premiado
com «Leão de Ouro» melhor
filme do festival de Veneza 1980
filme de qualidade
3.ª Semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Interdito a men. 13 anos
A comédia do ano!!!
O SEDUTOR SEDUZIDO
Com Christian Clavier, Nathalie Baye

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.05, 15.10, 17.15, 19, 21.30 e
23.45
Não acons. men. 18 anos
SHINING
(«The Shining»)
Jack Nicholson, Shelley Duval
Em virtude da sua longa metragem este
filme será projectado no início
de cada sessão

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Jason Robards, Mia Farrow, Max Von
Sydow
Technicolor
A GRANDE TEMPESTADE
Um filme de Jan Troel

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A fabulosa obra de Alexandre Dumas
1.ª jornada
O CONDE DE MONTE CRISTO
(Scope Colorido) com Louis Jourdan e
Yvonne Furneaux

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 12.15, 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
GLÓRIA
Dirigido por John Cassavetes
filme de qualidade
premiado com «Leão de Ouro» no Festival
de Veneza 1980
3.ª semana

MARQUISES

CAIXILUX
CONCEÇÃO RODRIGUES
DE ALMEIDA Lda

ORÇAMENTOS
GRÁTIS

Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 77 76 39 - 76 05 83 - 76 22 68
1100 LISBOA



© 1978 United Feature Syndicate, Inc.



1-30



© AGENCIA DAS DA SILVA - LISBOA



PORTO PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração: Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade: **RUA LUZ SORIANO, 44**
1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes: Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço Telegráfico: DIBOA
Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO: Rua do Almada 30-2.º
Telefones: 20954/5 - 4000 PORTO

"Gasolineiro" de cabeça partida

Um desconhecido assaltou ontem à noite, um posto de gasolina da Petrol, situado na estrada marginal em Valbom (Porto), agredindo o funcionário de serviço, Joaquim Moreira, com uma chave de rodas na cabeça e apoderando-se de setenta e dois contos em dinheiro. O assaltante deslocava-se num «mini» de cor vermelha.

Carta aberta do SJ ao PM

Que liberdade de Informação numa situação económica degradada?

«Conquistado com o 25 de Abril, o direito à liberdade de expressão e ao seu exercício, os jornalistas portugueses lutam hoje pela dignificação profissional. A actividade jornalística exige responsabilidade e independência. Ela tem um papel essencial nas sociedades democráticas. A dignificação profissional dos jornalistas não é, por isso, um privilégio, mas a garantia de um direito irrecusável: o de informar. Esse direito a informar é, por sua vez, garantia do Povo a ser informado» — lê-se na carta aberta que ao Primeiro-Ministro foi endereçada pelo Sindicato dos Jornalistas na sequência de uma determinação da assembleia — geral da classe, efectuada na passada sexta-feira, como protesto pela passagem à via administrativa dos aumentos salariais do contrato colectivo de trabalho.

Fazendo uma retrospectiva da negociação do contrato (27% sobre as actuais tabelas salariais e enquadramento profissional), lembra-se na carta, que é assinada por Cáceres Monteiro, presidente da Direcção do SJ,

«que direito a informar com independência poderá ter uma classe profissional crescentemente sujeita a contratos a prazo, que são uma ameaça permanente de despedimento sobre autores de textos incómodos? Que responsabilização poderá ser exigida a profissionais, que, para subsistirem, são levados a procurar outras actividades que compensem os doze ou catorze mil escudos mensais líquidos, que repórteres ou redactores ganham por sete horas de trabalho diário? Que liberdade de expressão está a ser garantida por Governos e entidades patronais que parecem apostar na degradação das condições de vida dos jornalistas? Que qualidade de Informação estão a promover entidades privadas e gestores públicos quando a sua política de «austeridade» se centra na limitação das condições laborais dos trabalhadores do sector, em particular dos jornalistas?»

Refere ainda a carta que «as reivindicações dos jornalistas portugueses são bem simples: visam a obtenção de condições

dignas de trabalho. Nelas se incluem uma revisão salarial justa através de um aumento de 27%, a inclusão dos jornalistas da RDP na tabela salarial e um novo enquadramento profissional, «palavra de ordem» em torno da qual se uniram jornalistas de todas as tendências e de diferentes experiências profissionais».

Explicita também a carta que «as condições em que é exercida a profissão, reflectem-se na qualidade do produto informativo e dizem respeito, por isso, a toda a comunidade. É também a opinião pública, são também os portugueses no seu conjunto a serem afectados no seu direito a uma Informação livre, pluralista e de qualidade, quando os homens a quem compete relatar e interpretar factos vivem sujeitos a condições contratuais que lhes condicionam a liberdade e lhes limitam o acesso à cultura».

A carta termina (depois de outras considerações pertinentes) por alimentar a esperança de «compreensão» por parte do Primeiro-Ministro sobre as razões que assistem ao Primeiro-Ministro.

PCP e os projectos militares do Governo

Há que não arriscar vidas humanas

O «aumento das despesas militares» e a «crescente subordinação das Forças Armadas portuguesas a comandos estrangeiros» fazem parte de um rol de facilidades a conceder pelo Governo de Sá Carneiro aos EUA, segundo a Comissão Política do PCP.

O Partido Comunista refere no documento declarações de «credenciados representantes do imperialismo» e de elementos do Executivo, que se conjugam para que se possa admitir e publicamente adiantar que a equipa de Sá Carneiro estará envolvida em negociações secretas que a não serem interrompidas poderão transformar Portugal «numa praça de armas do imperialismo» com todo o estendal de «gravíssimas consequências para a independência, a soberania e a segurança do País».

E nessa conjuntura que assumem delicada e particular gravidade as «diligências, consultas e negociações com vista à instalação no nosso País de armas nucleares ou mesmo à passagem por território nacional de veículos

transportadores de tais armas». Daí tornar-se absolutamente imperioso advertir que a concretização destes projectos-realiza ainda a nota da CP do PCP — exporia Portugal a tremendos perigos, criaria a possibilidade, em caso de acidente, de enormes e dramáticas perdas de vidas humanas e de incalculáveis destruições e prejuízos materiais ou mesmo a destruição total do nosso País em caso de conflito».

Para o PCP, o agitar do «espantoso da pretensa ameaça soviética» não é que o prelúdio que este Governo apresenta para o quadro atrás traçado, não colhendo, todavia, essas acções propagandísticas e outras atitudes, particularmente as campanhas anticomunistas e anti-soviéticas a pretexto dos acontecimentos do Afeganistão, o corte de relações com o Irão e a participação na obstrução e sabotagem da Conferência de Madrid, bem como o apoio à instalação dos mísseis americanos Pershing II e Cruzeiro em países da NATO.

Projecto de lei para melhorar a produção, recolha e abastecimento do leite

Um projecto de lei sobre produção, recolha, concentração e abastecimento de leite, foi apresentado à Assembleia da República pelo grupo parlamentar do PCP. O documento defende que a «rede única de recolha se alargue a todo o País» e que «as funções de recolha e concentração sejam pertença exclusiva dos cooperativos e respectivas uniões».

O projecto de lei, que foi enriquecido por opiniões de mais de uma centena de cooperativas leiteiras, visa dois aspectos fundamentais daquele sector. O

primeiro baseia-se na convicção de que «a lei deveria acolher, proteger e incrementar o desenvolvimento harmónico de uma rede única de recolha, assente na própria organização cooperativa leiteira, que tendesse a dar efectiva expressão à intervenção dos produtores em todo o circuito económico do leite». O segundo aspecto relaciona-se «com a necessidade de melhorar o abastecimento de leite para o consumo e para a indústria, através de mecanismos que incentivem a produção e aproveitem melhor o leite actualmente produzido».

Soares e Secretariado do PS felicitam socialistas da Mealhada

Mário Soares enviou ontem ao Presidente eleito da Câmara Municipal da Mealhada, Manuel Joaquim Pires dos Santos, um telegrama de felicitações pela «brilhante vitória» de domingo.

Na mensagem, o auto-suspenso secretário-geral do PS afirma que a «acção socialista nas autarquias será o esteio da alternativa socialista e democrática ao poder da direita». «Só um Partido Socialista forte, unido e interveniente poderá garantir a permanência e o aprofundamento das instituições democráticas» — acrescentou Mário Soares.

Por sua vez, o dirigente socialista Sousa Gomes disse ontem, em nome do Secretariado do PS, que a vitória do partido nas eleições da Mealhada pressagia a derrota de Soares Carneiro nas presidenciais.

Sousa Gomes prestou esta declaração depois de uma reunião do Secretariado do PS, ontem realizada.

Felicitando os socialistas da Mealhada, Sousa Gomes, secretário nacional para as autarquias, referiu também que a nova Câmara saberá «corresponder às aspirações do povo» deste concelho do distrito de Coimbra.

João Jardim em Lisboa

João Jardim que se encontra em Lisboa, estabeleceu contactos esta manhã com o ministro das Finanças, estando previsto para hoje à tarde um encontro com o Primeiro-Ministro e com o ministro dos Transportes.

Da reunião desta manhã o tema principal foi o corte no orçamento da Comunicação Social

estatizada na Madeira, particularmente na Radiodifusão e na Rádio Televisão, cujos cortes no orçamento determinados por Cavaco e Silva desagradaram a João Jardim.

Na reunião com o ministro dos Transportes o caso da ampliação do Aeroporto da Madeira continuará a ser o tema principal.

Golpe de Estado no Alto Volta

Um golpe de Estado militar teria sido efectuado no Alto Volta, segundo informações não confirmadas circulando na capital nigeriana.

Segundo estes rumores, a As-

sembleia Nacional foi dissolvida e a Constituição suspensa.

Soube-se, por outro lado, que as telecomunicações por telex estão cortadas e o aeroporto encerrado.

Eanes em Cortegaça

Às FA's compete servir a vontade do povo

Continuação da pág. 1

«As Forças Armadas» — disse o general Ramalho Eanes — «continuarão a actuar dentro dos quadros que lhe são definidos pela legalidade democraticamente legitimada, contra todas as tentativas totalitárias, venham elas de onde vierem, tenham as justificações que tiverem. Subordinadas ao poder político, as Forças Armadas servem a vontade do povo tal como ela se expressa na decisão livre e indiscutível que são as eleições.»

O Presidente da República foi ainda mais claro no seu conceito das missões atribuídas à instituição militar ao sublinhar que às Forças Armadas «compete servir a vontade do povo, qualquer que ela seja, desde que ela seja expressa em democracia e em pluralismo. Para isso fizemos o 25 de Abril. Para isso fizemos o 25 de Novembro. O general Eanes concluiu o seu discurso com a afirmação de que os dois acontecimentos ocorreram «para que nunca mais as Forças Armadas fossem instrumento de opressão usado pelos detentores de um Poder ilegítimo: para que nunca mais a ameaça da

força militar servisse de obstáculo à solidariedade social, à justiça, ao progresso e ao desenvolvimento».

Mensagem do CEMGFA

O general Lemos Ferreira, em mensagem aos militares, disse hoje que recordar o 25 de Novembro é reafirmar que as liberdades readquiridas naquela data serão mantidas em consonância com a vontade expressa pelo povo português.

A mensagem do chefe interino do Estado-Maior-General das Forças Armadas foi hoje lida em todas as Unidades e estabelecimentos militares, no âmbito das comemorações do 25 de Novembro.

Lemos Ferreira acrescenta que passam hoje cinco anos sobre a data em que as Forças Armadas «souberam pôr termo a uma situação de quase rotura, em que a liberdade, a injustiça e as estruturas do Estado estavam a ser deliberadamente destruídas».

«A acção desenvolvida pelas Forças Armadas em 25 de Novembro» — assinala — mostrou que elas continuavam «dispostas a garantir que o povo português fosse livre e soberano na escolha do seu destino».

Ao longo dos últimos anos — diz Lemos Ferreira — as Forças Armadas têm-se tornado mais aptas e eficientes para serem «uma realidade essencial e indispensável de garantia da independência nacional e da integridade territorial», mantendo presente «a preocupação da não interferência no processo político».

As forças Armadas, recriada a disciplina, a coesão e a compreensão dos seus deveres e limitações, disse, «têm vindo a constituir de forma inofensiva uma salvaguarda para o tranquilo desenvolvimento democrático».

As missas

Das comemorações particulares do 25 de Novembro, ressaltam as cerimónias de índole religiosa levadas a efeito por dois dos candidatos à Presidência. Assim, Soares Carneiro, que com o 25 de Novembro não teve, nada, vai à missa dos Jerónimos, mandada rezar pelo que é um dos principais suportes políticos da sua candidatura — a Associação dos Comandos. Quanto a Pires Veloso, os seus serviços de candidatura mandam rezar uma outra missa, na capela de Nossa Senhora da Saúde, que contará com a presença do que, em Novembro de 1975, era comandante da Região Militar

Norte. Em ambas as cerimónias serão sufragados os mortos de então pelo lado dos «comandos» — precisamente dois, embora fontes não oficiais afirmem terem morrido mais alguns, «comandos» que então já estavam desligados de serviço e que, à margem dos regulamentos militares, se integraram nas forças operacionais dirigidas por Jaime Neves e comandadas por Ramalho Eanes desde a Amadora.

Soares Carneiro, à noite, participa na FIL num jantar com estes ex-militares, com os que sobreviveram, evidentemente, onde estarão presentes também, a pretexto das comemorações militares no activo.

Galvão de Melo, tem, de entre os candidatos, a posição mais curiosa: «Essa data é em parte verdade e em parte não verdade, e só me associo a coisas sem por cento verdadeiras», afirmou à ANOP, explicando assim por que fica à margem de quaisquer comemorações do 25 de Novembro.

Admitiu-se a hipótese de o candidato da AD, Soares Carneiro estar presente numa cerimónia evocativa, de carácter militar, que esta manhã decorreu no Regimento da Amadora. No entanto, e como o general Soares Carneiro está suspenso, a seu pedido, das suas funções militares, tal não se verificou. Mesmo assim, dois civis membros da Associação dos Comandos participaram nas cerimónias e ouviram o segundo comandante da unidade afirmar que, após cinco anos «sobre as tentativas de imposição das grilhetas totalitárias», renasce de novo a esperança.

Bancários envolvidos em burlas

Dois empregados da filial de Sesimbra da Caixa Geral dos Depósitos, juntamente com outro indivíduo, por eles aliado, envolveram-se numa série de burlas, utilizando indevidamente cheques duma caderneta furtada na instituição de crédito onde trabalhavam.

Um dos cheques, no valor de 619 380\$00, foi transferido para um banco em Portalegre, para a conta do «sócio» Alfredo, falsamente emitido pela Escola Preparatória de Sesimbra. Além desta fraude, os dois ban-

cários: José Manuel e José Carlos, praticaram outras irregularidades, como emissão de cheques sem cobertura, que depois retiravam do circuito normal evitando a sua passagem pela Câmara de Compensação desse modo a descoberta imediata da falta de provisão.

Esclarecida a actividade ilícita, vão agora responder no Tribunal de Portalegre, por ser ali que se detectou a primeira fraude, encontrando-se porém em liberdade, embora tenham sido já desligados do serviço na CGD.



M. R. — MANUEL RAFAEL

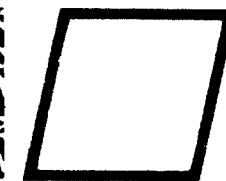
MATERIAL ELÉCTRICO

TUDO EM ELECTRICIDADE

Travessa do Forno, 7-A (ao Rossio)

Tel. 371001/2 LISBOA

Carrillo: O que disse e ouviu na sua visita a China
Polónia: Um Inverno preocupante
El Salvador: Evolução da luta popular
Argélia: Ben Bella em liberdade
França: Facetas do neonazismo



SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prévue Latine
Interprete
Nouvel

N.º 48/80

Terça-feira, 25 de Novembro de 1980

TRABALHISTAS VIRARAM À ESQUERDA

A Inglaterra vai mudar?

Nas últimas semanas o espectro político inglês alterou-se significativamente com a eleição para o cargo de líder do Partido Trabalhista de um dos mais destacados dirigentes da sua ala esquerda. Enquanto isto, com o Governo da conservadora senhora Thatcher, a Inglaterra continua a afundar-se numa das mais difíceis crises económicas das últimas décadas. Por seu lado, e ao contrário do que muitos analistas apressados escreveram, o Partido trabalhista continuou a subir rapidamente nas sondagens de popularidade dos partidos britânicos. As últimas reveladas mostram já uma vantagem de 10 pontos em relação aos conservadores. Tudo indica portanto, que as posições contra a CEE e partidárias de uma inequívoca e unilateral política de desarmamento do país no quadro da NATO, defendidas pela facção de Michael Foot, estão a encontrar largo apoio junto do eleitorado. O futuro dirá se esta tendência se manterá até as próximas eleições legislativas de 1983. Se isso acontecer muito mudará no país dos lordes! Entretanto, Michael Foot (pé) começou o seu mandato de líder do Labour com pouca sorte: partiu um pé... no dia seguinte ao da sua eleição. Isso não bastou para que perdesse o bom humor e a combatividade. Declarou: «mesmo com o pé partido ainda estou em forma para correr com os conservadores...»



BRASIL

Sucessão do general Figueiredo

■ Arnaldo César

□ IPS

RIO DE JANEIRO — Apesar de ainda faltarem mais de quatro anos para que o general João Baptista Figueiredo deixe a presidência da República, já se está a preparar a sua sucessão. Tudo começou no passado dia 18 de Outubro durante a convenção do governante Partido Democrático Social (PDS). O ministro da Justiça, Abi Ackel —

um dos estranhos políticos do regime —, apoiou publicamente as aspirações do actual governador do Estado de São Paulo, o empresário Paulo Salim Maluf, a ocupar a primeira magistratura do país.

Numa declaração que provocou surpresa, disse que «arregañaria as mangas» para trabalhar ao lado de Maluf, no caso deste se converter em candidato presidencial em 1985. Teoricamente, esta declaração não deveria provocar surpresa, já que o ministro e o governador Maluf são homens de um mesmo partido.

Acontece, não obstante, que Maluf não é bem visto em Brasília. Em 1978 numa demonstração de habilidade, enfrentou-se com o então presidente, general Ernesto Geisel, que tinha escolhido para o governo do mais importante Estado brasileiro, o político Laudo Natel (no Brasil, os governadores de estados são seleccionados pelo Presidente da República e não eleitos por voto directo). Maluf convenceu os dirigentes do partido em São Paulo, de que Natel não era o mais indicado e acabou por assumir esse mesmo cargo.

Nunca se lhe perdoou esta acção e até 18 de Outubro, era ridicularizado pelos «homens fortes» de Brasília. Os seus discursos demagógicos, a sua conduta assinalada pelos seus detractores como tendente à corrupção, a sua riqueza e a sua maneira personalista como maneja a política, foram insistentemente postos em relevo a fim de enfraquecer o seu futuro político.

Agora, o próprio Palácio do Planalto (sede do Governo Federal) aparece a apoiá-lo através do ministro da Justiça. Ainda não se

sabe com certeza se esse apoio tem por finalidade desgastar ainda mais o governador Maluf, ou se é sincero. Todavia, o facto é que depois do discurso de Abi Ackel, em São Paulo, outros nove políticos manifestaram o mesmo desejo de que ele sucedesse ao Presidente Figueiredo.

Entre eles, nomeadamente, tomou posição — na corrida presidencial — o governador do Estado da Baía, António Carlos Magalhães. Trata-se de um forte candidato, já que pode ser considerado

O QUE CARRILLO DISSE E OUVIU NA SUA VISITA À CHINA

Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, que chegou à China a 10 do corrente mês, apresentou-se perante os estudantes da universidade de Beida, como defensor do «pluralismo». Foi vivamente aplaudido pelo seu auditório, tendo na altura declarado: «Agressões como as do Vietname, Cambodja, Checoslováquia e do Afeganistão são absolutamente inadmissíveis na actualidade». De uma forma geral, os comunistas chineses e espanhóis parecem querer dar a entender pela forma como decorreu esta visita que vão lançar um pano sobre «os erros do passado».

Por outro lado, Hu Yaobang, secretário-geral do Partido Comunista Chinês, acusou Mao Zedong, na presença do dirigente espanhol, de «ultra-esquerdista». Hu declarou na altura que «Mao cometeu inúmeros erros, erros ultra-esquerdistas, desde 1957 até ao momento da sua morte» e que o fundador da China comunista não era o «único responsável» por estes erros mas que «na sua maior parte» eles eram da sua responsabilidade.

■ Alain Jacob

□ Le Monde

Pequim — A visita a Pequim do secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrillo, decorreu segundo um protocolo

muito semelhante ao que tinha sido reservado no passado mês de Abril ao seu colega italiano. Enrico Berlinguer. Para ambos os dirigentes

comunistas da Europa Ocidental, o principal interlocutor foi Hu Yaobang, secretário-geral do comité central do Partido Comunista Chinês, embora tenham sido preparados encontros separados com outras personalidades chinesas. Com efeito, Carrillo teve oportunidade de se encontrar com o presidente Hua Guofeng, tendo ainda sido marcado um encontro com Deng Xiaoping.

A imprensa chinesa deu uma importância especial a esta visita. Os jornalistas do «Diário do Povo» que tinham visitado a Espanha recentemente manifestaram as suas impressões tendo dado a conhecer as dificuldades com que se defronta o PCE para exercer a sua acção numa sociedade caracterizada pelo «pós-franquismo», atormentada pela desemprego, e pelas tendências anarquistas.

No que respeita às relações entre os dois partidos, Hu Yaobang, tal como o presidente Hua Guofeng, acentuaram principalmente o aspecto da «independência» de actuação revelada pelo PC espanhol, defendendo o princípio da «igualdade» que deve orientar as relações entre PC de diferentes países. Hu Yaobang prestou assim homenagem aos comunistas espanhóis pelos «seus esforços com vista à integração do marxismo na realidade de Espanha». Tanto de um lado como do outro, foi manifesto o interesse de lançar um pano sobre «os erros do passado» tendo em vista o restabelecimento das relações «de confiança e de respeito mútuos».

As nossas divergências têm uma «importância de ordem secundária», declararam os interlocutores chineses de Carrillo, que insistem em contrapartida no aspecto da recusa mútua por parte dos dois partidos da aceitação de um «centro dirigente» no seio do movimento comunista internacional. A agência Nova China cita a este respeito diversas declarações do secretário-geral do PCE quanto à sua recusa de um «modelo soviético», assim como a sua oposição não só às «tendências expansionistas» como ao «imperialismo».

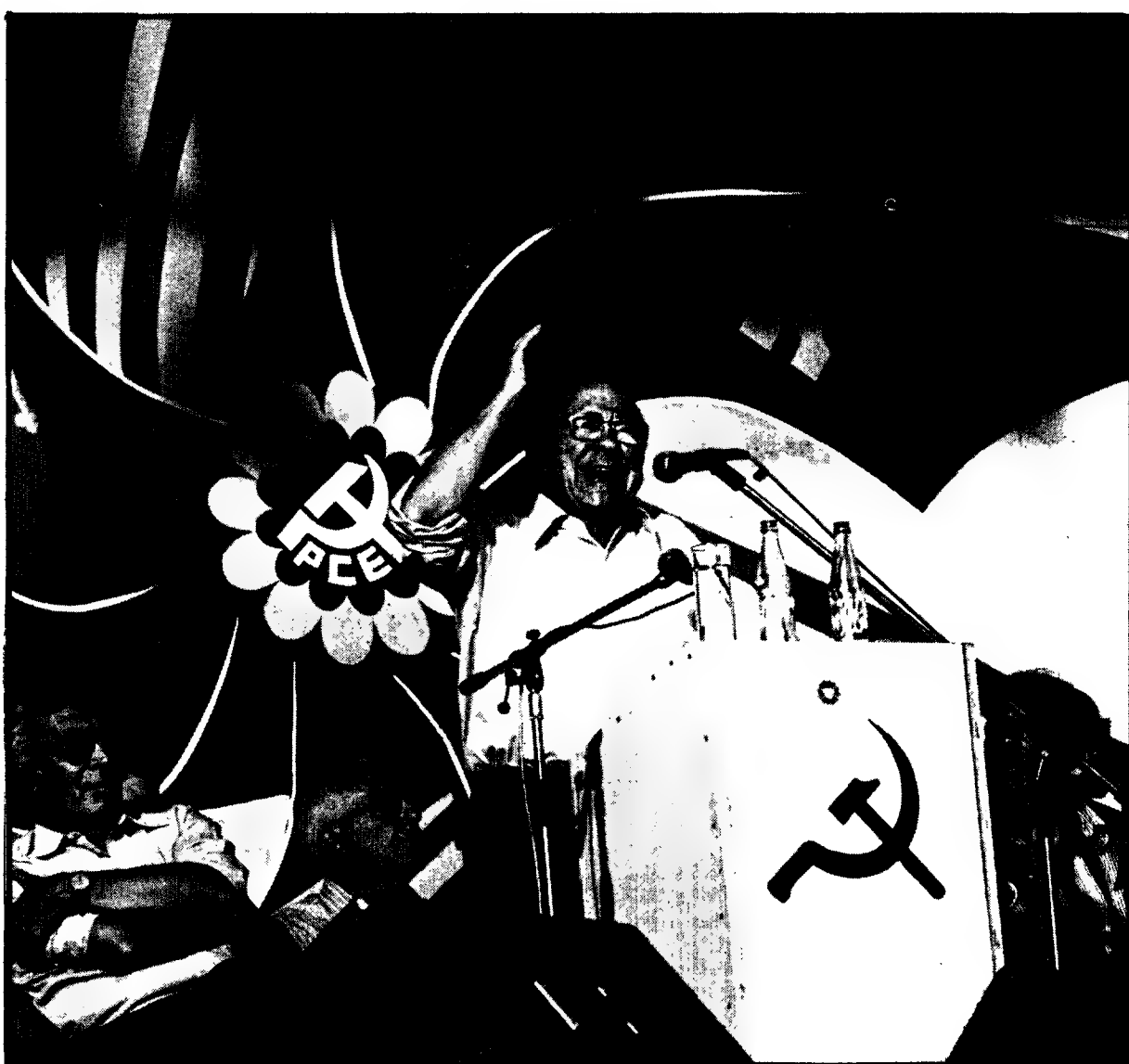
E talvez ainda de forma um pouco mais acentuada do que du-

rante a visita de Berlinguer, do lado chinês foi posta a tónica no que respeita à resistência a todas as formas de «hegemonismo soviético», tanto no que se refere às relações entre partidos comunistas como nos assuntos internacionais de ordem geral. Poucos dias antes da chegada da delegação do PCE um artigo da publicação bimensal do PC chinês foi até um pouco mais longe no esclarecimento deste assunto ao condenar com bastante vigor a «elite dirigente soviética» de pisar os princípios de independência e de autonomia que deveriam, em princípio, orientar as relações entre os diversos países comunistas. Hu Yaobang menciona a existência de «profundas alterações» verificadas no decurso dos últimos anos no seio do movimento comunista internacional, sugerindo que, do ponto de vista chinês, o PC soviético excluiu-se ele próprio deste movimento em consequência do seu comportamento «anti-marxista» e das suas ingerências nos assuntos internos de outros países.

As posições muito firmes assumidas pelo PCE e por Carrillo pessoalmente, face à URSS forneceram aos dirigentes chineses uma ocasião propícia à abordagem do assunto que tão caro lhes é, e a propósito do qual a sua atitude se tem incontestavelmente endurecido de há seis meses para cá. Será talvez necessário notar que, nesta ordem de ideias, parece estar a estabelecer-se em Pequim uma distinção cada vez mais clara entre o PC da União Soviética os diferentes países da Europa de Leste — ou seja do «campo socialista».

A prova disso está bem patente, entre outros factos, na maneira como a agência Nova China manifestou as preocupações do PC espanhol no que respeita ao caso da Polónia — onde a evolução da situação é, aliás, seguida de muito perto e com uma simpatia evidente pelos órgãos de comunicação chineses.

Tal como Berlinguer em relação ao PCI na sua visita de há sete meses, Carrillo tomou a palavra perante os estudantes da universidade de Pequim. Carrillo visitou ainda Xangai, Hanzhou, Cantão, Nanning e Kunming. ■



Carrillo usando da palavra numa festa do PCE há tempos realizada na capital espanhola

BRASIL:

Sucessão do presidente Figueiredo

1 ♦ como o único político do Governo que conta com apoio popular. O seu colega Ney Braga, governador do Estado de Paraná, é outro dos que concorrem para chegar à presidência.

Até há quatro meses, Braga tinha grandes oportunidades, mas um enfarte do miocárdio contribuiu para que as suas aspirações presidenciais se desvanecessem.

O nome do vice-presidente, Aurélio Chaves, também foi incluído entre os possíveis candidatos presidenciais, apesar de as suas relações com o presidente Figueiredo não serem as melhores. Marco Maciel, governador do Es-

tado de Pernambuco, completa a lista dos três governadores estaduais que aspiram à presidência.

Danilo Venturini, chefe do gabinete militar, é outro dos candidatos fortes. É provável que no próximo ano deixe o gabinete militar por troca com um ministério civil, o que lhe daria maiores facilidades para se mover politicamente.

O ministro da Planificação, Antônio Delfim Netto, sempre esteve na lista de candidatos. Responsável da estratégia económica do Governo, a sua cartada de triunfo, serão os resultados das medidas que tomar para controlar a inflação. Até agora parece improvável que surtam efeito, pois estima-se que

os índices inflacionários poderão chegar aos 130 por cento anuais. Mas se estes números baixarem para 20 por cento ao ano, Delfim Netto poderia alcançar a presidência.

O chefe do Serviço Nacional de Informações, general Octávio Mello, tem a preferência dos meios militares. Como desde 1964 todos os presidentes saíram dos quartéis, Mello pode ser considerado como um «candidato forte». Contudo, as duas últimas hipóteses recaem nos nomes do ministro da Justiça, Abi Akel, e do actual presidente da «Eletrobrás» e do consórcio construtor do complexo hidroeléctrico de Itaipú, general



Costa Cavalcante.

De acordo com os analistas, este último tem mais possibilidades que os demais candidatos. Militar retirado há mais de 10 anos, o general poderia ser a «saída civil» nas próximas eleições presidenciais. Além disso, conta com a simpatia do general Figueiredo e de dois ex-presidentes ainda vivos: os generais Emilio Garrastazu Medici e Ernesto Geisel. Cavalcante construiu uma das maiores obras públicas do mundo, e quando as turbinas de Itaipú (geradora hidroeléctrica na fronteira com o Paraguai), começarem a funcionar, obterá, sem dúvida, consideráveis dividendos políticos. ■

POLÓNIA

Um Inverno preocupante

■ Bernard Guetta

□ Le Monde

Varsóvia — Quatro dias depois da legalização definitiva de **Solidariedade**, as possibilidades de uma próxima estabilização política parecem ser nulas na Polónia. O perigo de um choque violento foi afastado, por algum tempo de certo, mas os verdadeiros problemas continuam a existir, mais perceptíveis na relativa acalmia de hoje.

Os aumentos fazem crescer a inflação, na medida em que o mercado cada vez pode satisfazer menos a procura. Os preços aumentam e todos vão exigindo mais e cada vez mais com maior vigor, porque a firmeza compensa e é indispensável obter um aumento tão grande como nos outros ramos a fim de poder manter o seu nível de vida perante a inflação.

Junto à tradicional penúria de carne e às más colheitas deste ano, o fenómeno promete à Polónia uma dieta severa para este Inverno. As lojas de alimentos já se encontram desesperadamente vazias. O açúcar, as batatas, a manteiga, os frutos e os legumes (sem contar com maçãs e tomates raquiticos), as massas e o arroz são praticamente impossíveis de encontrar. Logo que consta que um produto qualquer chegou, tudo desaparece numa hora, levado pelos reformados que se encontram nas bichas e que compram stocks inteiros. Em tais condições, o mercado negro desenvolve-se de um modo desentreado e com ele um descontentamento e uma angústia social que podem ser perigosos.

Para além das dispendiosas importações alimentares que só concorrem para agravar a crise, seriam necessárias duas coisas a fim de travar esta mecânica. Por um lado a apresentação ao país de um plano de reformas económicas com credibilidade e mobilizador que possa ressuscitar a confiança perdida, não só no poder mas também no Estado. Por outro, o desenvolvimento rápido, não só de um **modus vivendi**, mas de uma colaboração real e eficaz entre as autoridades e o sindicato independente.

Uma comissão governamental de setenta e sete pessoas vindas de horizontes muito diversos, e doze subcomissões de uns trinta membros cada uma (perto de quinhentas pessoas ao todo) trabalham num projecto de reformas económicas sob o controlo de Stefan Olszowski, reintegrado em Agosto no bureau político depois de ter sido excluído durante o congresso de Fevereiro, por ter puxado com demasiada força a campainha de alarme.

Este projecto muito avançado poderia ser utilizado proximamente.

Mas, de momento, só se encara aplicar muito progressivamente (na expectativa do reequilíbrio do mercado), e uma das raras medidas que podiam entrar em prática seria autorizar as empresas a utilizar livremente os fundos salariais.

Quer isto dizer que se fica longe do choque psicológico necessário.

Quanto ao desenvolvimento do **partnership** social, é fortemente prejudicado tanto pelas dificuldades do novo sindicato em se definir, como por as que sente o partido em se redefinir.

Para além das rivalidades pessoais e regionais que por vezes aparecem no seu seio, para além mesmo dos OPA lançados pelo poder sobre algumas das suas secções, **Solidariedade** choca, com efeito, com dois problemas importantes. Antes de mais, uma tensão permanente e crescente entre o apoio às reivindicações e a defesa do interesse geral. O problema é clássico mas particularmente delicado aqui, porque o movimento tem em si esperanças imensas, enquanto que a situação catastrófica da economia não dá nenhuma esperança de as satisfazer.

Solidariedade tenta pois conciliar o inconciliável, embora sabendo que os apelos à moderação das reivindicações, só podiam ser ouvidos no quadro de um contrato económico e social pouco provável.

Em seguida o movimento — os seus dirigentes ainda não parecem ter consciência disso — vai de pressa chocar (na formulação das suas reivindicações) com um problema de escolha entre os interesses forçosamente contraditórios das diferentes camadas sociais que, de momento, estão atrás de si. Não é possível satisfazer todos, e o igualitarismo (que hoje domina nas fileiras do sindicato) é uma estratégia um pouco sumária — em contradição, por exemplo, com dois dos elementos de reforma julgados unanimemente necessários: autonomia das empresas e o desenvolvimento do sector privado na indústria ligeira e nos serviços.

A crise do partido

O problema actualmente mais preocupante é que o partido está quase em fase de alerta: a direcção compósita que sucedeu à equipa de Gierk já está em oposição com o comité central, que só aceitou contra-vontade a assinatura dos acordos de Gdansk. Ela está agora claramente dividida — quase em igualdade como o mostrou o voto do bureau político sobre o compromisso de Novembro, entre aqueles que querem dirigir o sindicato e os que, achando possível a tarefa, desejam fazer dele um instrumento da paz social. Estas duas relações de força incertas — de um lado conservadores contra reformadores, e do outro reformadores partidários da ordem contra reformadores pragmáticos — não deixam evidentemente augurar grande coisa da coesão das instâncias dirigentes, durante as provocações que vão chegar.

No dia 10 de Novembro, por exemplo, enquanto o Supremo Tribunal se reunia em Varsóvia, o presidente do município de Czeszochowa, Wierzbicki, convocava os directores de empresa do seu departamento para os informar que ia ser proclamado o estado de emergência e que a responsabilidade da sua aplicação nas fábricas lhe era confiada. Consequentemente deviam retirar aos sindicalistas todas

as suas possibilidades de expressão (máquinas de escrever, meios de reprodução e acesso aos rádios de empresa); fazer assinar pelos quadros e pelos membros dos serviços de segurança declarações de lealdade ao partido e ao Governo; e, por fim, prevenir os operários de que toda e qualquer greve seria considerada como um acto hostil à Polónia popular, e, se necessário, reprimida pela força.

Como muitos deles passaram aos actos sem esperar, isso suscitou a cólera e o pânico e os operários da região pedem hoje o afastamento do voivode (presidente do município) e do primeiro secretário do partido (estes dois dirigentes trabalharam em Katowice na equipa de Grudzien, um conservador declarado, afastado de funções de primeiro secretário em meados de Setembro).

É difícil saber se Wierzbicki fez uma provocação deliberada com o objectivo de sabotar o compromisso do dia 10 ou se aplicou simplesmente com demasiada precipitação, o cenário previsto e do qual não se fazia mistério em caso de fracasso das conversações secretas entre **Solidariedade** e o poder. Mas é certo que a prova de força não repugnaria aos responsáveis de Czeszochowa, e provavelmente a muitos outros.

Precisamente no mesmo dia o primeiro secretário de Gdansk, Fiszbach, declarava perante o comité regional do partido que era importante que os membros do partido vencessem a lentidão conservadora a fim de poder seguir o desenvolvimento das aspirações da sociedade; ele pronunciava-se por uma convocação rápida do congresso extraordinário e qualificava de demasiado simples a identificação de **Solidariedade** com as forças anti-socialistas.

Mais radicais ainda, os militantes, presentes, denunciaram a crise de confiança entre as massas e o partido. Reclamaram a apresentação de um plano construtivo de renovação e acharam que o sexto plenário não tinha ido suficientemente longe. Disse-se mesmo que o comité central actual não era capaz de conduzir a renovação e fazer a seguinte pergunta: **Porque voltámos quase ao ponto de partida depois de trinta e cinco anos de trabalho?**

Esta revolta dos militantes não é específica de Gdansk, visto ter-se exprimido com maior ou menor virulência nas onze reuniões deste tipo que se desenrolaram em princípios de Novembro na presença dos membros da direcção. Podemos ver nisso uma manifestação de apoio ao bureau político, que deseja apoiar-se na base para renovar o comité central durante o seu congresso extraordinário.

Mas o impulso inovador — quando uma forte percentagem de operários entraram nas filas de **Solidariedade** — poderia revelar-se mais ambicioso do que desejado. Ainda aí, o elemento determinante será a capacidade que a direcção terá ou não de preceder e canalizar o movimento. Antes deste mês deverá ser convocado um plenário do comité central. Ele tratará principalmente da data do congresso. ■

FOTO

EXCLUSIVO

Eis uma Igreja — no caso Notre Dame de Paris — transformada em corpo humano pelo escultor Charles Senger. A foto foi feita no dia da inauguração do Museu de Esculturas ao ar livre, instalado no jardim do Quai Saint Bernard, junto à ponte Sully. Entre um grupo divertido, Jacques Chirac, presidente do município da cidade



Este diamante foi há dias leiloado nos salões do hotel Richmond, em Genebra. Chama-se «Estrela Polar», pesa 41,28 quilates e foi encontrado na Índia. Tem uma história como todas as grandes pedras preciosas do mundo. Entre os seus proprietários conta-se José Bonaparte que foi rei de Nápoles e de Espanha. Quem agora o comprou desembolsou uma soma razoável, visto a «pedra» ter sido avaliada em mais de vinte e cinco mil contos



Isabel II, acompanhada pelo Duque de Edimburgo, procedendo à leitura do «discurso da Coroa», isto é, ao discurso de Margaret Thatcher, que continua a chefiar o governo ultraconservador britânico

EL SALVADOR

Uma verdadeira guerra p



Hector Oqueli, membro do secretariado exterior da Frente Democrática Revolucionária (FDR) de S. Salvador, durante a sua visita a Granada

■ Earl Bousquet

□ Prensa Latina

Apesar do silêncio e das diferentes opiniões manifestadas pelas agências de imprensa ocidentais, a verdade da luta que liberta o povo salvadorenho continua e, actualmente, a solidariedade de todo o mundo manifesta-se por diversas formas.

As nações caribenhas manifestaram a sua esperança de que El Salvador alcance dentro em breve a sua verdadeira independência e que possa, com um governo que represente os interesses nacionais, encetar um caminho de paz e desenvolvimento que faça esquecer aos seus cinco milhões de habitantes o pesado fardo que actualmente se desenvolve nessa nação da América Central e denunciou a repressão que impera sob o governo da Junta Militar disfarçada sob um suposto traço reformista.

«Em El Salvador verifica-se uma verdadeira guerra popular na qual se articulam de forma harmoniosa as acções das organizações militares e civis. A população, tanto urmente carregam.

Nessa altura os seus filhos poderão frequentar as escolas sem o receio de morrer nas ruas debaixo de fogo das metralhadoras dos guardas ao serviço da Junta Militar democrata-cristã, a qual só no presente ano assassinou mais de 5 mil salvadorenhos.

De caminho para Saint George's, capital de Granada, Hector Oqueli, membro da Frente Democrática Revolucionária de El Salvador, concedeu uma entrevista à qual assistiu o primeiro-ministro granadense, Maurice Bishop.

Oqueli, que visitou igualmente a Jamaica, Porto Rico e a República Dominicana abordou diversos assuntos como rural, apoia as forças revolucionárias que proferem contundentes golpes ao inimigo comum.

«No entanto, esses triunfos do povo nem sempre são conhecidos noutras regiões dado que a imprensa ocidental encarrega-se de minimizá-los. Um exemplo concreto desta campanha manifestamente contrária ao povo salvadorenho foi a recente greve geral.

«Segundo as agências capitalistas, a paralisação teria tido poucos resultados, tendo tomado como fundamento o facto de os transportes e o comércio da capital se terem mantido em funcionamento.

«As suas informações omitiram no entanto o facto das lojas terem sido obrigadas a abrir sob a ameaça do regime de retirar as licenças comerciais e que o sistema de transporte circulou dado que em cada autocarro foram colocados polícias vestidos à civil, os quais obrigaram os motoristas a trabalhar sob a ameaça de pistolas.

«Deverá ter-se em linha de conta que a imprensa reaccionária esqueceu que cerca de 60 por cento da população salvadorenha é rural e nenhum jornalista relatou nas suas crónicas e reportagens a realidade que prevaleceu nas localidades do interior, durante os dias da paralisação.

«Há no entanto um dado interessante a destacar: o facto da greve ter sido levada a cabo em 75 por cento e ainda mais importante foi

ter constituído uma verdadeira acção insurreccional, na qual o povo salvadorenho saiu para a rua não só para protestar como para combater a Junta Militar democrata-cristã, responsabilizada pelo assassinio de mais de cinco mil pessoas.

«O movimento revolucionário em El Salvador regista actualmente um extraordinário progresso tanto em qualidade como em quantidade. Isto manifesta-se especialmente por meio da activa participa-

(Entrevista concedida da Frente Democrática El Salvador).

ção na luta de todos os sectores da população.

«Em todas as partes do país, em todas as regiões, é considerável o número de membros das associações sindicais, das organizações de massas, rurais e estudantis, que tomam parte activa na guerra popular e o que mais se destaca é a sua inquebrantável unidade com vista a alcançar o seu principal objectivo: um governo nacional de ampla representação popular.»

Quando se ouve falar desta forma as forças progressistas salvadorenhas recordam sempre as denúncias formuladas pelos seus compatriotas pelo facto de outros países intervirem no conflito verificado nesta nação da América Central e, em particular, os Estados Unidos.

«Não pomos de lado a possibilidade de uma invasão de El Salvador pelos Estados Unidos demonstrando que continuam a ser o «número um» da região. De momento, Washington está a levar a cabo no nosso país o mesmo que fez no Vietname. Começou a en-

BEN BELLA EM LIBERDADE

O Islão pode trazer muito ao mundo m

■ Daniel Junqua

□ Le Monde

Tlemcen — Apesar da hora matinal, um pouco antes das seis, o amplo salão da grande vivenda, numa rua tranquila perto do centro da cidade, não basta para acolher os visitantes. No corredor, ao longo das paredes, foram colocadas cadeiras. Homens sentados esperam e conversam. A atmosfera tipicamente mahgrebina em que todos fazem circular, com bom humor, chávenas de café, copos de chá e bolos. O «presidente» ainda está a descansar: deitou-se tarde porque alguns amigos estiveram a cumprimentá-lo.

O «presidente» chega, sobriamente vestido de cinzento, o fato um pouco largo, apertando contra o peito um estojo de toilette de plástico. Uma silhueta «à Holot». O sorriso já esboçado torna-se largo

erante as mãos que para ele se estendem. Passada a altura dos beijos e das efusões, Ahmed Ben Bella convida-nos a partilhar com ele o seu pequeno almoço. É o antigo chefe de Estado quem serve. Sentamo-nos num colchão pousado no solo. «Depois de ter estado preso já não sei dormir numa cama», diz ele, rindo. E previne: «Não esperem grandes declarações políticas, seriam prematuras».

Os primeiros dias de uma liberdade que confirma ser total, sem reservas nem condições, quer consagrá-los à família, aos amigos, a informar-se também, a retomar concretamente, «fisicamente», contacto com as realidades argelinas. Antes de ir para Orania, esteve em Setif e em Batna. Foi inclinar-se perante o túmulo de Ben Boulaid, um dos chefes históricos da revolução argelina, o primeiro «patrão» dos Aurès, depois regressou a Magnia, sua terra natal, passando por El Asnam.

Em Tlemcen onde, recorda, «fiz os meus estudos», recolheu-se um

momento junto ao túmulo de Mes-sali Hadj, pai fundador do nacionalismo argelino. «Este gesto é simbólico», explica-nos. «Creio profundamente que é necessário ultrapassar, entre elementos sinceros, aquilo que pôde separar-nos. Entre nós, censura-se muitas vezes os palestinos pelas suas divisões. Mas os palestinos ultrapassaram-nos no plano revolucionário. Atingiram um nível superior de organização democrática, uma faculdade de aceitação do outro, que não nos faria mal.

Místico?

Se, entre a MNA e a FLN tivessemos podido atingir um denominador comum, o futuro teria sido melhor. «Foi nesse mesmo espírito que Ben Bella, quando ainda estava com residência fixa na wilaya de M'Sila, foi saudar os habitantes da aldeia de Mellouza, vítima, durante a guerra, de um ajuste de contas entre facções rivais.

«O senhor tornou-se um místico, um partidário de uma sociedade islâmica à maneira iraniana, e houve mesmo quem tivesse utilizado a expressão» o ayatollah Ben Bella. «Reconhece-se neste retrato?

— Não. Tenho muito respeito pelos ayatollahs mas eles nada significam na tradição argelina. Muçulmano fui-o sempre. Não é novidade. Desde os dezassete anos que sempre fiz a minha oração.»

«O Islão, diz ele, pode trazer muito ao mundo moderno. O Islão aberto, tolerante, pode dar uma alternativa a um racionalismo ressequido, a ideologias que naufragaram». «Opus-me fortemente a um Islão com cheiro a fascismo», afirma com força. «Sempre fui um progressista e continuo a sê-lo. Místico? Sou um homem de acção e para tal e sinto-me, de resto, incapaz de atingir tais alturas. Não sou suficientemente puro. Em contrapartida, li muito e reflecti nessas leituras». Diz-se muito tocado por Alexis Carrel, Teilhard de

Chardin, mas também por Ghazali(1).

«Que nos trouxe o Ocidente? pergunta ele. A sociedade que nos é apresentada como um modelo é construída sobre túmulos: o da «raça» vermelha, que já só existe nos manuais da história. Os seus últimos representantes estão metidos em «campos», na América do Norte, e são assassinados na América do Sul. Quanto à África Negra, essa teria 800 ou 900 milhões de habitantes sem os massacres e as deportações em massa perpetrados pelos «mercadores de madeira de ébano». O presente também tem sangue. Quer se trate de Goulag, quer se trate dos campos de extermínio nazis, tudo foi engendrado por um racionalismo que erigiu em dogma e eficácia friamente matemática. E chegámos a uma sociedade de consumo que gasta sem cautela as riquezas naturais e polui a Natureza. Recuso uma tal lógica. Ela vai desembocar numa falência. Os jovens tomaram consciência disso. Se eles se voltam

popular

viar «conselheiros» e ajuda militar. Isto demonstra que o exército local está a perder terreno face ao avanço do movimento revolucionário. Agora mesmo a Junta está a levar a cabo um programa que tem como objectivo prevenir qualquer levantamento geral por parte da população rural localizando forças da sua confiança em vilas estratégicas, semelhantes àquelas que foram efectuadas durante a guerra de agressão norte-americana a esse país da Indochina.»

da por Hector Oqueli, ca Revolucionária de

Recordamos a propósito recentes acções levadas a cabo pelas forças revolucionárias contra empresas pertencentes às chamadas «14 famílias».

«Existe uma lenda das '14 famílias'. Digo que se trata de uma lenda porque, na realidade, eram somente 14 as famílias mais ricas em finais do século passado. Actualmente o número é bastante superior porque estas ramificaram-se, entretanto, (conservando um tronco comum), mas constituindo ainda menos de um por cento da população total de El Salvador.

O controlo exercido tradicionalmente por estas famílias tem ficado com que, embora tenha havido investimentos estrangeiros na nação, seja a oligarquia quem exerce o domínio sobre a terra, do sistema bancário e financeiro, assim como o do comércio e da ainda crescente indústria salvadorenha, dado que nunca foi permitido a nenhum governo levar a cabo uma política aberta de benefício para as multinacionais que atacam contra os seus próprios inte-

resses.

Um assunto vigente, denunciado pelas organizações revolucionárias de El Salvador é o actual massacre que têm vindo sistematicamente a efectuar os corpos repressivos da Junta que continua o extermínio total de toda a oposição do país.

«Durante os funerais do arcebispo de S. Salvador, monsenhor Oscar Romero, assassinado em Março último, isto foi igualmente tentado.

Para se poder compreender esta situação terá de ser feito um pouco de história.

A ditadura militar que impera em El Salvador desde 1932 assassinou cerca de 30 mil pessoas do milhão e meio que compunha a população do país. Segundo a sua tese, isto permitiu ter 50 anos de paz, paz para a oligarquia, para a minoria privilegiada.

«Actualmente que a nação conta com cinco milhões de habitantes, a Junta Militar democrata-cristã, prevê que, para ter outras cinco décadas de paz, terá de assassinar um milhão e meio de pessoas e é isto o que tem estado a tentar fazer.

O representante salvadorenho fala sobre a ilha caribenha, cenário das suas denúncias contra o regime que oprime a pátria centro-americana.

«A consolidação da revolução em Granada contribuirá decisivamente para o fortalecimento dos processos tendentes a levar a verdadeira independência para a América Central e Caraíbas. É por isso que as forças progressistas e democráticas de S. Salvador vêem com admiração a revolução granadense e os triunfos alcançados sob a orientação do seu primeiro-ministro, Maurice Bishop, e o Partido da Nova Joia que marcam o passo da vanguarda revolucionária na região.»

moderno

para o Islão é porque querem um mundo novo, que volte a dar o seu lugar ao espírito. Dito isto, não recusamos o Ocidente como tal, o Ocidente de Cristo, de Santo Agostinho, dos construtores de catedrais.»

Ben Bella anima-se ao falar de um tema que lhe diz muito. As pa-

lavras correm, ritmadas pelos gestos das mãos. Mas a porta abre-se e o amigo que serve de «chefe do protocolo» faz sinal ao antigo chefe de Estado. Estão à espera outros visitantes que é preciso receber. ■

(1) Jurista, filósofo e místico árabe do século XI.



Ben Bella antes do golpe que o derrubou



No país de James Carter e Reagan a liberdade dos fascistas também é um facto que não deixa dúvidas a ninguém! A prova é aí temos este elucidativo documento. O líder nazí Harold Covington deu uma conferência de imprensa no meio do cenário que se vê. À direita vê-se o chefe da Klu-Klux-Klan, Gorell Pierce. O objectivo da conferência foi defender a liberdade... de seis nazis da Klu-Klux-Klan julgados (e absolvidos) pelo assassinio de cinco comunistas. E a criação de um Estado independente unindo a Carolina do Norte e do Sul e reservado a brancos (não comunistas nem judeus) naturalmente!

FACETAS DO NEONAZISMO FRANCÊS

1 — O regresso dos adeptos do vichysmo

■ J. M. Théolleyre

□ Le Monde

Sossegal, boa gente, ao que parece o neonazismo francês não existe... São os seus adeptos que o dizem. Um novo nacional-socialismo talvez, que quer ter o seu lugar ao sol como qualquer corrente de pensamento e que pretende ter direito ao debate de ideias e à polémica em nome da liberdade de expressão. Diz um: «Em 1980 já é tempo de discutirmos». E outro: «Achamos que a sociedade deu um lugar ao sol ao mais estúpido, ao mais porco, ao mais louco. Talvez seja urgente mudar as coisas.» E outro ainda: «Sou um homem de direita, creio num certo número de princípios que podem parecer antiquados: a família, a pátria, a justiça, a liberdade». E o próprio Marc Fredriksen, sentindo-se forte com a sua recente nomeada, assegura, apesar dos seus escritos, que não sente ódio «porque não pode haver ódio em as pessoas que querem reconhecê-lo na sua raça». Só há portanto profissões de fé de não violência, proclamações de reivindicações legalistas.

No entanto, os factos são estes, e, sem eles não nos interessaríamos pela FANE nem pela sua gente, nem pelas suas origens, nem pelo seu percurso político. Sem os quais também não nos interrogaríamos acerca das doutrinas que podem motivá-los. Há anos e, principalmente há meses

tem havido atentados, agressões, expedições punitivas contra imigrantes, ameaças múltiplas, inscrições nas paredes das cidades e dos seus arredores. Alguns actos desses foram assinados e apareceram então nomes de movimentos, de grupos diversos: «Grupo Peiper», «Ordem e Justiça Nova», «Clube Charles Martel», «Honra da Polícia», «GNR» (Grupo Nacionalista Revolucionário), «Grupo Delta», FANE, etc. Depois foram metralhadas as fachadas de sinagogas, de creches ou escolas de judeus. E, para terminar, houve a bomba da Rua Copérnico.

Talvez não devêssemos misturar tudo. Das inscrições de cruzes suásticas, exercício em que uma ou duas vezes foram surpreendidas crianças de catorze anos — como aconteceu em Nice — ao acto de terrorismo extremo, nem tudo passa pela mesma linha. Mas também não se deve tomar somente a sério o acto da Rua Copérnico, atirando o resto para as costas de alguns garotinhos amadores de «umas bebidas à saúde do Führer, em trajes folclóricos». Esses grupos existem e os seus filiados não têm necessariamente a cabeça rapada e a silhueta dos modernos manequins das lojas de confecções. Eles reúnem-se, circulam, como circulam os textos que lêem. Com que esperança?

Porque eles não têm possibilidades como no tempo do caso Dreyfus, ou, como no nosso século, as ligas dos anos 30. A sua

imprensa é confidencial, tem poucos seios. Notre Europe, Boletim da ex-FANE, tira por mês, segundo Fredriksen, 1000 números policopiados e que custam 4 francos aos assinantes. «L'Oeuvre Française», movimento de Pierre Sidos e herdeiro de «Occident», dissolvido em 1958, teve de renunciar a publicar o seu jornal Le Soleil e transformou-o numa simples «carta». O movimento nacionalista revolucionário de Jean-Gilles Malliarakis não parece dispôr de mais possibilidades neste campo.

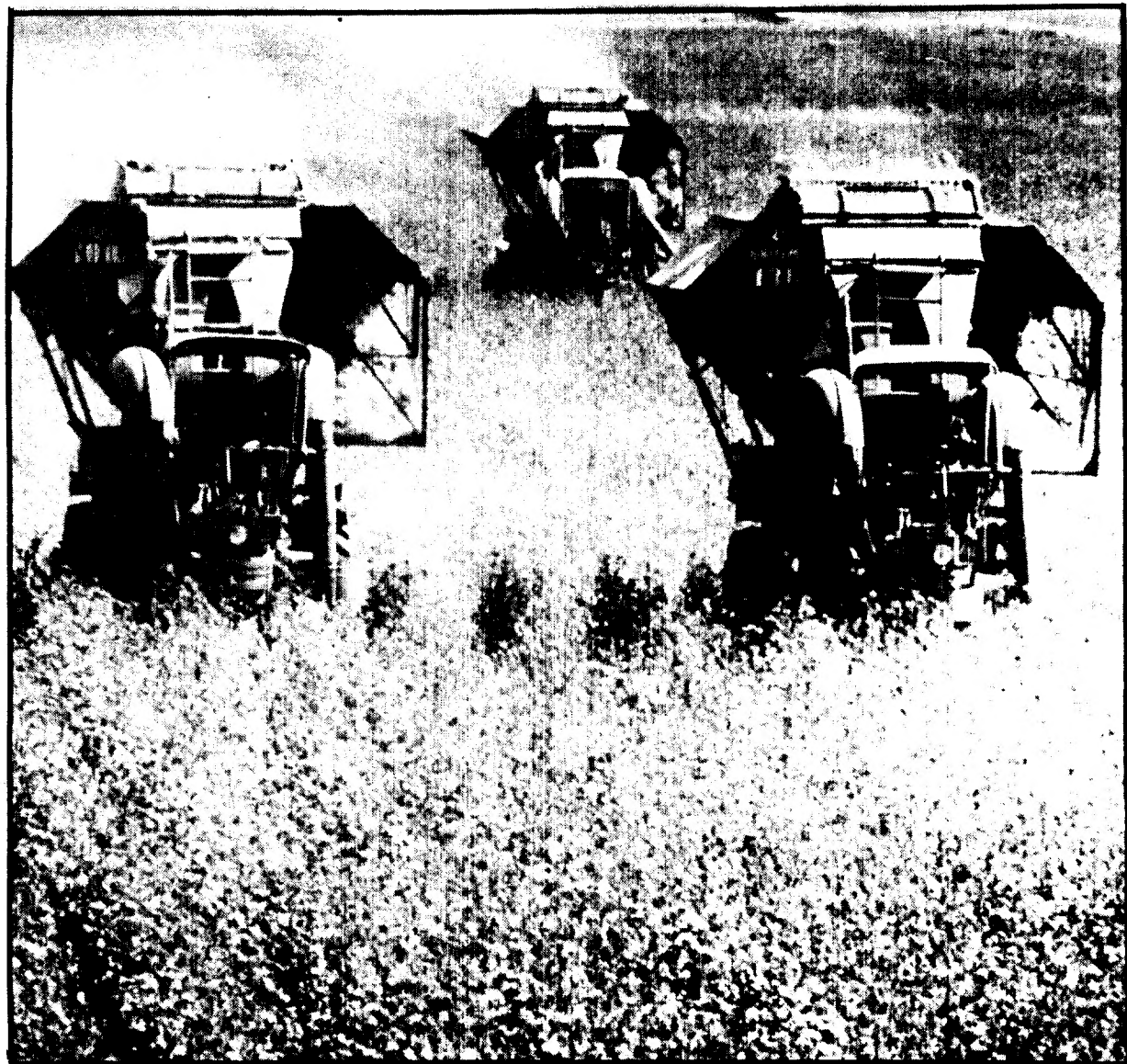
Para mais, há entre os grupos divergências profundas, nascidas de rupturas mais ou menos antigas sobre a doutrina, e devidas também a querelas pessoais, o que leva uns a atacar, nem sempre discretamente, os outros.

«Se a FANE pôde nascer e desenvolver-se, disse a senhora Marie-José Chombart de Lauwe, testemunha das partes civis no processo de Fredriksen, isso aconteceu porque o terreno há já anos que estava preparado.» E é de certo modo que desde 1950 pôde-se assistir em França a uma tão lenta como paciente empresa com vista à banalização do nazismo. De início ela só foi vista por aqueles que saíam da Resistência e da deportação. Em 1945, a libertação, com a depuração que a acompanhou, fôra um golpe terrível para tudo o que antes da guerra pertencia à extrema-direita e que em

**A BAIXOS PREÇOS
A LINHA DE LUXO 80-81**

TURQUEMÊNIA

A água irrigou o deserto



Novosti

O deserto de Karakum que ocupa mais de 80 por cento do território da Turquemênia soviética, é considerado como um dos maiores do mundo. Durante milênios, os habitantes do deserto lutavam pela água, construindo barragens em madeira nos escassos riachos, que secavam quase completamente no Verão, e cavando pequenos canais de irrigação.

A situação mudou no entanto a partir de 1929-32, data em que foi iniciada a reforma agrária na Turquemênia, tendo em vista a distribuição de terras e de água. As pequenas explorações individuais, pouco produtivas, que utilizavam alfaías agrícolas rudimentares, fundiram-se em explorações colectivas que, recebendo instrumentos poderosos, puderam reconstruir a antiga rede de irrigação e construir uma nova, protegida contra o avanço das areias.

O problema da irrigação era o de mais urgente solução, tanto em relação à Turquemênia, como nas repúblicas vizinhas da Ásia central: Uzbequistão, Tadjiquistão e Kirguízia. E assim que, entre 1924 e 1933, foram construídos 38 grandes canais de escoamento livre, que totalizavam 500 quilómetros. Um pouco mais tarde, construíram-se várias represas de água, consideradas na época muito importantes.

O tempo foi passando e novos kolxoses e sovkhoses surgiram nas terras conquistadas ao deserto. Mas, o problema da água

subsistia, já que aumentava o seu consumo. No sudoeste da república, então, a resolução do problema era premente, pois aqui a falta de água fazia-se sentir com particular incidência, o que não acontecia com as regiões situadas a leste, que detêm 90 por cento dos recursos em água da república — o abundante rio Amoudária. Era, pois, necessário corrigir o «erro» da natureza, transferindo água para as zonas carentes, através da construção de obras hidrotécnicas, inéditas na altura.

Em 1954, iniciou-se a construção da primeira secção de um rio artificial, o canal de Karakum. Hoje, o rio Karakum estende-se por mais de mil quilómetros através das dunas. Foram criados nessa zona reservatórios de água com uma capacidade total superior a mil milhões de metros cúbicos. Mesmo nos anos mais secos, o canal transporta até 10 mil milhões de metros cúbicos de água.

A água do Amoudaria irriga assim seis milhões de hectares de terras irrigadas da Ásia central. Aqui, onde antes era o deserto, vêem-se hoje barcos à vela, pois o canal é navegável numa extensão de 500 quilómetros. Novas cidades e vilas apareceram ao longo do seu traçado, e são explorados jazigos de gás, petróleo e outros minérios úteis. Na zona do canal, cria-se também gado e cultiva-se cerca de metade da produção de algodão da república, que atinge anualmente um milhão de toneladas.

A construção do canal de Karakum prossegue. Num futuro próximo, o seu comprimento alcançará 1450 quilómetros.

FACETAS DO NEONAZISMO FRANCÊS

5

graus diversos se adaptara à vitória hitleriana. Vitória que realizara em poucas semanas aquilo que ela não pudera realizar sozinha: o fim da República através desse voto parlamentar que deu plenos poderes a Philippe Pétain. Nos quatro anos que se seguiram, mesmo que a política de Vichy pudesse parecer insuficiente aos mais ultras, foram feitos acordos cada vez mais graves, de modo que era difícil negar que ela estivesse de acordo com um desejo de vitória hitleriana.

A verdadeira esperança

Da expressão deste desejo recorda-se muitas vezes a frase pronunciada a 16 de Junho de 1942 por Pierre Laval: «Desejo a vitória da Alemanha...» esquecendo o essencial... porque sem ela o comunicado instalava-se à breve em toda a Europa». Ora essa frase contém em si a base daquilo que é hoje o material que compõe os vários partidos e formações da extrema-direita neonazi, mais ou menos obediente. Foi e continua a ser ela o fio condutor. E aí reside a verdadeira esperança numa época em que o goulag revelado e em que as intervenções soviéticas, como a do Afeganistão podem mobilizar e, ao mesmo tempo, fazer surgir uma «clientela» potencial.

E nisto que sempre continuaram a bater os antigos adeptos do vi-

chismo e da colaboração. O seu combate, ainda discreto, fazia-se pela reabilitação de Pétain, que em 1951 morreu na ilha de Yeu, onde estava detido, reabilitação essa que era a sua própria reabilitação. Quanto aos outros, mais abertamente nazis, que tinham feito parte da divisão SS francesa «Charlemagne», adeptos das teorias racistas, lutavam por uma «revisão» da imagem do nacional-socialismo hitleriano. Ainda não se tinha chegado à recente frase de Darquier de Pellepoix: «Em Auschwitz só foram gaseados piolhos». Publicado em 1950, **Nuremberg ou a Terra Prometida**, de Maurice Bardèche, actual gerente de Defesa do Ocidente, é um escândalo e dá lugar a um processo.

Entretanto outra literatura vai seguir-se e, paradoxalmente, cada vez mais abundante conforme se afasta do período a «banalizar». Paradoxalmente ou logicamente? Nos cinco anos que se seguiram à libertação houve uma inflação de livros e de recordações de antigos deportados. Estes testemunhos raramente tiveram verdadeiro sucesso. Sabia-se tudo. Estava-se farto. A palavra, com desprezo ou ironia, aparecera: resistencialismo. Queriam esquecer? Esqueceram.

Uma mudança de geração

Esquecimento culpado? Foi ainda o recente processo de Fre-

driksen, que o professor Vladimir Jankelevitch respondeu afirmativamente: «A França não respeita a sua história, mas somos nós os culpados desde a Libertação.»

E certo que não se deu muita atenção a estes trabalhos que há dez anos se vêm multiplicando e em que se contam as campanhas da divisão Charlemagne e de outros «jovens falcões do Führer». Habilmente dava-se a entender que todo esse período só dissera respeito a combatentes de igual coragem e portento dignos de todo o respeito. Houvera dois campos. Como em todas as guerras. A bravura e os méritos eram igualmente repartidos. O cinema entrou em acção. **Os bons e os maus**, de Claude Lelouch; **Lacombe Lucien**, de Louis Malle, podem dar a entender que, no fundo, as escolhas feitas entre 1940 e 1944 se deviam ao acaso. E o próprio Brasseur dava-nos no mesmo disco o seu «Tonton Teuton» e o outro. A geração tinha mudado.

Mas o neonazismo ainda não se mostrava à luz. A FANE, fundada em 1966, era completamente desconhecida. Em contrapartida, e sem se aparentar abertamente com ele, a extrema-direita já tinha procurado retomar, entre 1945 e 1970, um lugar que a distribuição política ainda não lhe permitira ocupar.

Os mais velhos aproveitavam todas as ocasiões para se fazer ouvir. A guerra-fria foi uma dessas ocasiões. Como o foram a guerra da Indochina, na época em que

esta era somente francesa. Os ataques contra Pierre Mendès-France, em 1954, no momento em que este negociava em Genebra, não foram simplesmente devidos à sua oposição parlamentar. Os clamores da antiga direita falam de «abandono, de traição».

O «caso das fugas» já mostra que um polícia como o comissário Jean Dides, sob o báculo do chefe da Polícia de então, Jean Baylot, pode recorrer aos serviços de homens comprometidos com Vichy. Da mesma maneira pôe em evidência um Jean-Louis Tixier-Vigancourt que, por ocasião do «processo das fugas», em 1956, será procurador contra testemunhas chamadas Pierre Mendès-France e François Mitterrand.

Prolongamentos espirituais

Estes tumultos de pretório são acompanhados por outros, de rua. Fundada em 1949, a **Jeune Nation** torna-se notada nessa altura através dos irmãos Sidos, que não podem esquecer que são filhos de um colaborador de Joseph Darnand, secretário de Estado para a manutenção da ordem, durante a ocupação, condenado à morte e fuzilado na Libertação. Eles próprios haviam sido condenados na mesma altura por pertencerem às Juventudes de Marcel Bucard, outro movimento pertencente à política de Vichy.

Estabeleceu-se assim uma continuidade. Pierre Sidos, hoje quin-

quagenário, presidente da **Oeuvre française** e que ainda se encontra entre as pessoas que foram interrogadas após as rajadas de metralhadora contra as sinagogas, em fins de Setembro, não dissimula o facto: «L'Oeuvre Française é o prolongamento espiritual da Jeune Nation». Condena a FANE mas porque ela não é nacionalista de estrita obediência e boa tradição. Embora ache que ela dá, com o seu comportamento, «uma imagem caricatural do nacional-socialismo», parece desculpá-la um pouco: «São jovens, muitas vezes filhos de desaparecidos na tormenta de 45, como o meu pobre pai, cujo único erro foi ser patriota. Não se pode tratar por cima do ombro o período de 1940-1945, assim como o período colonial. Acaba sempre por aparecer como uma frustração e depois não nos espantemos com as reacções.»

Foi este o caminho desse extremismo de direita que julgou poder aproveitar-se, primeiro da Indochina, depois da Argélia francesa e da O.A.S., passando pelo espantoso e efêmero fenómeno do poujadismo de 1956, que deu a um Jean-Marie Le Pen um lugar na Assembleia Nacional. Outras tantas aventuras sem amanhã, outros tantos fracassos cujas recordações ficam. O enxerto nunca pôde fazer-se em profundidade e nunca sobretudo em proveito daqueles que neste tempo das grandes crises francesas não passavam, no fundo, de homens utilizados mas que nunca puderam seriamente acreditar que conduziam o jogo.

PELO MUNDO

UTILIDADE MODERNA DOS VELHOS MOINHOS DE VENTO

Uma equipa de técnicos do Instituto de Tecnologia de Cranfield em Inglaterra, estão empenhados na investigação de alguns dos principais problemas do aproveitamento da energia eólica com vista à produção de electricidade mais barata a partir de moinhos de vento.

Estes moinhos, actualmente denominados «aerogeradores», são considerados na Grã-Bretanha como constituindo uma alternativa para a produção de energia. Porém, tal como acontece com os motores dos aviões a jacto, as variações nas correntes de ar podem exercer sobrecargas irregulares sobre o compressor, a turbina ou as hélices do moinho, e a fadiga daí resultante tem causado sérios problemas neste campo ao longo dos últimos anos.

O projecto a ser executado ao longo dos próximos dois anos pela equipa de Cranfield, chefiada pelo sr. Peacock, envolve cerca de 116 000 libras, e consiste na pesquisa de um processo que permita prever correntes de ar irregulares mediante a observação de fenómenos naturais tais como as rajadas de vento.

Os antigos moinhos de vento são totalmente diferentes dos actuais aerogeradores, onde as velas de madeira foram substituídas por hélices de aço com 24 metros de diâmetro, semelhantes aos rotores de um helicóptero. Em colaboração com a Universidade de Delft, na Holanda, os investigadores de Cranfield estão empenhados em aumentar a eficiência dos moinhos de vento, fazendo passar através dos rotores uma massa de ar maior. Um aumento de apenas 10% num moinho de grandes dimensões poderia conduzir a uma redução considerável no custo de produção de energia.

Estudos de viabilidade estão a ser efectuados em oito pontos diferentes do Globo, com vista a determinar a possibilidade de desenvolvimento de moinhos de vento nessas áreas. Entre estas, encontra-se a ilha Tristão da Cunha, no Atlântico Sul, onde os donos de uma fábrica de congelamento de peixe pretendem substituir os motores a diesel utilizados como geradores de energia, por um moinho de vento de grandes dimensões, dada a crescente subida dos preços de petróleo.

O PAPA NA ALEMANHA FEDERAL



O Papa fotografado em Mogúncia. Ao dirigir-se a milhares de trabalhadores que o escutavam, debaixo de chuva, João Paulo II disse: «O imperialismo, a agressão, o domínio, a exploração e o colonialismo devem ser abolidos.» Mas nem tudo foram rosas (ou aplausos) na viagem à RFA que João Paulo II terminou na passada quarta-feira. Os espinhos cravou-os (entre outros) a jovem Bárbara Engel que vemos na foto da direita. Bárbara, dirigente da Associação da Juventude Católica alemã-federal, condenou publicamente, em nome da organização a que pertence, as posições conservadoras do Papa em matéria de sexualidade, aborto, contracepção, casamento dos padres e papel da mulher no mundo. Bárbara falou em Munique, frente às câmaras da televisão, no final da missa campal que João Paulo II aí celebrou. A digressão pontifícia também não foi pacífica no que toca às relações entre as Igrejas católica e luterana alemãs-federais. O episcopado alemão considerou no entanto o balanço da viagem como «extremamente positivo».

JULGAMENTO DO "BANDO" DOS QUATRO

Uma telefoto que nos vem da China. Um aspecto do julgamento que decorre em Pequim, tendo como réus o chamado «bando dos quatro» e em que se vê uma parte da assistência e da bancada da defesa. Pela primeira vez, a televisão chinesa deu imagens do que se passou no tribunal.



O NOVO PRESIDENTE DO BOTSWANA VISITA A SRA. THATCHER



O novo presidente do Botswana, Quett Masire, fez a primeira visita oficial do seu mandato à Grã-Bretanha. Aqui o vemos acompanhado da primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, pouco depois da sua chegada a Londres. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»).

EXCLUSIVO

N.º 48/80

